

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROJETO E CIDADE**

CRISTINA MARIA COSTA PRADO

**BAIRRO, FUTEBOL E TERRITORIALIDADES: CAMPINAS E O
ATLÉTICO CLUBE GOIANIENSE**

**Goiânia
2018**

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do autor: Cristina Maria Costa Prado

Título do trabalho: Bairro, futebol e territorialidades: Campinas e o Atlético Clube Goianiense

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.



Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:



Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 05 / 10 / 18

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o(a) autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação [] Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:


Nome completo do(a) autor(a): *Cristina Maria Costa Prado*

Título do trabalho: *Bairro, Futebol e Territorialidades: Campinas e o Atlético Clube Goianiense*


3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM [] NÃO

Independente da concordância com a disponibilização eletrônica, é imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: *29 / 06 / 22*

1 Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

2 As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento. Imagens coladas não serão aceitas.

CRISTINA MARIA COSTA PRADO

**BAIRRO, FUTEBOL E TERRITORIALIDADES: CAMPINAS E O
ATLÉTICO CLUBE GOIANIENSE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como requisito para obtenção do título de mestre em *Projeto e Cidade*, sob orientação da professora Dra. Adriana Mara Vaz de Oliveira.

**Goiânia
2018**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Costa Prado, Cristina Maria

Bairro, futebol e territorialidades: Campinas e o Atlético Clube Goianiense [manuscrito] / Cristina Maria Costa Prado. - 2018.
CLXXXI, 181 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Adriana Mara Vaz de Oliveira.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - Projeto e Cidade, Goiânia, 2018.

Bibliografia. Anexos.

Inclui mapas, abreviaturas, lista de figuras.


1. Bairro de Campinas. 2. Atlético Clube Goianiense. 3. Territorialidade. 4. Identidade Campineira. I. Vaz de Oliveira, Adriana Mara, orient. II. Título.

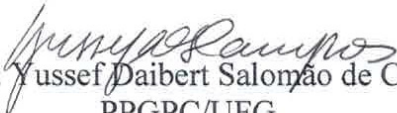
CDU 72(09)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROJETO E CIDADE
Campus Samambaia, Av. Esperança, s/nº - Campus Universitário – CEP: 74.690-900, Goiânia/GO.
Fones: (62) 3521-1413 www.fav.ufg.br/projetoecidade

Ata nº 13/2018 da reunião da banca examinadora da defesa de dissertação de **CRISTINA MARIA COSTA PRADO** - Aos dezessete dias do mês de agosto do ano de dois mil e dezoito (17/08/2018), às 14h30min, no auditório da Faculdade de Artes Visuais da UFG, Campus Samambaia, foi realizada a sessão pública de avaliação da dissertação intitulada “Bairro, futebol e territorialidades: Campinas e o Atlético Clube Goianiense”, em nível de Mestrado, área de concentração em Projeto, Teoria, História e Crítica, linha de pesquisa em História e Teoria da Arquitetura e da Cidade, de autoria de CRISTINA MARIA COSTA PRADO, discente do Programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade da Universidade Federal de Goiás. A banca examinadora foi composta pela Profa. Dra. Adriana Mara Vaz de Oliveira (PPGPC/UFG), orientadora e presidente da sessão; pelo Prof. Dr. Yussef Daibert Salomão de Campos (PPGPC/UFG) e pela Profa. Dra. Deusa Maria Rodrigues Boaventura (UEG). A sessão foi aberta pela presidente da Banca Examinadora, Adriana Mara Vaz de Oliveira, que fez a apresentação formal dos membros da Banca. A palavra a seguir, foi concedida à autora da dissertação que, em 20 minutos procedeu à apresentação de seu trabalho. Terminada a apresentação, cada membro da Banca arguiu a examinanda. Terminada a arguição, procedeu-se à avaliação da defesa. Tendo-se em vista o que consta na Resolução nº. 1488/2017 do Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura (CEPEC), que regulamenta o Programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade, a dissertação foi considerada Aprovada, com as seguintes observações da banca examinadora: ATENÇÃO AS CONSIDERAÇÕES DA MESMA.

Cumpridas as formalidades de pauta, a presidência da mesa encerrou esta sessão de defesa de dissertação e, para constar, eu, Rafael Argôlo Coelho, secretário do Programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade, lavrei a presente Ata que depois de lida e aprovada, será assinada pelos membros da Banca Examinadora em quatro vias de igual teor.


Prof. Dra. Adriana Mara Vaz de Oliveira
Presidente – PPGPC/UFG


Prof. Dr. Yussef Daibert Salomão de Campos
PPGPC/UFG


Prof. Dr. Deusa Maria Rodrigues Boaventura
UEG

AGRADECIMENTOS

À minha querida orientadora Adriana Mara Vaz de Oliveira, os meus sinceros agradecimentos, por todos os encontros engrandecedores, pelas “brincas” e principalmente por acreditar em mim quando eu mesma duvidava ser capaz.

Ao meu pai, Carlos Magno, por transferir todo esse sentimento de amor e dedicação a Campinas e principalmente ao Atlético.

À minha querida Wanessa, pela amizade, pelo amor e paciência em todos os momentos dessa caminhada e principalmente pelas conversas que contribuíram para a finalização dessa etapa.

À minha família, em especial à vovó Terezinha e a tia Lu, pelos momentos de luz diante do turbilhão de sentimentos que me deixaram desorientada, e em especial aos meus afilhados Felipe e Cauã, pela inocência infantil que acalma meu coração todos os dias.

À querida amiga emprestada, Livia, por todas as conversas incríveis.

Aos meus amigos de modo geral, mas em especial, Danielle, por dividir comigo o amor por Campinas, minhas queridas Carois, por incentivarem e apoiarem todas as minhas decisões, Raquel, Polli e Lorena, por tornarem tudo mais prazeroso, e Thais que participa de tudo desde sempre.

À minha querida mãe, Janete, que não se encontra mais no nosso plano, mas que continua me iluminando e apoiando e a vovó Luzia por todas as incríveis histórias contadas sobre Campinas.

Aos professores Márcia Metran e Yussef Daibert, pelas valiosas contribuições no exame de qualificação.

À coordenação e secretaria do Programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade da UFG, pelo apoio a todos nós alunos.

A todos os entrevistados, pelas incríveis horas de conversa e valiosas contribuições que me permitiram realizar esta dissertação. E a todos os campineiros que, de alguma maneira, forneceram elementos para eu me apaixonar ainda mais por esse bairro.

RESUMO

Campinas era um povoado antes de Goiânia, escolhido para suportar a construção da nova cidade. A incorporação a capital tornando-o bairro, trouxe modificações diversas na paisagem urbana campineira e no âmbito cultural, com a perda de algumas tradições, alguns modos de vida que foram cedendo espaço para o novo. Nesse campo de perdas, algumas territorialidades se destacam, sendo fundamentais como suporte de memória do bairro e aparato da identidade campineira. Uma delas é o time de futebol Atlético Clube Goianiense, um clube que surgiu nos meandros de Campinas em 1937, mas que, ao mesmo tempo, não faz parte dos limites administrativos do bairro. Foi um elemento fundamental como modo de manifestação da rivalidade entre Goiânia e Campinas no período de desenvolvimento da capital, contribuindo para a manutenção das tradições e dos elementos simbólicos da sociedade campineira. Viveu momentos de glória e de decadência, obtendo o apoio incondicional de sua torcida, principalmente quando se viram na eminência de perder o seu maior patrimônio, o Estádio Antônio Accioly. Este trabalho tem como objetivo então, entender quem é o torcedor atleticano e como sua territorialidade desempenha a função de transmissora de memórias e parte da construção identitária do bairro. Para isso, buscou-se autores que trabalharam questões do território, das territorialidades e da reterritorialização, também aspectos sobre memória e identidade, sobre ritos e símbolos, entre outros assuntos pertinentes. O exercício etnográfico, a classificação pela taxonomia e essencialmente, as fontes orais foram escolhidos como instrumentos para essa discussão.

Palavras-chave: Bairro de Campinas, Atlético Clube Goianiense, territorialidade, identidade campineira.

ABSTRACT

Campinas was a village that belonged to the city of Goiânia and it was chosen to support the construction of the new city. The village was incorporated to the city becoming a district. This fact brought a variety of modifications to the urban landscape and to the cultural aspects. In this way some traditions were lost and the way of life have given space to the new ones. In this role of losses some territorialities stand out and are fundamentals as support of memory of the district and apparatus for the Campinas identity. One of those is the soccer team "Atletico Clube Goianiense", which arised in the middle of Campinas in 1937 but doesn't belongs to the administrative limit of the district. It was a fundamental element as way of manifestation the rivalry between Goiânia and Campinas in the capital development period. Contributing, then, to the maintenance of the traditions and the symbolic elements of the Society of Campinas. The soccer team had lived glorious moments and decadence with the unconditional support of its crowd, specially when they saw themselves in the eminence of loose its greater patrimony the Antonio Accioly Stadium. Hence, this study had the goal of understand who is the Athletic fan and how his territoriality performs the function of memory transmitter and part of the identity construction of the district. In this way, sought for authors that have explored the territory, territorialities and reterritorialities issues. As well as it was searched for author that have discussed identity and memory aspects about rites and symbols and another pertinent issues. The ethnographic exercise, the taxonomic classifications and oral sources were chosen as instruments for this discussion.

Keywords: Neighborhood of Campinas, Atlético Clube Goianiense, territoriality, campineira identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Igreja de São José, antigo seminário dos Padres Redentoristas, datada de 1896.	19
Figura 2: Plano Urbanístico de Attilio Corrêa Lima para Goiânia.	23
Figura 3: Mapa da Cidade de Campinas com ligação pela Avenida Anhanguera com a Cidade de Goiânia.....	24
Figura 4: Planta geral de Urbanização de Goiânia. Na primeira imagem tem-se o Projeto Original de Attilio Corrêa Lima. A segunda imagem, por sua vez, são as modificações feitas por Armando Augusto de Godoy no projeto de Attilio.	25
Figura 5: Planta Geral de Urbanização de Goiânia em 1947.	26
Figura 6: Mapa da evolução dos loteamentos aprovados em Goiânia em relação a Campinas. De 1933 a 1939; até 1951, e até 1959.	28
Figura 7: Limites administrativos de Campinas.	32
Figura 8: Limite afetivo do bairro de Campinas.	33
Figura 9: Abraço ao Estádio Antônio Accioly em prol de sua reconstrução em 2004.	38
Figura 10: Casa tradicional na Rua Senador Moraes Filho.	46
Figura 11: Merceria na Rua Itú.....	47
Figura 12: Casa com alpendre na Rua Santa Luzia.....	47
Figura 13: Casa sem recuo frontal e janelas voltadas pra rua, na Rua Itú.....	47
Figura 14: Residência que buscou referências do art déco, localizada na Av. Sergipe, em frente a uma casa tradicional.	48
Figura 15: Fachada do Estádio Antônio Accioly na Av. Perimetral antes da última reforma.....	48
Figura 16: Estação Ferroviária de Goiânia.....	49
Figura 17: Casa de Bariani Ortêncio na Praça Cívica.	49
Figura 18: Casa na Rua 55 no Centro de Goiânia.	49
Figura 19: Casa na Rua 75 no Centro de Goiânia.	50
Figura 20: Primeira foto do Atlético Clube Goianiense em 1937.....	62
Figura 21: Hotel Pouso Alto no anos de 1937 (antiga Pensão Duarte), na	63
Figura 22: Alguns dos jovens fundadores do Atlético ClubeGoianiense,	63
Figura 23: Uniforme do Clube de Regatas Flamengo em 1973.	64
Figura 24: Uniforme do Atlético Clube Goianiense em 1974.....	65

Figura 25: Escudos do Atlético Clube Goianiense e do São Paulo Futebol Clube respectivamente.	65
Figura 26: Na década de 1950, tanto o Estádio quanto a Praça A tinham apenas suas áreas definidas.	66
Figura 27: Antônio Accioly, ex-presidente do Atlético Clube Goianiense, nome dado ao Estádio do time em sua homenagem.	67
Figura 28: Equipe do Atlético campeã em 1944. Em pé: Paulista, Chancão,	68
Figura 29: Vista do interior do campo atleticano no início da década de 1950.....	71
Figura 30: Campo do Atlético em 1955.	71
Figura 31: Estádio Antônio Accioly recebendo a torcida do Atlético. Nota-se a popularidade do esporte no bairro, em 1956.....	72
Figura 32: Foto aérea do Estádio Antônio Accioly em 1954.....	72
Figura 33: Construção da arquibancada do Estádio Antônio Accioly em 1958.	73
Figura 34: Entrada do Estádio Antônio Accioly em 1958.	73
Figura 35: Fachada do Estádio Antônio Accioly por volta de 1970.	74
Figura 36: Estádio Antônio Accioly destruído em 2003.	74
Figura 37: Arquibancada e muro destruídos no estádio em 2003.	75
Figura 38: Arquibancada destruída em 2003.	75
Figura 39: Campo e arquibancada destruídos em 2003.	76
Figura 40: Máquinas da prefeitura trabalhando na limpeza da área do estádio.....	77
Figura 41: Estádio reformado em agosto de 2005.	77
Figura 42: Estádio reformado em agosto de 2005.	78
Figura 43: Praça Joaquim Lúcio nos anos 40 e em 2017. Embora ainda exista o coreto, ele está praticamente todo fechado para o público.	86
Figura 44: Cine Campinas em 1936 e Igreja Universal em 2017.	87
Figura 45: Edifícios dos antigos cinemas de Campinas que hoje servem aos comércios e serviços variados do bairro.	87
Figura 46: Lago das Rosas. Primeira foto em 1952 e segunda foto nos dias atuais.	88
Figura 47: Pôster do filme Fu Manchu.	88
Figura 48: Mercearia e Frutaria Maranhense na Rua José Hermano em Campinas.	91
Figura 49: Flyer de uma festa maranhense divulgada na Rua José Hermano.....	91
Figura 50: Avenida 24 de Outubro.	100

Figura 51: Praça do Ginásio de Campinas - Dia de feira	101
Figura 52: Ambulante pelas ruas de Campinas.....	101
Figura 53: Moradora se apropriando da calçada, em Campinas.....	103
Figura 54: Banco existente na calçada em Campinas.	103
Figura 55: Famílias usufruindo do espaço no Parque Campininha das Flores	104
Figura 56: Os skatistas são os usuários frequentes dessa área do bairro.	104
Figura 57: Tipos de torcedores.....	109
Figura 58: Diagrama taxonômico do torcedor atleticano.	112
Figura 59: Fachada do Beto's Bar.....	126
Figura 60: Localização do Beto's Bar.	126
Figura 61: Forro e controle de mesa do Beto's Bar.....	127
Figura 62: Imagens internas do Beto's Bar.	127
Figura 63: Símbolo do Atlético-GO no Glória Bar.....	131
Figura 64: Localização do Bar do Marcão.....	132
Figura 65: Imagens externas do Bar do Marcão.	133
Figura 66: Imagens internas do Bar do Marcão.	133
Figura 67: Localização do Bar do Atleticano.	134
Figura 68: Fachada do Bar do Atleticano.	134
Figura 69: Lojas na Vila Canaã fazem referência ao Atlético e ao Goiás.....	136
Figura 70: Localização do Armazém Popular.....	138
Figura 71: Fachada do armazém popular por volta de 1980 e foto atual de 2018.	139
Figura 72: Fotos internas Armazém Popular.....	139
Figura 73: Cantinho da Resenha na casa de Charlandro.	142
Figura 74: Quadros no Cantinho da Resenha de Charlandro.	142
Figura 75: Escudo pintado no muro da casa.....	143
Figura 76: Grade pintada nas cores vermelho e preto.	143
Figura 77: Mascote e ônibus do time.	143
Figura 78: Detalhes do nordeste na casa de Charlandro.	144
Figura 79: Porta do Estádio Antônio Accioly em 2016.	146
Figura 80: Tribuna de honra e arquibancada descoberta no Estádio Antônio Accioly em 2008.	147
Figura 81: Mapa de distâncias percorridas por fiéis até a Igreja Matriz de Campinas.	150

Figura 82: Imagem de atividade na Assembleia de Deus de Campinas em dia de semana.	152
Figura 83: Movimentação em dia de novena na Igreja Matriz de Campinas.	153
Figura 84: Feira de terça-feira na Praça do Ginásio de Campinas.	153
Figura 85: Avenida 24 de Outubro em meados da década de 1930.	155
Figura 86: Fachada da loja Feira Cultural de Campinas.	156
Figura 87: Feira Cultural de Campinas imagem interna.	157
Figura 88: Delicadezas urbanas da Feira Cultural de Campinas.	157
Figura 89: Fachada do Mercado Municipal de Campinas.	158
Figura 90: Fachada da Sala de 19.	158
Figura 91: Parte interna da Sala 19 em 2017.	159
Figura 92: Fachada da loja Feira Campinas na Avenida 24 de Outubro.	159
Figura 93: Mapa do núcleo original do bairro de Campinas.	161
Figura 94: Residência na Rua das Laranjeiras em Campinas.	162
Figura 95: Residência na Rua das Laranjeiras em Campinas.	162
Figura 96: Residências da Rua Tupi em Campinas.	162
Figura 97: Mercaria na Rua Tupi em Campinas.	163
Figura 98: Casa da Roça na Rua das Laranjeiras em Campinas.	164

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SEPLANHH	Secretaria Municipal de Planejamento Urbano e Habitação
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ACG	Atlético Clube Goianiense
ATAAC	Associação de Torcedores e Amigos do Atlético Clube Goianiense
ACAD	Associação Antônio Accioly
FGF	Federação Goiana de Futebol
CBF	Confederação Brasileira de Futebol

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 CAPÍTULO CAMPINAS E GOIÂNIA: CIDADE E BAIRRO	15
1.1 Campinas - Histórias e Memórias	15
1.1.1. A cidade-bairro e a religião	20
1.2. A nova capital: Goiânia	22
1.2.1. Campinas e Goiânia: os limites territoriais e afetivos	27
1.2.2. A rivalidade entre Goiânia e Campinas	35
1.2.2.1. Falando em identidade cultural	42
2 CAPÍTULO ATLÉTICO CLUBE GOIANIENSE: O FUTEBOL EM CAMPINAS 51	
2.1 O jogo segundo Johan Huizinga	51
2.2. Futebol e o seu alcance social	53
2.3. Futebol e sociedade	56
2.3. O time de futebol do bairro: Atlético Clube Goianiense	62
2.3.1. O estádio	69
2.3.2. Ritos e simbologias	78
2.4. A torcida e o time	85
3 CAPÍTULO AS TERRITORIALIDADES DO ATLÉTICO EM CAMPINAS	89
3.1. O time e o bairro: territórios, territorialidades e desterritorialização	89
3.1.1. Exercício etnográfico como meio exploratório da cidade: reconhecer lugar, paisagem e apropriações	96
3.1.2. Taxonomia dos torcedores	107
3.1.2.1. Taxonomia atleticana: a identidade dos torcedores	111
3.1.2.1.1. Torcedores Campineiros/Velhos: Tradicionais	113
3.1.2.1.2. Torcedores Campineiros/Novos: Herdeiros	117
3.1.2.1.3. Torcedores Não Campineiros/Velhos: Apaixonados	119
3.1.2.1.4. Torcedores Não Campineiros/Novos: Efêmeros	121
3.2. Territorialidades atleticanas	124
3.2.1. Beto's Bar	124
3.2.2. Outros lugares atleticanos	131
3.2.3. Casas, ruas e personagens atleticanos	136

3.2.3.1. Adão e Dinorá	136
3.2.3.2. Charlandro Brito	140
3.3. O estádio em dia de jogo	145
3.4. Para além do futebol: o bairro e suas outras territorialidades	149
3.4.1. A territorialidade religiosa	149
3.4.2. A territorialidade comercial	154
3.4.3. A territorialidade residencial: o bairro tradicional.....	160
CONSIDERAÇÕES FINAIS	166
REFERÊNCIAS	170
ANEXO	181

INTRODUÇÃO

“A geração sempre deixa outro ser novo em lugar do velho”. Com essa frase de Platão (1991, p. 82) se inicia essa discussão. O homem sempre buscou a imortalidade e a única forma racional que se encontrou para alcançá-la foi através da transmissão de seus feitos por gerações. Através das memórias transmitidas entre grupos distintos, houve a possibilidade de que um indivíduo ou uma sociedade inteira permanecessem vivos.

Campinas foi uma cidade independente que surgiu em 1810. Goiânia, no que lhe concerne, surgiu 123 anos depois, no entorno desse Município. Campinas foi fundamental para a construção da capital. Estabeleceram relações de tensões que ora fizeram Campinas preponderante, ora deram o poder a Goiânia, até que ambas se tornaram a mesma cidade. Dessas tensões restou apenas o desejo pela imortalidade vindo de Campinas que não queria perder suas memórias e suas tradições para a cidade moderna que a havia sobrepujado.

Embora essa pesquisa tenha sido iniciada oficialmente na graduação, a ligação afetiva com o bairro proporcionou um estudo diferente na pós-graduação. Através do exercício etnográfico e da história oral, como elementos importantes e fundamentais, buscou-se respostas a algumas inquietações observadas nas atitudes das pessoas diante de Campinas, principalmente um questionamento recorrente, o bairro como um problema urbano de Goiânia. Seria inadmissível aceitar essa sugestão como verdade absoluta sem antes apresentar ao leitor outro lado de Campinas e é por isso que esse trabalho foi realizado.

A necessidade de imortalidade ou da preservação das memórias a que Campinas se insere, poderia ser entendida como a necessidade de reconstituição de si mesma caminhando do passado para o presente. Isso seria um dos motivos para se preservar algo. Isso seria motivo suficiente para se preservar Campinas. Foucault (2008, p.14) apontava que,

[...] a história contínua é o correlato indispensável à função fundadora do sujeito: a garantia de que tudo que lhe escapou poderá ser devolvido; a certeza de que o tempo nada dispensará sem reconstituí-lo em uma unidade recomposta; a promessa de que o sujeito poderá, um dia — sob a forma da consciência histórica —, se apropriar, novamente, de todas essas coisas mantidas a distância pela diferença, restaurar o seu domínio sobre elas e encontrar o que se pode chamar sua morada.

A história contínua seria a função fundadora do sujeito. Campinas busca o que lhe escapou. Quer a garantia de sua reconstituição através de suas memórias, suas

heranças. Campinas deixou muitas heranças. Seja no modo de viver, nas formas de se relacionar, existem muitas histórias entremeadas em seu traçado, em suas paredes desgastadas, e nos elementos detentores de suas memórias, sejam os comércios, as residências, os mercadinhos de bairro, os produtos vendidos, as conversas nas ruas, os seus moradores.

A vida de uma cidade é um acontecimento contínuo, que se manifesta ao longo dos séculos por obras materiais, traçados ou construções que lhe conferem sua personalidade própria e dos quais emana pouco a pouco a sua alma. São testemunhos preciosos do passado que serão respeitados, a princípio por seu valor histórico ou sentimental, depois, porque alguns trazem uma virtude plástica na qual se incorporou o mais alto grau de intensidade do gênio humano (CIAM, 1931, p. 25).

A alma que é emanada por suas ruas vívidas, não no sentido de ruas movimentadas onde as relações sociais acontecem de forma contínua e intensa dia e noite, mas no sentido de ruas cheias de vidas que estabelecem suas relações afetivas, comerciais, desejos e anseios, esperanças e expectativas por ali. Vidas que dividiram histórias e que deixaram de ser compartilhadas, uma vez que a memória foi se distanciando e se perdendo diante de outras memórias, como acontece depois da morte de alguém. Halbwachs (1990) afirmava que a atenção das pessoas que ficam se fixa com maior força sobre quem se foi, porém, a imagem do morto é a menos nítida e se transforma constantemente, conforme as diversas partes da vida dele que se evoca. Completa:

À medida em que os acontecimentos se distanciam, temos o hábito de lembra-los sob a forma de conjuntos, sobre os quais se destacam às vezes alguns dentre eles, mas que abrangem muitos outros elementos, sem que possamos distinguir um do outro, nem jamais fazer deles uma enumeração completa. (HALBWACHS, 1990, p.72)

Em Campinas, alguns elementos se destacam como detentores de memórias mais que outros e alguns acontecimentos têm se distanciado tanto da atual conjuntura do bairro que os moradores têm medo de se perder. A Igreja Matriz que guarda tantas manifestações de fé, de dor, de agradecimento, vidas e memórias de muitos que por ali passaram e deixaram um pouco de si. Hoje, a tradição das novenas é vivida semanalmente por milhares de pessoas, em uma constante disseminação dessa atividade. Os comércios tradicionais que diariamente mostram sua distinção diante de outros comércios, carregando pelo tempo a singela atividade de vender mais do que produtos, o ofício de vender histórias, lembranças, carinho e respeito pelo bairro e pelas pessoas que por ele passa. As casas tradicionais e o peso dos aspectos estéticos com suas paredes grossas, seus telhados pesados, dosados pelo modo

singelo de vida que elas levam no seu interior. Passar por essas ruas é viver uma Campinas sem agitação, mas recheada de cumprimentos, conversas, sentido de vizinhança e aconchego. Todos esses elementos lidos como territorialidades existentes no bairro e que se fazem presentes como aspectos identitários do sujeito campineiro.

A territorialidade humana é um elemento poderoso. [...] é melhor entendida como uma estratégia espacial para afetar, influenciar ou controlar fontes e pessoas, controlando área; e, como uma estratégia, a territorialidade pode ser ligada e desligada. Em termos geográficos ela é uma forma de comportamento espacial (SACK, 1986, p.3).

A territorialidade é melhor pensada como algo enraizado socialmente e geograficamente e está intimamente relacionada em como as pessoas usam a terra, organizam-se no espaço, e dão sentido ao lugar. Essa busca de sentido em Campinas motivou o trabalho que se transformou em algo bem maior.

Através do entendimento das várias territorialidades campineiras, uma delas foi escolhida como elemento de extrema força e relevância no bairro, detentor de memórias, fonte de ligação entre moradores e bairro, localizada em um espaço demarcado em Campinas, o Atlético Clube Goianiense, a torcida rubro-negra e o Estádio Antônio Accioly.

Clube e bairro possuem uma história entrecruzada. Atlético nasceu em 1937 em suas ruas, por jovens que viviam o futebol de várzea em Campinas. A identidade do bairro foi construída em conjunto com as sortes e revezes de um time do povo, um time da comunidade.

Foi um grande desafio entender o futebol como algo maior do que apenas dois times correndo de um lado para o outro buscando um estado passageiro de poder. Mais do que isso, entender a manifestação cultural existente no futebol que mobiliza pessoas distintas a lutar por sua história, por sua identidade e sua capacidade de resistir ao tempo, as gerações, as novas situações, como um único grupo coeso, coerente.

Desse entendimento, classificar o torcedor a partir da ligação com Campinas, entendendo que o tipo de torcedor se modifica de acordo com a maior ou menor relação com o bairro, em decorrência do tempo de vivência ou permanência ali e se houve ou não a transmissão das tradições entre gerações.

Para isso, as entrevistas e o exercício etnográfico foram fundamentais, articulados com as outras fontes bibliográficas, arquivos documentais de alguns

órgãos municipais, algumas fotos cedidas por fotógrafos conhecidos do cenário goianiense. No entanto, as entrevistas, os relatos orais, e o observar do modo de vida desses entrevistados, permitiram captar um pouco da essência campineira posta em dúvida constantemente e a responder alguns questionamentos como: que bairro é esse? Quais são os lugares de memória do bairro? De que maneira as pessoas se relacionam com esses lugares? Quais são as tradições campineiras? Que modo de viver é esse? O Estádio Antônio Accioly é um lugar de memória? O time do Atlético Clube Goianiense é um lugar de memória? Quem é o torcedor atleticano? Quais são as territorialidades em Campinas? Quais são as territorialidades atleticanas em Goiânia? Existem territorialidades atleticanas fora do bairro? Campinas e Atlético são inimagináveis um sem o outro? Quais são os limites afetivos de Campinas? Como se dá a relação dos limites administrativos e os afetivos? O fato de não existirem muitas discussões sobre esse tema, motivou ainda mais a busca por essas respostas.

Sendo assim, a dissertação se dividiu em três capítulos. O primeiro, tratou da relação entre Campinas e Goiânia, contando a história da cidade já conhecida, seu percurso ladeado por Goiânia, finalizando nos aspectos culturais e identitários do bairro. Nesse ponto já foram apresentadas entrevistas que ajudaram a compreender os limites físicos e simbólicos, e a questão da rivalidade com Goiânia na tentativa de manter suas memórias vivas.

O segundo capítulo apresentou o time do Atlético Clube Goianiense e a sua relação com Campinas, passando por reflexões sobre o jogo, sobre o alcance social do esporte, a história do Atlético, seu estádio, os ritos e as torcidas que são elementos fundamentais para a construção da identidade campineira.

Por fim, o terceiro e último capítulo que é a parte principal de toda a discussão. Nele é apresentada a taxonomia do torcedor atleticano, desenvolvida pelos resultados do exercício etnográfico. A partir disso, o debate sobre alguns torcedores atleticanos, eles como referência identitária, e as territorialidade e o processo de desterritorialização dos espaços. Além disso, nesse capítulo são mostradas as territorialidades atleticanas dentro e fora do bairro, e outras territorialidades que se desenvolvem em Campinas, e que são responsáveis pela perpetuação das tradições campineiras.

1 CAPÍTULO | CAMPINAS E GOIÂNIA: CIDADE E BAIRRO

1.1 Campinas - Histórias e Memórias

Ao se escolher estudar uma cidade-bairro¹ onde foram realizadas poucas pesquisas, e as existentes, foram sob a perspectiva dos relatos orais, é necessário que se tenha certos cuidados para manipular tais informações. Embora esses relatos sejam fontes importantes, em contrapartida, estão ligados às memórias e experiências pessoais de quem os relatou, correndo o risco de serem confusos ou imprecisos e de também serem influências de histórias de outros (FERREIRA; AMADO, 2006).

Sendo assim, o surgimento de Campinas e o seu percurso histórico possuem poucos relatos escritos por pesquisadores que tenham se dedicado a estudar a cidade-bairro. O que consta em vários livros, são autores que buscaram narrativas de memórias referindo-se às histórias das famílias tradicionais da cidade, descrevendo suas vidas, relações estabelecidas e as experiências vividas em Campinas.

Nesse âmbito, há várias controvérsias e confusões entre os narradores. O nome original da cidade-bairro é alvo de confusão. Alguns, a denominam Campininha das Flores, como Campos (1985) e Rocha (2010), e outros como Melo (1998) e Gomes (2002), tratam-na como, Campininha das Flores de Nossa Senhora da Conceição.

Além do desacordo com o nome, também há desencontros sobre as datas e os percursos. Ora tendem a dizer que Campinas surgiu ao redor da Igreja Matriz, o núcleo gerador da cidade, ora falam exclusivamente sobre a busca pelo ouro, por isso viajantes se instalaram e o povoado se formou. Somam-se ainda algumas contradições entre as datas relatadas por vários autores.

Os relatos orais são parte das memórias de quem os relatou. São seletivos e deixam lacunas, mas são importantes para se compreender a dimensão cultural de Campinas. Nesse sentido, foram escolhidos alguns autores que discutem principalmente sobre memória, para contribuir com a construção dessa pesquisa a respeito de Campinas e do Atlético.

Maurice Halbwachs (1990) foi o principal deles. Pesquisador das memórias individuais e coletivas escreveu alguns livros sobre o tema. Segundo seus conceitos, o indivíduo estaria inserido em duas memórias: uma individual relacionada às suas

¹ O termo cidade-bairro será utilizado pela autora, para designar o bairro de Campinas, único e exclusivamente pelo fato dele já ter sido uma cidade e hoje fazer parte dos bairros de Goiânia. Se é um conceito cunhado por algum autor, não foi o caso dessa dissertação.

vivências pessoais e a outra coletiva, em que o indivíduo faria parte de um grupo, onde evocaria suas lembranças, porém, mantendo-a impessoal. A memória coletiva envolveria recordações individuais, mas ambas não se misturariam.

Nesse sentido, além da seletividade das memórias, elas também entrariam em um processo de “negociação” em busca de conciliação entre si:

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum (HALBWACHS, 1990, p.13).

Halbwachs (1990) ainda entendia a memória como um conjunto de lembranças construídas socialmente e que iriam além do indivíduo. Por isso ele ressaltou o caráter familiar, grupal, social, da memória. A memória individual teria importância, entretanto, a capacidade de lembrar não estaria vinculada ao reconhecimento de um indivíduo a um determinado espaço, mas pelo reconhecimento do grupo do qual ele faz parte àquele mesmo espaço: um lugar em que se habitou, trabalhou, viveu. Um lugar, enfim, que foi compartilhado por uma coletividade durante certo tempo, seja ele a residência familiar, a vizinhança, o bairro, o local de trabalho.

Após os estudos de Halbwachs (1990), outros pesquisadores apresentaram trabalhos sobre as questões das memórias. Michael Frisch (2006) foi um desses estudiosos. Considerou no livro *Usos e abusos da história oral* que a memória coletiva passou de várias maneiras a fazer parte dos estudos históricos, mas que existem duas dimensões que para ele se destacam. Em uma dimensão “a memória é invocada para subverter as afirmações da história ortodoxa” (FRISCH, 2006, p.75), em outra, “os estudos históricos ganharam impulso por sua capacidade de subverter as categorias, as suposições e as ideologias das memórias culturais aceitas e dominantes” (FRISCH, 2006, p.75).

Ecléa Bosi (2003) também tratou a memória como precioso instrumento para se constituir histórias do cotidiano. Ela acreditava que a história que fosse apoiada somente em materiais oficiais, não conseguiria suprir as paixões individuais que se escondiam atrás dos acontecimentos. No seu livro *Memória e sociedade: lembranças de velhos* a autora teceu interlocuções entre a história oficial, a memória coletiva e a memória individual, elaborando um retrato de São Paulo de outros tempos.

A memória vem problematizar a história eventual, que sempre selecionou quais fatos contar e quais personagens destacar. Passou a desvendar fatos e personagens

secundários, ou seja, aqueles invisíveis na documentação histórica convencional. A chamada “história de baixo para cima” significou uma visão diferente para o processo histórico. Foi nesse sentido que Frisch (2006) afirmou que a memória subverteu a história. Sendo assim, o estudo de Campinas partiu da história oficial, de trabalhos acadêmicos, mas também agregou as memórias dos campineiros.

O primeiro a registrar informações sobre Campinas, relatando a existência de um lugar ínfimo no centro do Brasil foi, Raimundo José da Cunha Mattos (1874), militar português que viveu no país entre os anos de 1817 – 1839, e que foi Comandante das Armas da Província de Goiás. Ele escreveu para a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, dizendo que o arraial pertencente à Província de Goiás, tinha onze casas e uma capela de Nossa Senhora da Conceição. Datou a fundação no ano de 1816, e ainda complementou que o arraial era habitado por agricultores e criadores de gado que faziam o fornecimento da capital, Vila Boa de Goiás. Explicou que o nome Campinas foi derivado do fato de estar em terreno plano, sem montanhas, junto ao Rio Meia Ponte.

Embora Campinas não tenha sido parte integrante do rol das povoações auríferas de Goiás no século XVIII, Zoroastro Artiaga (1947) afirmou que em 1722 a região de Campinas foi visitada por bandeirantes paulistas. Segundo relatos de um deles:

No ano de 1722 sendo eu da idade de 20 annos sentei praça de soldado aventureiro para ir a esta conquista de Goyas. Da parte que deixamos atrás, a bandeira seguia sempre o divisor pelo nascente e contornava os pontos do mato grosso desde o chapadão do Capivari, entre o Corumbazinho e o Antas. Dai sempre se afastando do mato grosso foi ter a barra do rio João Leite no Meia Ponte (DUARTE apud ARTIAGA, 1947, p.125).

Ao que consta, o local exato que o bandeirante Duarte esteve seria a cerca de cinco quilômetros do núcleo pioneiro de Campinas.

Itaney Francisco Campos (1985), historiador que desenvolveu sua monografia sobre o bairro, compreendeu o surgimento de Campinas em 1810. Segundo ele, o alferes Joaquim Gomes da Silva Gerais, natural de Meia Ponte (hoje a cidade de Pirenópolis), veio em busca de ouro nas minas de Anicuns. Se deparou com belas terras, resolvendo se fixar e formar uma fazenda. Francisco Ferreira dos Santos Azevedo confirmou essa versão no livro *Annuário Histórico, Geographico e Descriptivo do Estado de Goyaz de 1987*.

No entanto, José Assuero de Siqueira em seu livro: *Pequena Corografia de Goiás* (1942), considerou que o arraial foi fundado em 1816 por José Gomes da Silva Gerais. Segundo seus relatos:

Campinas, a 470 metros de altitude, foi fundada em 1816, por José Gomes da Silva Gerais. Criada pela lei n.º 6, de 2 de agosto de 1853, foi desmembrada de Bonfim e elevada a Vila pela lei de n.º 287, de 15 de junho de 1907 (sendo instalada a 7 de setembro do mesmo ano) e a cidade, pela lei n.º 476, de 8 de julho de 1914 (SIQUEIRA, 1942, p.48).

Horieste Gomes (2002) em suas memórias poéticas pela Campininha descreveu relatos de Augusta de Faro Fleury Curado, em viagem do Rio de Janeiro para Vila Boa, que, no 22.º pouso, constatou a existência de: “um arraial de 50 casas; no meio do largo está a igreja com seu campanário triste; não há capelão, porém, perto há um convento de frades” (GOMES, 2002, p.18).

De fato, o ano de surgimento não é certo. A lei n.º 06 de 1853 demarcou oficialmente esse ano. Ainda assim, a questão importante, não está necessariamente no ano de fundação, e sim, no desenvolvimento lento do arraial. Oito décadas depois de as possíveis datas de início, ainda era um arraial com estruturas precárias, voltado a produção agropecuária familiar, como está descrito no diário de viagem de Augusta ou de outros, como Oscar Leal, carioca que se aventurou em uma expedição para conhecer o Brasil Central. Ele escreveu o livro *Viagem às terras Goyanas* (1892), em que descreveu sua viagem em 1890, e teceu considerações sobre o arraial de Campinas:

Às quatro horas da tarde passamos pelo arraial da Campininha, o lugar mais insignificante que conheci em todo o sul de Goyaz. É uma povoação embryonaria, todavia dizem-me ser localidade de prospero futuro pelas magnificas terras das suas redondezas.

Conquanto, o arraial da Campininha ou Campinas seja habitado, creio que a população dormia áquellas horas ou aliás é muito caseira, porque não vi ninguém na rua (LEAL, 1982, p.154-155).

O relato de Oscar Leal remeteu a comicidade, ao dizer que provavelmente “os moradores eram muito caseiros, pois, não havia encontrado ninguém na rua”. Contudo, a Campininha das Flores tinha a acessibilidade precária, pois, não existiam estradas, e resumia sua existência à capela e à agricultura familiar.

Ainda que com distinções de datas, sabe-se que em 1837, Campinas foi nomeada paróquia de Bonfim, (hoje Silvânia), passando a ser administrada por uma espécie de subintendente (que seria o vice-prefeito de hoje). A cidade só se desenvolveu, quando então, em meados de 1894, chegaram os padres redentoristas alemães, cujo trabalho acarretou grandes transformações na região (CAMPOS, 1985).

Entretanto, a vinda dos padres redentoristas nada teve a ver com a capela de Campinas. As questões religiosas na cidade eram tão insignificantes quanto a quantidade de pessoas que viviam ali. A vinda foi fruto de um ideal catequizador que de fato era representativo para a igreja católica, a romaria de Barro Preto (hoje Trindade), que estava entregue a leigos. Entretanto, quando chegaram à Trindade, os moradores e organizadores da festa não foram muito receptivos e nesse clima hostil, os redentoristas optaram por Campinas (CAMPOS, 1985). Outro autor diz que a escolha por Campinas foi pelo fato da cidade possuir mais condições para a criação de infraestrutura necessária ao trabalho, como a criação de um convento (ORTÊNCIO, 2011).

Em 1895, os padres redentoristas alemães que eram formados em vários ofícios diferentes, construíram um convento e uma capela, às margens do Córrego Cascavel, do outro lado do córrego, onde hoje temos a Vila São José. A capela ainda existe (Figura 01).

Em 1907, Campinas alcançou o título de vila pela lei n.º 287, de 15 de julho de 1907. Em 1914 Campinas foi elevada à categoria de cidade, pela lei n.º 476 de 07 de setembro de 1914 (CAMPOS, 1985) (BARBOSA, 2010).



Figura 1: Igreja de São José, antigo seminário dos Padres Redentoristas, datada de 1896.
Fonte: Arquivo da autora, 2010.

Segundo o censo de 1915, Campinas já teria uma população estimada de 10.000 pessoas (BARBOSA, 2010). No entanto, essa informação vai de encontro aos dados

de 1920 que indicavam 6.000 habitantes na cidade. Ainda, pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que em 1920 o número de pessoas era de 2.000 (CAMPOS, 1985).

Em 1921, a cidade já era representada por casas de negócio, farmácias e escolas particulares (BARBOSA, 2010). Foi nesse ano que as religiosas da Congregação das Franciscanas alemãs chegaram ao município. O trabalho das duas frentes religiosas alemãs foi importante para o desenvolvimento da cidade e para a consolidação de padrões culturais que vão além do mero aspecto religioso (CAMPOS, 1985). Além disso, foram os dados contidos nos arquivos dos religiosos que contribuíram com a construção da história da cidade-bairro por parte dos estudiosos.

1.1.1 - A cidade-bairro e a religião

Seria complicado falar sobre o surgimento de algumas cidades, sem destacar a importância religiosa no desenvolvimento delas. Campinas, como dito anteriormente, crescia de forma lenta até a chegada dos padres redentoristas alemães em meados de 1894. A qualificação deles em vários ofícios, dentre os quais: engenheiros, professores, médicos entre outros, colaboraram de maneira pujante, acarretando grandes transformações na região (CAMPOS, 1985).

Para Itaney Campos (1985, p. 14), “as cidades goianas se desenvolveram, de modo geral, a partir de núcleos urbanos plantados nas regiões mineríferas, na segunda metade do século XVI”. Cidades como Vila Boa (Cidade de Goiás), Meia Ponte (Pirenópolis), Pilar, Jaraguá, entre outras, surgiram a partir de garimpos.

Já cidades onde o garimpo não aconteceu, desenvolveram-se a partir de “sedes de fazendas onde constituíam colônias e cuja limitada expansão e sobrevivência se devem à existência de estradas que as atravessavam em demanda à velha capital” (CAMPOS, 1985, p.15).

Em Campinas, a partir da doação de terras de Joaquim Gomes da Silva Gerais, um santo ou santa escolhido por ele mesmo, recebeu o título de padroeiro da casa de oração. Esse Patrimônio recebeu o nome de: Patrimônio de Nossa Senhora da Conceição. Um tempo depois chegou o primeiro padre residente para dar atendimento aos moradores que se aglomeravam ao redor da capela (SILVA, 2017).

Segundo consta em relatos de alguns padres, a vinda dos redentoristas significou para Campinas algumas mudanças, dentre as quais enumeram: a parada

obrigatória na casa dos padres para descanso das viagens, o que acarretava movimentação no povoado; a nova sede da Matriz construída por eles em 1900 e o 2.º cemitério; a instalação da primeira usina elétrica em 1921; o primeiro jornal editado nesse mesmo ano, a fundação do Colégio Santa Clara pelas Irmãs Franciscanas alemãs em 1922; no mesmo ano introduziram a primeira motocicleta em Campinas; depois, o primeiro telefone do Estado, em Campinas e Trindade em 1924; a segunda bicicleta em Campinas e o primeiro relógio de torre de igreja (CAMPOS, 1985).

Além disso, tornaram o lugar mais aprazível para quem cortava estrada a caminho da capital ou do sul do Estado. Segundo outro relato, quem perambulava por aquela região, se deparava com campo estéril, coberto de arbustos, que ninguém pensava que pudesse ser cultivado. Os padres os transformaram em hortas, jardins, vinhedos, pomares e pastos gramados (CAMPOS, 1985).

A influência dos religiosos alemães posteriormente sucedidos por missionários brasileiros, sem dúvida alguma modificou o cenário da cidade de Campinas, antes isolada do restante do Brasil, sem recursos e importância. Recebeu estradas que possibilitaram os viajantes fazerem seus pousos nas hospedarias da cidade, além é claro, de possibilitar a chegada de recursos variados, como materiais de construção e outras demandas. Tanto o colégio Santa Clara, fundado em 1922, quanto a Igreja Matriz de Campinas, administrada e reconstruída por eles, construíram sua importância em conjunto com a história da cidade e hoje possuem grande relevância em suas funções sociais, mas também como objetos de memória campineira.

A Igreja Matriz de Campinas, por seu percurso histórico, pela devoção dos fiéis e pela dimensão da participação popular, recebeu em 2016 um título internacional de muita honra para as Igrejas Católicas, sendo titulada como Basílica Menor. A raiz da palavra vem do grego *Basiliké*, que significa Casa Imperial. Se tratando de uma igreja, tem o significado de igreja imperial, ou seja, igreja que possui destaque e privilégio entre as demais da região. As Basílicas Maiores só existem em Roma (Basílica de São Pedro, Basílica de Santa Maria), para o resto do mundo as igrejas podem ser tituladas Basílicas Menores, como é o caso da Igreja Matriz.

Não existem registros exatos que precisem a idade da Igreja Matriz de Campinas, mas considera-se que são quase um século e meio de história, desde 1894 (a chegada dos padres redentoristas) até os dias atuais. A edificação existente foi erguida em 1965. O prédio anterior cujas estruturas estavam comprometidas foi demolido, e na reconstrução a fachada frontal que antes era voltada para a Avenida

Marechal Deodoro da Fonseca passou a ser para a Avenida Rio Grande do Sul (onde permanece hoje).

1.2 A nova capital: Goiânia

A ideia da mudança da capital de Vila Boa de Goiás (hoje apenas Cidade de Goiás) para outro local já era uma discussão recorrente. Desde sua designação como Capitania de Goiás nos idos de 1737, no Brasil colônia portuguesa, sua localização já era considerada desfavorável por estar cercada por montanhas que impossibilitavam seu crescimento e dificultavam o acesso (DAHER, 2003).

Essa é uma história bastante conhecida, desde a nomeação de Pedro Ludovico como interventor, a indicação da comissão julgadora e a escolha do lugar. Os procedimentos para obtenção das terras do entorno de Campinas, as doações e desapropriações, o relatório de Armando Augusto de Godoy e posterior escolha dos projetistas.

Attilio foi designado pelo decreto n.º 3.547, de 6 de julho de 1933, que além de nomeá-lo como o responsável pelo projeto, traçou as diretrizes urbanísticas e arquitetônicas que deveriam ser seguidas (MONTEIRO, 1938), (DINIZ, 2007).

Formado pela escola urbanística francesa, Attilio apresentou em sua concepção projetual características dessa escola. Partindo da praça como elemento central (Praça Cívica) tendo três grandes vias (Avenidas Goiás, Araguaia e Tocantins) convergindo a ela, proporcionavam a visão perspectiva do ponto central da cidade (DAHER, 2003) (Figura 02).

Os três pilares que estruturaram o projeto foi: sistema viário, zoneamento e configuração dos terrenos. O traçado funcional, se estruturou por vias regulares que facilitavam e agilizavam o tráfego de veículos. E as três avenidas principais que divergiam desse princípio, tinham além do objetivo funcional, também o estético, onde enalteciam o centro administrativo convergindo o espectador para ele (DAHER, 2003).

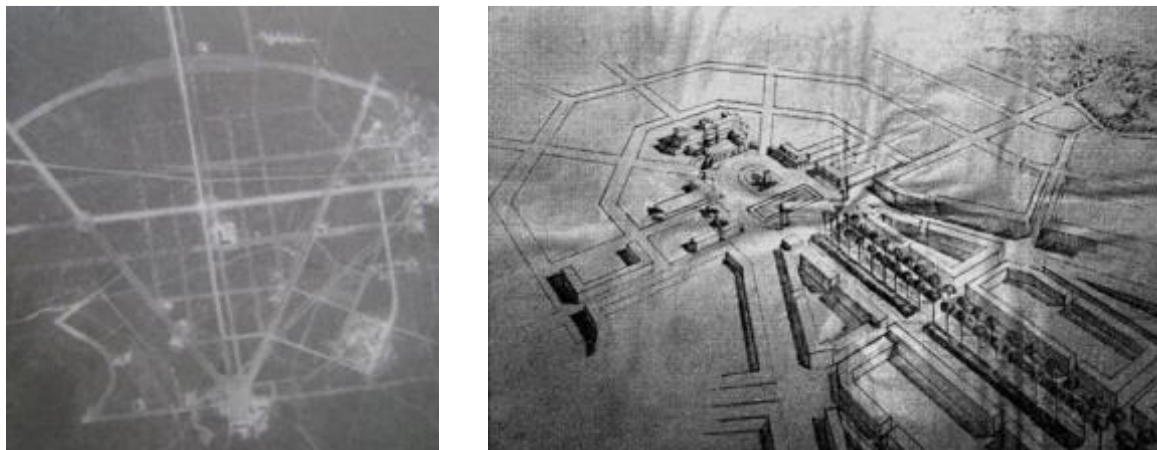


Figura 2: Plano Urbanístico de Attilio Corrêa Lima para Goiânia.
Fonte: Manso (2001)

Um ponto relevante da proposta foi a previsão de uma cidade para uma população de 50 mil habitantes, no entanto, sem que se fixasse os limites territoriais. Através de uma conformação de vias abertas, a cidade poderia crescer além da conta e não perder a continuidade do traçado entre o novo e o antigo (DAHER, 2003).

Com essa ideia de continuidade é possível notar a forma como a cidade de Campinas ligou-se à Goiânia através da Avenida Anhanguera (Figura 03), apresentando continuidade viária. Isso não significou necessariamente uma continuidade visual, afinal, Campinas permaneceu com suas edificações coloniais, destoando das características modernas das edificações de Goiânia, principalmente de algumas, no estilo *Art Déco*.



Figura 3: Mapa da Cidade de Campinas com ligação pela Avenida Anhanguera com a Cidade de Goiânia.

Fonte: SEPLANH – Goiânia e alterada pela autora, 2017.

Sobre o zoneamento, a proposta de Attilio Corrêa Lima (1937, p. 142):

O zoneamento da cidade é feito procurando satisfazer as tendências modernas de localizar as diversas atividades da cidade em zonas demarcadas, a fim de não só melhor obter a organização dos serviços públicos, como também para facilitar certos problemas técnicos, econômicos e sanitários, não falando aqui na questão estética. Se em todas as aglomerações existentes, o zoneamento constitui um problema de difícil solução, para uma cidade que se forma é relativamente fácil, apesar de exigir que seja observada a mais rigorosa vigilância em torno do regulamento das zonas. Evitamos levar o zoneamento aos rigores extremos, como querem alguns profissionais, porque os excessos têm sempre efeito negativo, como, por exemplo, as inúmeras subdivisões da zona residencial.

O zoneamento era outro ponto muito importante para o modernismo, uma vez que acreditavam que a separação da cidade em zonas específicas criava um planejamento urbano ideal. No entanto, Lima compreendia o zoneamento como essencial até certo ponto, não acreditando que a limitação rigorosa fosse uma solução bem sucedida. Dessa maneira, em sua proposta a cidade foi dividida em cinco grandes zonas com os usos separados: a estrutura administrativa (Centro), um setor comercial (Leste), o Setor Norte seria dedicado às indústrias, os setores Sul e Oeste

Após um rompimento repentino com Atílio Corrêa Lima, o governo do Estado contratou Armando Augusto de Godoy para assumir a continuidade do projeto. Ele, da escola urbanística inglesa, modificou a planta do Setor Sul, criando um desenho inspirado nas cidades-jardim. Além disso, alterou também a Praça Cívica, porém, mantendo os setores Central e Norte da mesma maneira, já que estavam quase concluídos. Diminuiu a quantidade de bairros, passando a ser somente quatro: Central, Norte, Sul e Oeste (Figura 05). A zona comercial foi reduzida e remodelada. O restante permaneceu da maneira original (MANSO, 2001).

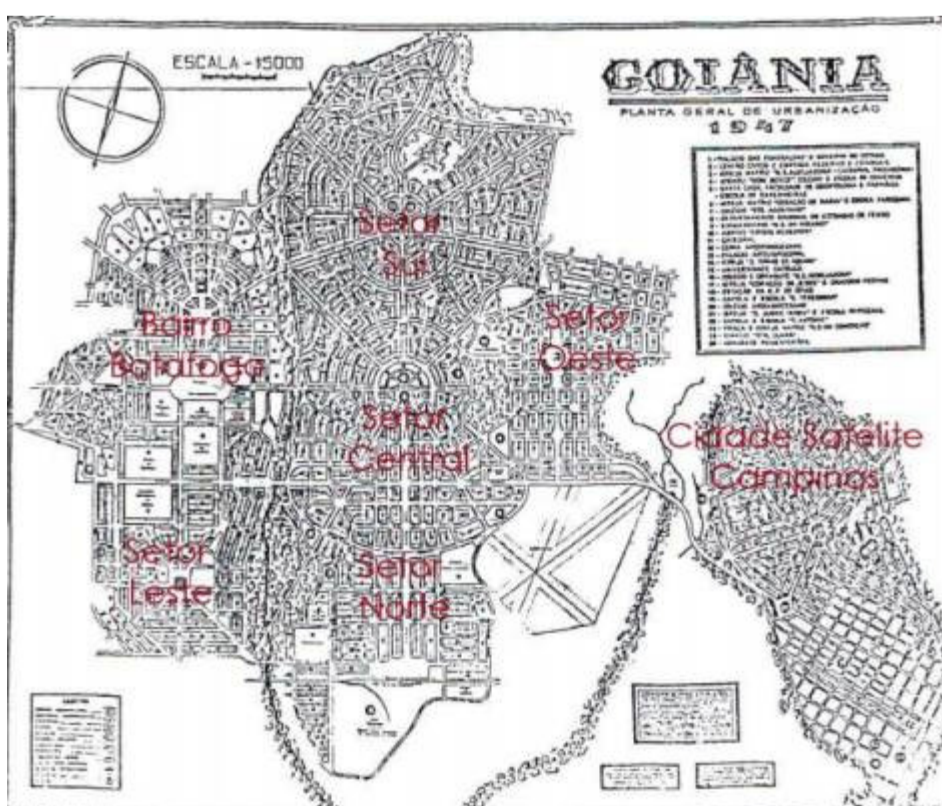


Figura 5: Planta Geral de Urbanização de Goiânia em 1947.

Fonte: SEPLANH – Goiânia

A Cidade Satélite Campinas, foi aprovada em 1945. Assim que Coimbra Bueno subiu ao poder, ele aprovou e liberou seu loteamento — Cidade Satélite Campinas (hoje Setor Coimbra) — para comercialização e, pressionado pelos proprietários de terras próximas ao núcleo urbano, o governador foi obrigado a liberar novas áreas para serem loteadas e comercializadas (MANSO 2001).

A previsão de Atílio, e as alterações de Godoy para o projeto da nova capital foram de extrema importância para a atual conformação territorial da Cidade de Goiânia, isso não se pode negar. O fato do terreno estar no planalto também contribuiu

para que a execução das propostas fossem cumpridas. A questão que não houve preocupação foi em relação à cidade existente de Campinas e sua integração com Goiânia, não somente em aspectos físicos e estéticos, mas também quanto as memórias e afetividade dos moradores da extinta cidade.

1.2.1 Campinas e Goiânia: os limites territoriais e afetivos

Uma coisa é certa, diante de toda a história abordada sobre a ideia da mudança da capital, percebe-se que Goiânia era vista como promessa de esperança para o futuro de Goiás, o qual era um Estado inexpressivo no cenário nacional. Como foi uma cidade que surgiu do nada, do sertão bruto, houve a necessidade de apoio para que a consolidação desse empreendimento fosse alcançada, e neste momento, fez-se grande a Cidade de Campinas.

O geógrafo Eguimar Chaveiro dividiu a relação de Goiânia e Campinas da seguinte maneira:

[...] A fase que a cidade de Goiânia se implantou. [...] É como se Campinas tivesse uma supremacia espacial, fosse provedora para Goiânia. Essa é uma fase. Nessa fase, os campineiros tiveram um conflito com Goiânia, com a ordem simbólica. Eu não saberia dizer pra você o grau desse conflito, já li algumas coisas e ouvi “Goiânia vai roubar aquilo que é nosso”, essa a primeira fase. A segunda fase, Goiânia se faz Goiânia, rapidamente a cidade se expande e Goiânia vai submetendo Campinas ao seu crescimento. Essa submissão é da funcionalidade, do jogo de poder, do comércio, dos escritórios, dos cartórios. A tensão aí, as tensões de Goiânia e Campinas dava uma derrota para Campinas se a gente coloca isso em um jogo espacial. Numa terceira fase, entrelaçam-se, Campinas vira um setor de Goiânia. [...] (EGUIMAR FELÍCIO CHAVEIRO, outubro, 2017).

Essas fases abordadas por Chaveiro são de extrema importância para a compreensão da conexão espacial entre Goiânia e Campinas, principalmente no sentido de se entender de que maneira os limites territoriais e afetivos se reorganizaram para coexistirem sem que se permanecessem as tensões do novo sobrepujando o velho.

No primeiro período, Campinas se manifestou favorável com a ideia da nova capital, afinal, suas terras haviam sido escolhidas em meios a várias outras pela magnificência, pelas qualidades hídricas, pelas potencialidades que apresentavam. Em outro quesito, seus comércios e serviços seriam responsáveis pelo fornecimento de produtos e mãos-de-obra para Goiânia, ou seja, haviam ganhado a primeira competição e avançado um ponto à frente das demais regiões do Estado.

No próximo período, Campinas e Goiânia se mantiveram distantes afetivamente, embora os limites territoriais estivessem sofrendo alterações constantes. Campinas deixou de ter toda a importância de outrora, pois “Goiânia se fez Goiânia” (CHAVEIRO, 2017) submetendo o município aos novos comandos. O crescimento desmedido da capital a partir da década de 1950, facilitado por mudanças nas leis que proporcionaram um brusco surgimento de novos loteamentos (Figura 06), e ainda pela construção de Brasília entre 1955 e 1960 fizeram ambas se aproximarem pelos limites administrativos, porém, aqui, Campinas recuou algumas casas nesse jogo do poder (MANSO, 2001) (RIBEIRO, 2010). Perdeu espaço físico e logo perderia em ordem simbólica, ao menos era o sentimento que pairava.

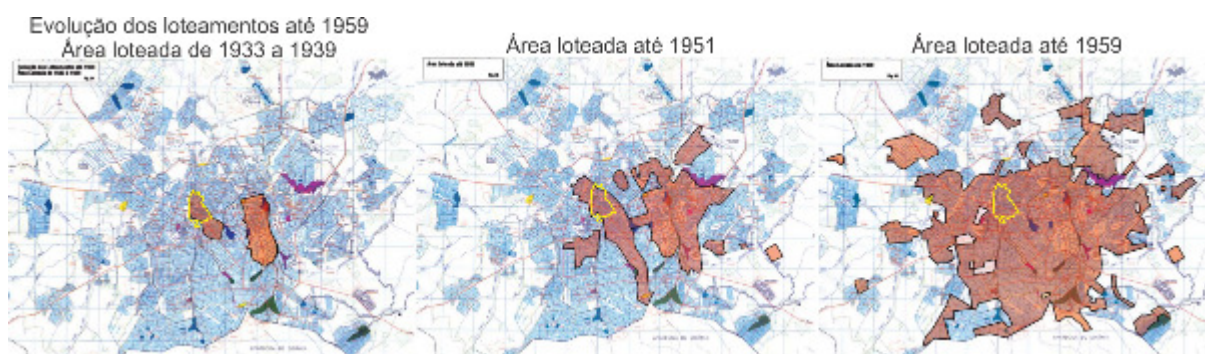


Figura 6: Mapa da evolução dos loteamentos aprovados em Goiânia em relação a Campinas. De 1933 a 1939; até 1951, e até 1959.

Fonte: RIBEIRO editado pela autora, 2018.

O último período, as possibilidades de recuar ao ponto inicial eram inexistentes, não seria independente novamente. Campinas perdeu totalmente sua individualidade. Os loteamentos no seu entorno a envolveram e ela acabou cedendo ao final do jogo espacial. Lançou mão de sua autonomia como município se tornando um bairro de Goiânia e isso acarretou perdas na ordem simbólica também, uma vez que, novos conceitos culturais foram trazidos em conjunto com esse novo território.

O desenvolvimento urbano de Goiânia é marcado por processos migratórios constantes. No período do súbito crescimento da capital, essas atividades de movimentação populacional ocasionaram o crescimento desordenado da cidade, gerando desdobramentos quanto a segregação e a conseqüente marginalização dessa população que acabou indo para a franja de Goiânia, onde estava Campinas (RIBEIRO, 2010).

Em Campinas, é notória a quantidade de comércios nordestinos e de outras regiões brasileiras, além de alguns sírios, entre outras nacionalidades. O contexto de

Goiânia acarretou a miscigenação da população local. Sem condições de se manterem no centro da capital, foram obrigados a se fixar um pouco mais distante. Dessa forma, Campinas recebeu grande quantidade desses imigrantes.

O grupo de moradores campineiros compõe uma comunidade expressiva na cidade de Goiânia, particularmente por ser parte de uma população que acompanhou todos os pormenores da mudança da capital, sediando o processo de “apropriação” de "outsiders" em seu território.

Outsiders foi um termo utilizado no livro de Norbert Elias e John Scotson, *Os estabelecidos e os Outsiders* (2000) onde eles apresentaram o estudo, realizado na década de 1950 e início de 1960, de uma pequena cidade ao sul da Inglaterra, de nome fictício Winston Parva. O interesse desse estudo era entender a delinquência (juvenil). Entretanto, se transformou em algo maior sobre os processos sociais de alcance geral na sociedade humana.

Eram três bairros, Zona 1, Zona 2 e Zona 3. Na zona 1 moravam as pessoas mais privilegiadas economicamente, cuja ascensão social permitiu que elas se mudassem para a área de classe média da cidade, deixando, assim, a Zona 2. Nas Zonas 2 e 3 residiam os operários das fábricas locais. Embora, aparentemente semelhantes as duas últimas comunidades, existiam profundas disparidades entre eles, uma vez que os habitantes da Zona 2, eram moradores estabelecidos de longa data, enquanto os da Zona 3 eram recém chegados.

A observação que Scotson e Elias (2000) fizeram foi de que os estabelecidos (Zona 2), ou seja, os que habitavam a região a mais tempo, estigmatizavam os *outsiders* (Zona 3) ou, aqueles não membros da “boa sociedade”, os que estavam fora dela. Tratavam os moradores da Zona 3 como pessoas de menor valor, além de se considerarem seres humanos melhores, com maior valor de comunidade, com tradições passadas entre gerações.

Ressalta-se que a proximidade econômica e talvez educacional entre os moradores das Zonas 2 e 3 deveria possibilitar a boa relação entre eles, no entanto, a maior coesão foi com os membros da Zona 1, e isso facultava aos membros da Zona 3, exclusão e estigmatização.

As questões identitárias intrínsecas a essa relação em Winston Parva, faz com que se reflita o caso de campineiros e moradores de Goiânia. Um grupo tradicional, forte, coeso, que articulou suas memórias afetivas no bairro de Campinas, o outro com uma identidade em construção em uma cidade projetada com grandes expectativas.

Um que concedeu parte de suas terras para a construção da nova cidade, o outro que não só ocupou aquelas terras como estabeleceu novos hábitos aos cidadãos.

Em meio a isso encontram-se vários campineiros que ainda carregam um sentimento de superioridade bairrista, e outros que se consideram injustiçados por Goiânia.

Horieste Gomes é um dos moradores campineiros com boas e saudosas lembranças da cidade. Hoje ele está com 83 anos, mas quando chegou em Goiânia tinha apenas seis anos. A família, em busca de uma vida melhor, deixou o interior de São Paulo para conhecer a prosperidade dessa região, isso em 1939. Quando chegaram, foram morar em Campinas, onde teceram seus laços afetivos. Ele se tornou geógrafo, historiador e escritor. Possui um repertório de memórias da Campininha das Flores (como os saudosos moradores ainda a denominam) e em sua maioria, são nostálgicas. Escreveu alguns livros que outros moradores do bairro ajudaram a construir através de suas lembranças. Sobre essa junção das duas cidades, Horieste relatou que para ele Campinas sofreu várias perdas, principalmente em questão territorial:

É, eu tenho uma posição. Do ponto de vista do território houve uma perda imensa, quando Campinas, em 1935, era o prefeito Venerano, ele reúne a câmara municipal, e a câmara vota em peso para Campinas ceder sua condição de sede municipal. Passou a ser um bairro de Goiânia. Quero dizer, ele entregou praticamente um território imenso, uma potencialidade nesse território [...]. Tudo era Campinas, Vila Coimbra, Jardim América era Campinas...Jardim América era um dos maiores bairros que tem...Setor Aeroviário, era tudo Campinas, pegava tudo. Tinha para todos os lados a presença de Campinas. Chegava, pegava Aparecidinha...[...] Então, houve uma perda imensa, agora, na verdade, pelo fato de se construir uma nova capital, cidade moderna, no planalto central, com a propaganda que o governo do Estado criou logo em seguida um elemento eficaz dele foi fazer a propaganda da nova capital para o Brasil todo...Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, né? E aí a chegada de levas de imigrantes ocupando esse novo espaço dessa nova capital (HORIESTE GOMES, setembro, 2017).

Os relatos de Horieste, percorrem o campo histórico e geográfico pelo fato de sua própria formação colaborar com essas análises, entretanto, existe um sentimento comum em muitos moradores do bairro, e o qual ele não deixou de apresentar, que parece ser um anseio por “justiça”, pelo fato de Goiânia ter desterritorializado a Campininha. Pode-se observar essa sensação quando ele cita sobre a chegada de imigrantes, como se houvessem invadido aquele espaço outrora somente dele e de seus afins.

Essa desterritorialização não foi somente em questão de território, embora a capital tenha sido construída nas terras da Campininha. O que propiciou o estopim

dessa rivalidade entre os dois grupos foram aspectos sensíveis às relações humanas: cujos efeitos geraram certa estigmatização dos habitantes de Campinas com os de Goiânia. Não como em Winston Parva, a ponto de gerar violência, mas alguns traços afetivos, nas questões de memória, de tradições foram desconstruídas. Esse sentimento de perda foi traduzida principalmente através do futebol, mas também em discursos como o de Horieste. Se Goiânia tivesse permanecido quieta em suas tradições, possivelmente estaria tudo bem, mas ela se movimentou e provocou novas situações.

Eguimar Chaveiro (2017) também abordou sobre a questão dos migrantes citados por Horieste, explicando que ele é um destes. Sua relação com Campinas começou justamente por sua saída do campo para a cidade em 1985:

Deve ser 1985, nesse período aí, uns oito anos. Muitos migrantes do campo. Como eu também sou migrante, isso facilitava a comunicação. Existia uma simplicidade exposta nos rostos, nas feições, era muitos barracões de aluguel ali. Pequenos bares, dificuldades de linha de ônibus. A relação de moradia tinha uma certa facilidade de comunicação, tinha semelhantes de origem, afinidades de origem (EGUIMAR FELÍCIO CHAVEIRO, outubro, 2017).

A leva de migrantes contribuiu com o entendimento sobre a formação cultural dessa cidade, com pessoas de diversas partes do Brasil, entre mineiros, tocantinenses, maranhenses, matogrossenses, paulistas, paranaenses, baianos, criando uma cultura miscigenada, heterogênea, plural e fragmentada, mas, ao mesmo tempo solidária (RIBEIRO, 2010).

Esse processo de desterritorialização à que alguns moradores de Campinas mencionam que o bairro foi submetido, foi detalhado mais à frente nessa dissertação, utilizando-se da discussão estabelecida por alguns geógrafos, sobre os conceitos de território, territorialidade e desterritorialização.

Sobre as delimitações espaciais de Campinas, não há como falar e não questionar os limites territoriais impostos pela delimitação atual do bairro, tendo em vista que os limites afetivos o contestam. Pode-se perceber através da Figura 7 o traçado do núcleo pioneiro e o atual estabelecido pelos órgãos administrativos para o setor. Claro que essa subdivisão não acontece de forma aleatória, existem estudos técnicos que caracterizam a semelhança das regiões e a classificam como bairro. No entanto, observando a Figura 8 em que se apresenta a conformação afetiva organizada a partir das pesquisas realizadas com moradores, tem-se que esse limite apresentado é um reflexo do olhar do indivíduo, da vivência dele em Campinas. O sujeito cria um sentido de identidade espacial e uma compartimentação de suas

vivências no espaço, sendo refletida na maneira como ele enxerga o lugar, em aspectos geográficos e sociais.



Figura 7: Limites administrativos de Campinas.
Fonte: Google Earth editado pela autora, 2018.

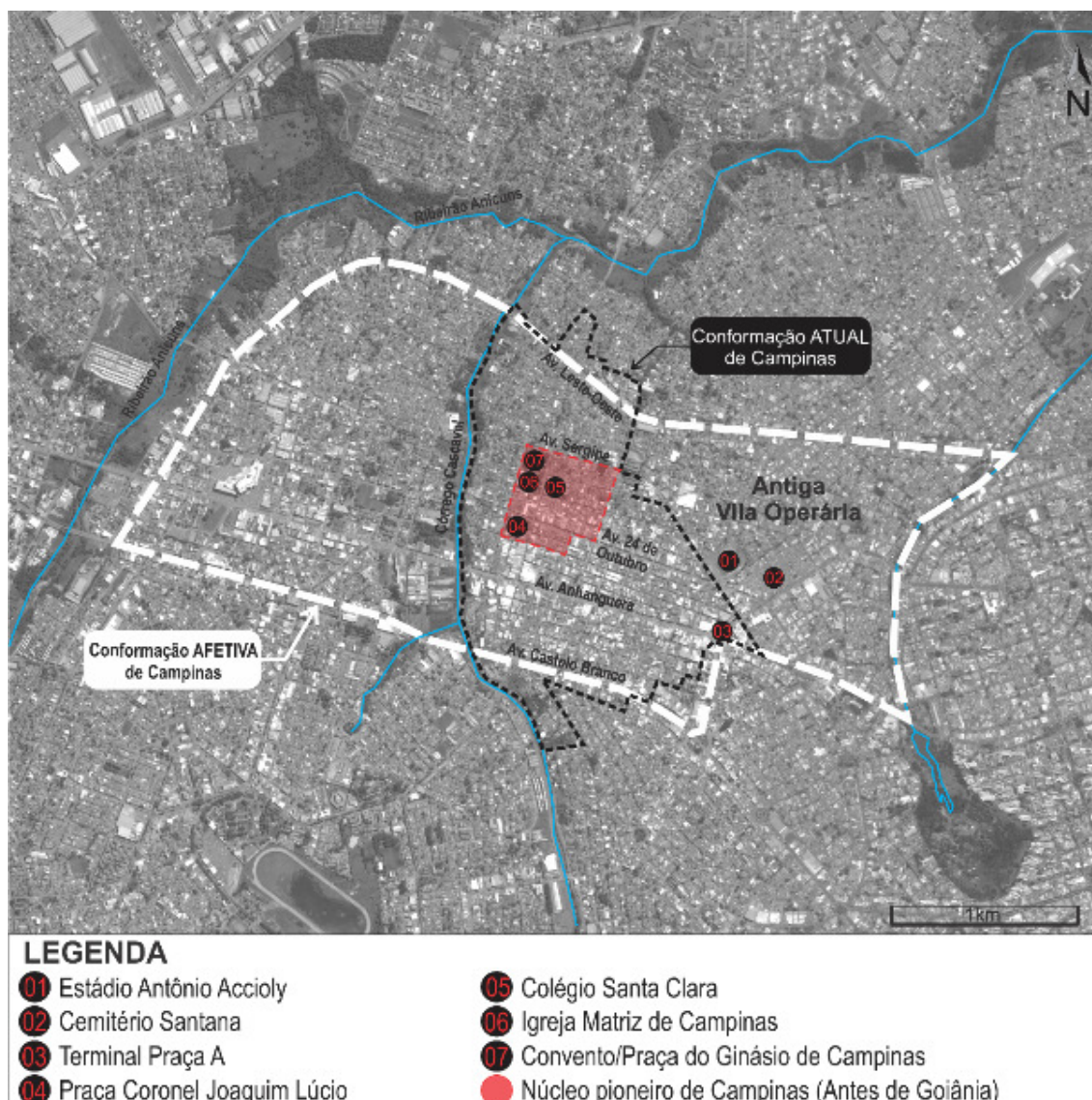


Figura 8: Limite afetivo do bairro de Campinas.
 Fonte: Google Earth editado pela autora, 2018.

Outro fato possível de se visualizar pelos mapas apresentados é que o Estádio Antônio Accioly, alvo de estudo dessa dissertação, não faz parte da delimitação administrativa de Campinas. Quase todos os entrevistados o consideram bairro, assim como toda a área da antiga Vila Operária, embora as respostas se alterem de acordo com a idade do entrevistado e o quanto estes caminham pela região.

Uma das entrevistadas, Maria Terezinha Costa, 75 anos, costureira, mora no bairro há quase 50 anos, entretanto, caminha bem pouco e quando o faz, são para regiões específicas voltadas às suas necessidades. Quando questionada sobre quais os limites do bairro para ela, ela respondeu que eram os lugares que sua vida acontecia:

Entrevistadora: Onde a senhora mora? Qual o setor?

Entrevistada: [...] Setor Centro-Oeste. Aqui já foi uma parte de Campinas. A gente ainda considera Campinas, mas, a parte de Campinas, eu acho que ela é mais da 24 até a Anhanguera. É Campinas.

Entrevistadora: E o Antônio Accioly você consideraria que é Campinas?

Entrevistada: É Campinas.

Entrevistadora: E a Matriz também é Campinas?

Entrevistada: Também é Campinas.

Entrevistadora: Mas pra baixo da Matriz, não?!

Entrevistada: Não. Não.

(MARIA TEREZINHA COSTA, junho, 2017).

Já o Ronie Gabriel Costa, 42 anos, professor e motorista, mora no bairro desde que nasceu, os limites do bairro são bem mais amplos. Sua consideração é de que Campinas não é um bairro, mas sim, uma região que engloba vários bairros:

Entrevistadora: O que que você considera que seja parte de Campinas? O que que você chama de Campinas?

Entrevistado: Ok. O bairro Campinas em si, os setores, Centro-Oeste, Fama, Vila Abajá, é... Setor dos Funcionários, e parte do Setor Coimbra. Vila São José também, parte da Vila São José, Setor Rodoviário, Setor Aeroviário parte dele. Tudo pra mim compõe no meu conceito, Campinas (RONIE GABRIEL COSTA, junho, 2017).

Aqui se tem claro a capacidade de a mente humana em compreender a realidade geográfica de acordo com a memória afetiva vivida diretamente ou por tabela. Os dois entrevistados acima são mãe e filho e ainda que a vivência de um seja diferente do outro, Maria Terezinha acrescentou aos seus relatos de memória as vivências de seu filho, por entender que as vivenciou por tabela e por não conseguir mais separar o que são suas referências e o que não são.

Outro fato relevante que se consegue captar desse estudo é que os limites de Campinas não tem importância para o sentimento de pertencimento ao bairro. No entanto, os pontos de sim, afinal, eles são responsáveis pelas práticas sociais dos indivíduos e a capacidade de vivenciar essas práticas em sua região é mais interessante ao sujeito do que sair de seu bairro para ir aos bairros de outros. Através dessas práticas, o homem pode desenvolver percepções e dar significados aos lugares, desenvolvendo sua territorialidade. É nesse processo social que o indivíduo consegue a partir do que viveu, apreender o substrato da memória (BOSI, 1987), ou seja, a essência da memória como parte da construção de sua identidade. Esse substrato é uma força subjetiva que acontece tanto de maneira individual, quanto coletiva.

Nesses limites impostos ou não, surge uma questão. O objeto de estudo: Atlético Clube Goianiense, em relação a sua sede física (Estádio Antônio Accioly), ele não é parte do bairro de Campinas. De fato, está em uma região limítrofe ao bairro,

mas não em Campinas. Isso vem ao encontro dessa discussão, justamente como uma maneira de apontar que os limites físicos são insignificantes diante da capacidade acumulativa do indivíduo, em agregar valor ao que faz parte de fatos importantes, sejam individuais ou coletivos. O Atlético possui signos que remetem ao bairro, mais à frente explicaremos. Nesse ponto, faz-se importante saber apenas que os limites simbólicos estão vinculados não ao próprio bairro em si, mas as vivências que o indivíduo tem nos lugares que criam seu imaginário e agregam fatos às suas memórias.

1.2.2 A rivalidade entre Goiânia e Campinas

Quando se fala em rivalidade, é provável que se imagine, concorrência, disputa ou alguma espécie de competição, o que está correto. Entretanto, tratando-se de duas cidades, como interpretar qual o sentido de rivalidade entre ambas? Lembrando que Campinas tornou-se bairro de Goiânia, poderia ser por problemas com a mudança de status de cidade para bairro? Ou poder-se-ia encontrar o problema em relação aos grupos sociais das duas cidades, passando a dividir o mesmo território?

É provável que as duas questões estejam certas. Não necessariamente a condição de virar um bairro tenha estremecido os ânimos entre Campinas e Goiânia, afinal, foi uma escolha do prefeito da época, uma decisão política e da própria conformação urbana das duas. Mas ainda assim, os moradores reclamam injustiças da capital. Em uma conversa informal com o presidente da associação de comerciantes do bairro, seu sentimento remetia ao fato de ter sido desrespeitado, justificando que tinham grande responsabilidade econômica sobre a renda da cidade e nada disso era aplicado de volta, tendo em vista que Campinas não recebia atenção da prefeitura de Goiânia da forma como deveria. Talvez até seja, em partes, verdade, mas essa autonomia econômica de Campinas é um fato mais recente. A provável questão dessa rivalidade começou na época em que a cidade e os seus loteamentos desordenados envolveram a Campininha. Em conjunto com essa conexão, o grupo fechado e homogêneo de moradores campineiros, com suas tradições centenárias, se juntaram a um grupo aberto, heterogêneo e recente da capital (OLIVEIRA, 2003).

Eliézer Cardoso de Oliveira abordou esse contexto de rivalidade entre Goiânia e Campinas. Segundo seu livro: *História Cultura de Goiânia* (2003), embora “a história

cultural de Goiânia de 1933 a 1960” (OLIVEIRA, 2003, p. 14) tenha sido de certa forma, marcada pela rivalidade com Campinas, o futebol e o lazer foram os dois aspectos de maiores manifestações dessa rivalidade.

O primeiro contato de Campinas com a ideia da capital foi um momento de empolgação para grande parte dos habitantes da cidade, afinal, eram moradores de uma cidade praticamente esquecida no centro-oeste brasileiro. Tanto que muitos fazendeiros doaram terras para serem loteadas (OLIVEIRA, 2003). Porém, o ônus dessa escolha talvez tenha vindo tardiamente, mas veio, fazendo com que a antiga cidade tornasse um bairro de memórias nostálgicas, contadas em alguns livros ou mesmo pelos próprios moradores, descrevendo o que o bairro foi, as tradições que se perderam, os lugares que deixaram de ser vívidos, ou mesmo os que deixaram de existir.

Nesse contexto, a rivalidade entre cidade e bairro se desenvolveu. Os campineiros viram parte de suas tradições sendo subtraídas do novo momento da cidade, uma vez que a demanda da capital era outra. Havia maiores necessidades de mão-de-obra, de serviços, de produtos, o desenvolvimento da cidade tornou-se dinâmico. O acesso ao centro-oeste foi facilitado por novas estradas, e Campinas passou a ter visibilidade ao lado de Goiânia. As atividades religiosas e comerciais continuaram acontecendo, embora de maneira potencializada, fazendo com que essa movimentação levasse o consumo das atividades do bairro para outros bairros e mesmo cidades vizinhas.

O lugar que a rivalidade se fez presente foi principalmente no futebol. O primeiro time que surgiu de maneira organizada em Goiânia foi o União Americana Esporte Clube, fundado em 28 de abril de 1936, segundo consta, por jovens vindos da então capital Vila Boa de Goiás. Pouco se sabe sobre essa agremiação, a não ser o fato de não ter obtido muito destaque na nova cidade e que sua denominação homenageava duas outras agremiações vilaboenses, cujos nomes eram: União Esporte Clube e América Futebol Clube. Logo o União Americana foi ofuscado pelos novos times mais representativos de Campinas e Goiânia (OLIVEIRA, 2003).

O Atlético Clube Goianiense foi fundado em 2 de abril de 1937, representando os moradores de Campinas. Goiânia estava em ritmo crescente de construção, faltando atividades sociais para tornar a cidade “atrativa, acolhedora, capaz de propiciar espetáculos, a exemplo do futebol, como atração coletiva aos campineiros-

goianienses” (GOMES, 2015, p. 70). Assim o Atlético tornou-se o principal representante esportivo dos habitantes de Campinas (OLIVEIRA, 2003).

Para haver o espetáculo citado por Horieste Gomes (2015), era necessário o adversário. Em 1938, pela base do União Americana, foi criado o time do Goiânia Esporte Clube. Há controvérsias na sua data de fundação, uma vez que alguns relatos falam no ano de 1936, no entanto, o escudo do time corrobora com o ano de 1938. O fato é que o representante da cidade de Goiânia foi formado, contrapondo-se ao time de Campinas (OLIVEIRA, 2003).

A conformação dos times revelava as condições distintas entre as duas cidades, tanto nos aspectos políticos quanto nos sociais. O time campineiro, nasceu de jogadores vindos do futebol de várzea, que treinavam em campos de terra batida, situados no bairro (GOMES, 2015). O Goiânia, por sua vez, era o time da elite goianiense, ligado ao governo de Pedro Ludovico que oferecia apoio financeiro. Diziam que vários jogadores eram funcionários públicos do Estado, e a sede do time era no estádio público Pedro Ludovico Teixeira (conhecido como Estádio Olímpico) (OLIVEIRA, 2003).

Embora o Atlético tenha recebido por muito tempo a colaboração de Antônio Accioly (que inclusive é o nome do estádio do clube em homenagem aos seus feitos), na época, proprietário de cartório, era um time de massa que vivia pela ajuda de sua torcida, colaborando com tratamentos dentários gratuitos aos jogadores, ternos, chuteiras entre outras coisas (OLIVEIRA, 2003). É importante ressaltar que ainda nos dias atuais, o time conta com intensa participação de sua torcida, em eventos para arrecadação de fundos, em festas comemorativas, e inclusive no ano que o time acabou (será explicado mais à frente) e seu estádio correu o risco de tornar-se mais um shopping comercial em Campinas, a torcida se organizou e realizou um “abraçasso” (Figura 9) ao estádio, com a participação de alguns políticos, incluindo Iris Rezende e Pedro Wilson juntos.



Figura 9: Abraço ao Estádio Antônio Accioly em prol de sua reconstrução em 2004.
Fonte: O POPULAR, 2004.

Voltando à discussão sobre a construção dessa rivalidade entre clubes, desde a fundação de ambos, as partidas eram esperadas com expectativa. Os dois praticamente foram os únicos times com vitórias no campeonato amador, entre os anos de 1944 a 1961, sendo 17 títulos disputados, tendo o Goiânia conquistado 11 deles, o Atlético 5 e o Vila Nova 1. A partir de aí os times passaram a ser profissionais e o campeonato obteve dimensões estaduais (OLIVEIRA, 2003).

Quanto à relação entre Campinas e Goiânia, eram nítidas as diferenças econômicas dos dois grupos de habitantes. Em sua maioria, a sociedade goianiense era formada por pessoas de alto poder aquisitivo, principalmente por famílias tradicionais provenientes do interior goiano. Aspiravam por espaços de lazer na cidade, tanto que uma das primeiras medidas nesse aspecto foi em 1935, com a criação do Automóvel Clube. Posteriormente se tornou o Jockey Clube de Goiás e passou a ser o ponto de encontro da elite social de Goiânia (OLIVEIRA, 2003).

Por outro lado, a população de Campinas era menos abastada, eram privados dos eventos realizados no Jockey, incentivando ainda mais a relação deles com o bairro, afinal, os eventos que lhes cabiam acontecia no Cine Campinas, como, por exemplo, as formaturas escolares. Somente em 1960 essa situação de exclusão pode

ser alterada. Foi fundado o Goiânia Tênis Club no Setor Coimbra, e embora levasse o nome da cidade, tornou-se o ponto de encontro campineiro (OLIVEIRA, 2003).

Outro ponto que marginalizava ainda mais o bairro de Campinas eram as casas de prostituição existentes naquela região. Inclusive, uma das entrevistadas, Luzia Valeriano, 85 anos, contou que em sua mocidade existia as casas da luz vermelha, como eram chamadas. O nome era dado por de fato, existir uma luz vermelha de identificação nas portas. E existia uma rua só delas. As mocinhas que eram de “boas famílias” não podiam nem pensar em passar perto dessas casas.

Nos livros que falam das memórias campineiras, muitos autores citam essas divergências entre a antiga e nova cidade, apresentando o rancor proveniente desses períodos de marginalização. Ivo Pinto de Melo (1998, p.39 – 41), conta um pouco sobre Campinas e Goiânia de uma forma poética:

Morando no bairro de Campinas, vim várias vezes a Goiânia, à noite, no ‘pé-dois’, para cantar na janela de minha amada. [...] Naquela quadra [época] Goiânia e Campinas viviam dois mundos à parte. Campinas carregava as honras de ter cedido as terras para a edificação da nova Capital, e, por isso, a sua sociedade era fechada, as famílias tradicionais, extremamente religiosas. E a nova geração de Goiânia procurava ridicularizar os campineiros, daí as desavenças levadas até para o campo esportivo, onde o Atlético [time de futebol dos campineiros] desafiava o time oficial de Goiânia [...]. Pois bem, o moço goianiense, quando chegava no fim de semana, dizia para os amigos, mostrando machismo: – Hoje é sábado, vou a Campinas trocar óleo.

Essa rivalidade provinciana entre Campinas e Goiânia perdurou até os anos de 1960, quando o acelerado desenvolvimento urbano da cidade diluiu essas disputas. E com isso aconteceram algumas mudanças culturais. Em 1943 surgiram os outros times de futebol da capital, o Vila Nova Futebol Clube, time de imigrantes moradores do bairro de mesmo nome e o Goiás Esporte Clube, fruto de uma briga interna no time do Goiânia, acarretando divisão de dois times. Ambos passaram a se destacar no futebol goiano tornando-se os novos grandes rivais do Estado. E o jogo entre Atlético e Goiânia ficou denominado como *Clássico Vovô*, o clássico mais tradicional entre dois clubes de futebol na cidade de Goiânia (OLIVEIRA, 2003).

Nesse momento, embora entremeadas por várias territorialidades, Campinas e Goiânia haviam se tornado um único grupo. No entanto, as ressalvas entre os moradores de Campinas continuaram existindo em relação à Goiânia. Não da maneira provinciana de antes, mas uma briga cultural para a permanência de suas tradições. Ecléa Bosi (1987, p.32 – 33) questiona:

O que é um ambiente acolhedor? Será ele construído por um gosto refinado na decoração ou será uma reminiscência das regiões de nossa casa ou de nossa infância banhadas por uma luz de outro tempo? [...] É a essência da cultura que atinge a criança através da fidelidade da memória. Ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, há correntes do passado que só desapareceram na aparência. E que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar, que são resquícios de outras épocas. Há uma maneira de tratar um doente, de arrumar as camas, de cultivar um jardim, de executar um trabalho de agulha, de preparar um alimento que obedecem fielmente aos ditames de outrora.

Bosi (1987) estava falando de como as crianças recebem estímulos diários em relação às memórias dos adultos que vivem próximos a elas. Dessa maneira, os indivíduos adultos são formados por lembranças suas e pelas que não viveram, mas que são responsáveis por manter vívidas as tradições culturais da sociedade a que pertencem por vários anos à frente. A autora (1987, p. 33) citou um evento religioso que ocorria na semana santa:

Nas noites frias de abril os fiéis que assistem às cerimônias da semana santa em minha cidade saem para o pátio lateral da igreja onde encontram aceso um grande fogão de lenha. A trinta minutos da metrópole vizinha, contemplando o pátio aquecido e as velhinhas que aproximam tiritando, não posso deixar de pensar que foi assim no século passado e ainda antes. Como poderia ter sido outra a expressão desses rostos aconchegados sob as mantilhas? Ou o olhar desgarrado com que os velhos às vezes olham, sem ver, as labaredas na noite?

Os jogos do Atlético também são exemplos de uma tradição que permanece, embora o Estádio Antônio Accioly esteja sem a permissão de receber a torcida em jogos. Ainda assim, eles se reúnem em suas imediações para confraternizar, assistir aos jogos que acontecem fora de Goiânia e comemorar e sofrer pelas vitórias e derrotas.

Através desses exemplos, é possível que se perceba a necessidade do indivíduo em pertencer a um grupo. Seja o da família, o de amigos, da escola, do bairro, da comunidade da igreja. O pertencimento a um grupo, segundo o Conselho Nacional de Assistência Social (CONAS) e Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), é “fundamental para a construção da identidade individual e social” (CONAS/CONANDA, 2009, p. 97). O grupo é um lugar de segurança. Nele o indivíduo se relaciona com seus semelhantes, seja qual for essa semelhança, ideológica, estilo, cor, raça, credo, etc.

Para Zygmunt Bauman (2005) a “identidade” e o “pertencimento” não teria a solidez de uma rocha, nem tampouco se garantiriam para toda uma vida, uma vez que seriam renováveis e negociáveis. As próprias decisões que o indivíduo tomaria, os

caminhos que percorreriam, a forma que agiria e sua decisão em se manter firme a tudo isso, seriam fatores que influenciariam. O autor falava da “modernidade líquida”, termo cunhado por ele para descrever a modernidade e os homens modernos. Segundo essa discussão, as relações teriam se tornado volátil e o mundo individualista. Nessa perspectiva, o sujeito moderno seria aquele com inúmeras identidades (BAUMAN, 2001), “as identidades flutuam no ar” (BAUMAN, 2005, p.19).

Com base em Bauman (2001; 2005), o espaço físico não seria imprescindível para a expressão das identidades dos sujeitos, o que poderia comprovar como algumas territorialidades campineiras permanecem vivas ainda que o “lugar de memória” tenha deixado de existir e como a junção à Goiânia pode não ter sido um fator determinante para a quebra nas tradições.

Segundo Horieste Gomes, justificando o porquê de algumas perdas, fala que a maneira como as atividades aconteciam antes e não acontecem mais, influenciaram de forma negativa a continuidade das mesmas. Ele conta que Campinas possuía poucas atividades de lazer. Sendo assim, os moradores se divertiam principalmente, na Praça Joaquim Lúcio que sediava shows musicais no coreto, nos cinco cinemas que existiam no bairro, no Lago das Rosas onde podiam tomar banho no lago e nos jogos do Atlético. Para quem era religioso, tinham ainda os eventos da Igreja Matriz.

Hoje, a Praça Joaquim Lúcio deixou de ter atividades culturais, os cinemas deram lugar a outros empreendimentos, o Lago das Rosas, embora seja um parque urbano muito frequentado, perdeu sua função de clube. O que restou de atividades tradicionais campineiras foram os jogos do Atlético e as festas da Igreja Matriz, cuja perpetuação de ambos produz memórias importantes e referenciais aos campineiros.

A história do time e do bairro é interligada pelos dois grupos em comum: os moradores de Campinas e os torcedores do Atlético. Em determinado ponto, esses dois grupos distintos se cruzam, criando um sentido de referência entre ambos. A identidade do torcedor atleticano é comprovada por sua relação com o bairro de Campinas, ainda que não seja uma verdade que, todo torcedor atleticano é campineiro. Ainda assim, segundo alguns torcedores do Atlético, antes de torcer para o time, não tinham ideia do que representava Campinas para Goiânia. Quando se inseriram no grupo atleticano, se reconheceram campineiros, mesmo não possuindo vínculo de memória. O Atlético e Campinas parecem não existir individualmente. Um traz ao outro o sentido de pertencimento.

Silvino Santin (1994) discutiu a filosofia no esporte, trazendo uma discussão sobre a sociedade moderna e a sua capacidade de homogeneização do indivíduo, transformando-o em massa. Segundo ele, o homem perdeu as referências estabelecidas em comunidade e passou a ter uma identidade funcional na sociedade (SANTIN, 1994, p. 20).

A partir dessa discussão de Santin (1994), seria possível sugerir que a perda de alguns valores campineiros, poderia estar vinculada à dinâmica cultural proveniente da cidade moderna. O que seria isso? Um grupo tradicional, homogêneo e “fechado” às mudanças (campineiros — classe baixa), recebeu outro grupo novo, heterogêneo e aberto (goianienses — elite). “Estando a distinção entre produtores e consumidores de cultura presa a uma distinção de classe, a relação entre eles, assume necessariamente uma conotação política”, ou seja, relação de poder (DURHAM, 2004, p. 234). Relação essa que já foi mencionada acima e que até 1960 se manteve, criando uma distinção entre “os da capital” (os goianienses) e “os outros” (os campineiros).

Essa relação de poder por parte de Goiânia, como já mencionado anteriormente, se converteu em uma estigmatização dos goianienses por parte do grupo de campineiros que em dado momento se julgou melhor, principalmente pelo tempo de vivência no bairro, criando um âmbito de superioridade sobre os moradores vindos de fora.

No aspecto cultural, indivíduos de dois grupos distantes e distintos (campineiros e goianienses ou os estabelecidos e os *outsiders*), foram inseridos na mesma realidade cultural. O que significou isso nas relações entre eles? E na relação com o espaço? Alguma identidade se sobrepôs à outra? Qual a identidade cultural desses dois grupos?

1.2.2.1. Falando em identidade cultural

Faz-se necessário compreender os aspectos da identidade cultural para responder a essas questões. Esse é um termo complexo e cheio de definições, composto por duas palavras que são igualmente complexas em sua essência. A primeira delas, a identidade, quando direcionada a um indivíduo, é o que garante que uma pessoa seja única no mundo. Significa que existem características específicas que individualizam aquele ser humano dos outros existentes, permitindo assim, que

este seja reconhecido sem nenhuma confusão. Ela também pode representar uma coletividade, sendo denominada de identidade coletiva. Nesse caso, o indivíduo é reconhecido como membro de determinado grupo por ter características semelhantes aos outros membros do grupo, seja na ordem ideológica, política, econômica, ou por outras, como é o caso do grupo dos campineiros (SANTIN, 1994).

Lévi-Strauss (1977, p.10 – 11) na década de 1970, já entendia a relevância da questão identitária, e considerava que era um tema em crise. Segundo seus conceitos, era o “novo mal do século”.

[...] a crise de identidade seria o novo mal do século. Quando hábitos seculares vêm abaixo, quando gêneros de vida desaparecem, quando velhas solidariedades desmoronam, é comum, certamente, que se produza uma crise de identidade [...]. A verdade é que, reduzida a seus aspectos subjetivos, uma crise de identidade não oferece interesse intrínseco. Melhor seria olhar de frente as condições objetivas das quais ela é sintoma e que ela reflete.

Lévi-Strauss (1977) percebeu a crise da identidade bem antes de o período que de fato foi considerado crítico. Ele entendeu o reflexo de algumas condições objetivas da crise, muito mais do que dos aspectos meramente subjetivos. Por isso considerou relevante se falar em identidade por uma abordagem geográfica, ou o que seriam denominadas, identidades territoriais.

Stuart Hall (2006) posterior a Lévi-Strauss, disse que essa crise da identidade, se devia às três concepções de identidade e seus respectivos sujeitos: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno que teria vindo para romper com a estrutura vigente.

O sujeito do iluminismo era um indivíduo centrado, unificado e dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação. O centro consistia em um núcleo interior que nascia com o indivíduo e permanecia ao longo da vida praticamente o mesmo, a mesma essência. Esse “centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa” (HALL, 2006, p.10 – 11). Era uma visão individualista do sujeito e de sua identidade.

Já no sujeito sociológico da modernidade foi percebido que ele não poderia ser auto-suficiente, ou seja, não poderia ser formado apenas por seu núcleo interior. Na verdade, ele seria uma série de relações com outros sujeitos, pessoas importantes para ele, que lhes transmitiriam valores, sentidos e símbolos (a cultura) do mundo que eles habitavam.

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior" - entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de

que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura [...] o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (HALL, 2006, p. 11-12).

Esta visão tornou-se a concepção sociológica clássica, dada a compreensão de que a identidade era “formada na interação entre o eu e a sociedade” (HALL, 2006, p. 11). Ainda nessa concepção, a identidade preencheria o espaço entre o interior e o exterior. Assim, abandonou-se a percepção do indivíduo como um sujeito fechado em si. Todavia, segundo Hall (2006, p. 11 – 12) o sujeito ainda teria um “núcleo ou essência interior que seria o “eu real”, mas este seria formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos ofereciam”.

Por fim, o sujeito da pós-modernidade seria o sujeito que teria rompido com esses anteriores. Ao contrário de uma identidade unificada e estável, ele teria a sua identidade fragmentada, ou seja, seria composto por várias identidades ao mesmo tempo, sendo algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. O sujeito pós-moderno seria então sem identidade fixa, essencial ou permanente (HALL, 2006).

A identidade torna-se uma “celebração móvel” [...]. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu" (HALL, 2006, p. 13).

Zigmunt Bauman (2005) chama essa pós-modernidade tratada por Hall como a “modernidade líquida”. Ele escolheu essa metáfora do “líquido” ou fluido para designar o tempo presente, uma vez que o líquido sofre constantes mudanças e não conserva uma forma por muito tempo. Nesse sentido, ele analisou a identidade dos seres como vulneráveis e fluidas.

“As pessoas em busca de identidade se veem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de alcançar o impossível” (BAUMAN, 2005, p.17). Ele se utilizou dessa expressão genérica para deixar claro que a busca da identidade não pode ser adquirida em “tempo real”, será realizada na plenitude do tempo e na infinitude.

Nesse caso, os aspectos de superioridade já mencionados, desenvolvido pelos campineiros ao longo dos tempos em Campinas seria razoável, tendo em vista que a

relação deles com o espaço refletiu em uma construção cultural através da vivência do bairro e a qual os moradores de Goiânia ainda não tinham condição de disputar.

Quanto a cultura, Edward Burnett Tylor considerado o pai da antropologia, em 1871 foi o primeiro a formular o seu conceito do ponto de vista antropológico e no formato em que é utilizado atualmente. Segundo sua definição, “Cultura era o complexo no qual estavam incluídos conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e quaisquer outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (TYLOR, 1920, p.1).

Tylor (1920) dizia que uma das características da cultura seria o que ele chamou de “mecanismo adaptativo”. A cultura teria a condição de responder às necessidades de adaptação que surgiriam, moldando-se de forma mais rápida que uma possível evolução biológica. Além disso, outro ponto relevante seria a capacidade acumulativa da cultura em sempre aumentar a cada geração passada (TYLOR, 1920).

Decorrido tantos anos da definição dada por Tylor sobre cultura e ainda hoje o conceito não possui um consenso entre os antropólogos. Entretanto, algumas definições podem ser úteis para essa discussão sobre a identidade cultural. Laplantine (1994, p. 22) disse que o que confere unidade ao homem “é a sua aptidão à variação cultural”. Ou seja, “aquilo que os seres humanos têm em comum é a sua capacidade para se diferenciar uns dos outros, para elaborar costumes, línguas, modos de conhecimento, instituições, jogos profundamente diversos”.

A cultura faz parte de um processo em que se acumulam conhecimentos e experiências entre gerações. Roger Keesing definiu o termo considerando a cultura a partir de alguns pontos. Ela seria como um sistema adaptativo, onde o indivíduo receberia padrões de comportamentos sociais, se adaptando ao modo de vida do agrupamento social em que estivesse inserido. Em outro aspecto, teorias idealistas sobre a cultura estariam divididas em três abordagens: cultura como sistema cognitivo, ou seja, sistema de conhecimento. A segunda como sistema estrutural, definindo-a como uma criação acumulativa da mente humana. E por último, a cultura como sistema simbólico. Existiriam símbolos e significados partilhados entre os membros de determinada cultura, estabelecendo regras e comportamentos (LARAIA, 2005).

Portanto, a identidade cultural, de acordo com esses autores, seria a distinção dos grupos de indivíduos através de suas vivências, conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e quaisquer outras aptidões e hábitos passados e acumulados

de geração a geração. E então, nesse aspecto, a identidade cultural poderia também, representar uma das maneiras de se preservar as memórias dos indivíduos, uma vez que, em grupos, o indivíduo compartilha suas memórias, que se juntam a outras e complementam uma memória coletiva, contribuindo e ajudando a moldar a identidade daquele grupo.

Então Campinas, nesse cenário de absorção cultural, ou aculturação, tentou manter suas características vivas, conservando suas casas tradicionais (Figura 10), algumas mercearias (Figura 11), as casas ainda com alpendres, portões e muros baixos (Figura 12), sem recuos frontais, as janelas voltadas para a rua (Figura 13), bancos nas portas das casas, telhados de duas águas, o uso das telhas de barro. Ao mesmo tempo, comércios tomaram o lugar de residências, igrejas ou outros empreendimentos tomaram os lugares dos cinemas, algumas casas com características modernistas surgiram em ruas de arquitetura vernácula (Figura 14), e inclusive a fachada do Estádio Antônio Accioly² (Figura 15), foi construída agregando pequenos traços que lembravam o *art déco* de Goiânia.



Figura 10: Casa tradicional na Rua Senador Morais Filho.
Fonte: Arquivo da autora 2017.

² Estádio do Atlético Clube Goianiense. Ver o item sobre a história do time.



Figura 11: Mercearia na Rua Itú.
Fonte: Arquivo da autora 2017.



Figura 12: Casa com alpendre na Rua Santa Luzia.
Fonte: Arquivo da autora 2017.



Figura 13: Casa sem recuo frontal e janelas voltadas pra rua, na Rua Itú.
Fonte: Arquivo da autora 2017.



Figura 14: Residência que buscou referências do art déco, localizada na Av. Sergipe, em frente a uma casa tradicional.

Fonte: Arquivo da autora 2017.



Figura 15: Fachada do Estádio Antônio Accioly na Av. Perimetral antes da última reforma.

Fonte: Arquivo da autora 2017.

Em contrapartida, ao tradicional em Campinas, as casas e edifícios institucionais de Goiânia com estilos arquitetônicos modernos, como é caso da Estação Ferroviária de Goiânia (Figura 16), com fachadas mais ricas em detalhes, as residências obedecendo recuos frontais, laterais, algumas com telhados aparentes, como na Rua 55 no Centro, com residências semelhantes às de Campinas, mas outras com fachadas limpas, cores claras, utilização de vidros e formas básicas das estruturas, platibandas escondendo o telhado, como é o caso da Residência de Bariani Ortêncio (Figura 17) no entorno da Praça Cívica.



Figura 16: Estação Ferroviária de Goiânia.
Fonte: Acervo IPHAN, 2018.



Figura 17: Casa de Bariani Ortêncio na Praça Cívica.
Fonte: Autor desconhecido, 2018.



Figura 18: Casa na Rua 55 no Centro de Goiânia.
Fonte: Arquivo da autora, 2018.

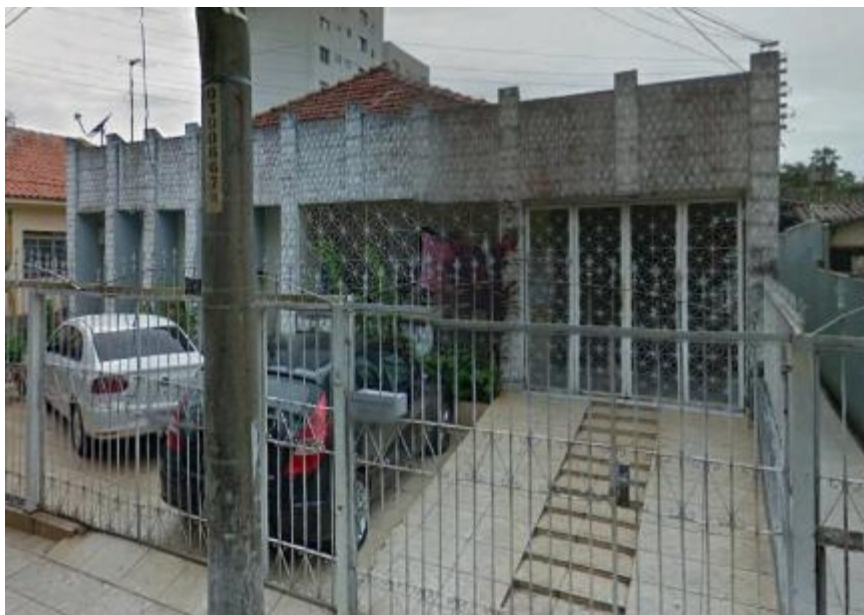


Figura 19: Casa na Rua 75 no Centro de Goiânia.

Fonte: Arquivo da autora, 2018.

Se na arquitetura Campinas conseguiu salvaguardar alguns edifícios, após a junção à Goiânia, o bairro ficou arraigado às suas práticas simbólicas, parte de uma herança cultural de tradições e costumes que ficaram guardados na memória de alguns dos habitantes da região. Assim, através da conformação de alguns “lugares de memória” como, o Estádio Antônio Accioly, a Igreja Matriz, as lojas tradicionais do Mercado Popular de Campinas, alguns edifícios históricos, a Praça Joaquim Lúcio, além de atividades como os jogos do Atlético, festas religiosas da Matriz de Campinas, referências comuns aos antigos moradores como viverem a rua, de alguns comércios tradicionais do bairro, os moradores procuraram em seu percurso histórico articular os seus saberes, apoiando a manutenção da vida social e cultural do bairro.

Cabe salientar que o termo “lugar de memória” não foi utilizado segundo o complexo conceito de Pierre Nora (1993), pois, ele tratou da sociedade contemporânea e a sua busca constante pela história e memória. Entretanto, entende-se que os campineiros não deixaram suas memórias afastadas do presente para ter a necessidade do indivíduo se identificar em algum lugar. Não houve separação de tempo passado e presente, embora Campinas tenha se desenvolvido de forma acelerada através da cidade moderna Goiânia. A memória se fez presente a todo instante. Chamou-se de “lugar de memória” os pontos de representação social, parte das práticas cotidianas e do processo de identificação dos seus atores sociais, espaços de sociabilidade e vivência cultural. O lugar de memória seria o lugar que

funciona como suporte de memória coletiva e da identidade social para Campinas continuar “existindo” para seus moradores tradicionais (HALBWACHS, 2006).

O lugar de memória escolhido para ser detalhado neste estudo é o Atlético Clube Goianiense e as práticas sociais de seus torcedores em prol do time e em referência ao seu bairro sede Campinas. Os próximos capítulos contam sobre sua relevância.

2 CAPÍTULO | ATLÉTICO CLUBE GOIANIENSE: O FUTEBOL EM CAMPINAS

2.1 O jogo segundo Johan Huizinga

“O jogo é o fato mais antigo da cultura” (HUIZINGA, 1999, p.3). Poder-se-ia dizer que é uma qualidade óbvia da sociedade humana, no entanto, os animais estabelecem o mesmo tipo de relação com o jogo. Basta-se observar, por exemplo, os cachorrinhos,

Convidam-se uns aos outros para brincar mediante um certo ritual de atitudes e gestos. Respeitam a regra que os proíbe morderem, ou pelo menos com violência, a orelha do próximo. Fingem ficar zangados e, o que é mais importante, eles, em tudo isto, experimentam evidentemente imenso prazer e divertimento (HUIZINGA, 1999, p. 3).

Mesmo em sua forma mais simples é mais que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico. O jogo tem um determinado sentido que “está em jogo” quando se participa dele. Transcende as necessidades básicas da vida e confere sentido às ações. Todo jogo significa alguma coisa. Não seria “instinto”, nem tampouco “espírito” ou “vontade”, mas há algo de simbólico ou não material em sua essência (HUIZINGA, 1999).

Johan Huizinga (1999, p.6) acreditava que reconhecer o jogo seria o mesmo que reconhecer o espírito, uma vez que a essência dele não estaria na materialidade. Além disso, se os seres brincavam e jogavam tendo consciência disso, significaria um passo além da racionalidade, “pois, o jogo é irracional”. Huizinga o entendia como uma atividade com “forma significante”, como função social.

Nesse aspecto, o autor falava sobre o jogo ser parte das primeiras atividades da sociedade humana. Um exemplo seria a linguagem que se encaixa em um vai-e-vem de palavras. Dentro das expressões abstratas criadas pelos homens, estão as metáforas, e metáforas são jogos de palavras. Outro exemplo é o mito, afinal, o mito

é uma transformação ou imaginação do mundo exterior. O homem primitivo através do mito, tentou dar conta dos fenômenos do mundo, construindo uma relação com as divindades (HUIZINGA, 1999).

Huizinga (1999) elencou algumas características primordiais para se entender o jogo como um jogo. Antes de apresentá-las, ressalta-se que seu princípio básico é o de ser uma atividade voluntária. Se houver ordem para praticá-lo, deixa de ser jogo. De maneira geral, é praticado nos momentos de ócio. Sua obrigação ou dever só ocorrem quando fazem parte de alguma função cultural, como o culto ou o ritual.

Suas características fundamentais são, primeiro, o fato de ser livre, representar a liberdade. Segundo, o aspecto de não representar a vida real, funcionando como uma “fuga” temporária da realidade, embora, também seja uma atividade que exige seriedade, podendo absorver a qualquer momento o seu jogador. É uma atividade temporária, com uma finalidade própria dele e a satisfação está em sua realização. Seria como um intervalo da vida cotidiana. A terceira característica está no fato dele significar isolamento e limitação. Ele é jogado com início e fim, dentro de limites temporais e espaciais. Isso leva ao fato dele se fixar imediatamente como fenômeno cultural. Permanece na memória como um tesouro que deve ser preservado. Dessa maneira, é transmitido, tornando-se tradição (HUIZINGA, 1999).

Em relação ao espaço, há uma delimitação importante. Onde quer que ele ocorra, o lugar passa a ser uma representação do “sagrado” e lá dentro se respeitam regras. Disso tem-se mais uma de suas características, o jogo cria ordem e é ordem. Também tem uma função social de estabelecer a formação de grupos com tendência a serem misteriosos, apresentando-se diferentes do resto por meio de seus disfarces ou algo semelhante (HUIZINGA, 1999).

Agora, ao se observar o que era o jogo nas civilizações primitivas, é possível perceber que algumas características faladas modificaram-se um pouco. Antes era uma representação do sagrado, um elemento espiritual, místico. Mantinha-se significando a liberdade, era executado em um espaço delimitado, com tempo determinado, no entanto, ao chegar ao fim, seus efeitos não cessavam. O esplendor do jogo permanecia projetado sobre o mundo, influência que garantia, ordem, prosperidade e segurança, até o próximo ritual sagrado (HUIZINGA, 1999).

Johan Huizinga referenciava todos os tipos de jogos, individuais e coletivos, explicando de modo geral, a excitação que eles desenvolvem nos indivíduos e nas comunidades envolvidas em suas práticas. Nesse trabalho, limitou-se ao jogo que

mais tem representatividade mundial, o futebol, porque o objeto perscrutado é o time de futebol Atlético Clube Goianiense.

2.2 Futebol e o seu alcance social

Futebol se joga no estádio? Futebol se joga na praia, futebol se joga na rua, futebol se joga na alma. A bola é a mesma: forma sacra para craques e pernas de pau. Mesma a volúpia de chutar na delirante copa-mundo ou no árido espaço do morro. São voos de estátuas súbitas, desenhos feéricos, bailados de pés e troncos entrançados. Instantes lúdicos: flutua o jogador, gravado no ar — afinal, o corpo triunfante da triste lei da gravidade.

(Carlos Drummond de Andrade - Jornal do Brasil, 20/06/1970)

Quando se escuta em uma conversa a expressão popular: “país do futebol”, ainda que não goste de futebol, ou que não entenda nada sobre o assunto, as pessoas entendem que é quase certo estarem falando sobre o Brasil. Mesmo que o brasileiro não se satisfaça com o país em vários aspectos, quando se trata de futebol, a maioria da população (que fique claro, não todos), se orgulha da história construída no futebol, principalmente pela seleção nacional ao longo dos anos.

Essa satisfação brasileira com o futebol se iniciou na Copa de 1958, a primeira em que o time do Brasil (contrariando as expectativas de favoritismo da Alemanha Ocidental, Suíça, Hungria e União Soviética) foi campeão mundial, ganhando do time do país sede, a Suíça. O time da casa ainda conseguiu sair na frente no placar, mas o final da partida resultou em 5 a 2 para o Brasil. Esse ano surgiu alguns destaques na seleção como, Garrincha, Pelé, Vavá, Zito, Mazzola, Nilton Santos, Didi, Gilmar, Zagallo, entre outros. Desde então, aplaudidos de pé pela torcida adversária, o futebol tornou-se um referencial importante para o Brasil.

Tem sido recorrente a expressão que classifica o futebol como o “esporte das massas”, ou seja, o esporte com maior alcance social. A mídia intensifica essa frase, o que a populariza ainda mais. Também pudera, é um esporte de estruturação simples, bastando dois pedaços de pau e uma bola de meia para se ter um campo e

uma partida de futebol. O lugar não importa. Praças, parques, terrenos baldios, e até mesmo as ruas servem como palco de partidas infinitas. O campo de futebol é parte da paisagem urbana brasileira (DAMATTA, 1982, p.77). É um esporte modesto e talvez por esse motivo seja tão popular.

Até na poesia falou-se em futebol, tamanho alcance do tema pelo Brasil. Carlos Drummond de Andrade (2014), em 1970, na véspera da final da copa do mundo no México, escreveu: *O momento feliz*, onde ele traduziu sua percepção sobre o futebol e o brasileiro:

De repente o Brasil ficou unido contente de existir, trocando a morte o ódio, a pobreza, a doença, o atraso triste por um momento puro de grandeza e afirmação no esporte. Vencer com honra e graça com toda beleza e humildade é ser maduro e merecer a vida, ato de criação, ato de amor (ANDRADE, 2014, p.59)

Drummond falava muito sobre a dimensão social do esporte. A sua época, havia bastante inspiração, afinal, grandes craques brasileiros deixaram os torcedores deslumbrados com seus desempenhos futebolísticos, como: Pelé e Garrincha.

Um ponto coincidente entre as ideias de alguns estudiosos que se dedicaram a compreender a importância do esporte para o brasileiro, é a de que o futebol funciona como um elemento que aproxima os indivíduos. E em situações de alcance mundial, como é o caso da Copa do Mundo, os indivíduos desenvolvem um sentimento patriótico e uma unidade de aspirações pelo país (GUTERMAN, 2006).

O futebol é um poderoso instrumento de integração social, através do qual a sociedade brasileira experimenta um sentido singular de totalidade e unidade, revestindo-se de uma universalidade capaz de mobilizar e gerar paixões em milhões de pessoas (HELAL, 1997, p.25).

O futebol também consegue simbolicamente, reduzir as diferenças sociais existentes no país, dando voz a quem está submetido às hierarquias. “Num país onde a massa popular jamais tem voz e quando fala é através dos seus líderes”, o futebol rompe essa verticalização, permitindo ao povo falar “diretamente com o Brasil”, sem os “intermediários, que, sistematicamente, totalizam o mundo social brasileiro para ele, e em seu nome”. Desse modo, o futebol “horizontaliza o poder” (DAMATTA, 1982, p.34).

Longe, pois, de ver essa experiência futebolística como o protótipo do material que governos autoritários podem mobilizar em proveito próprio, quero acentuar o lado positivo (ou liminar) da experiência com o futebol no seu sentido mais amplo e generoso, quando ela permite à massa destituída ter o sentimento de totalidade nacional, do valor do povo representado pelos seus ídolos e, mais importante que tudo isso, da vitória plena e merecida (DAMATTA, 1982, p.35).

“A vitória plena e merecida” como disse Damatta (1982, p.35), é a forma que algumas classes conseguem ter a sensação da vitória, diante das diferenças de oportunidades que não a permitem vencer de outra maneira. Além disso, o mesmo autor entende que o futebol proporciona à sociedade brasileira, a “experiência da igualdade e da justiça social”, uma vez que, o esporte possui regras universais, as quais todos devem seguir. As relações de poder e privilégios que garantem poder e ascensão social no Brasil são desconsideradas em campo, não representa nada, pois, no fim, quem tem maior desenvoltura técnica, conhecimento das regras, regularidade no desempenho, tem mais chance de vencer. Damatta (1982, p. 35) ainda completa dizendo que: “saber perder significa aceitar a igualdade como o axioma do jogo”, e que “a igualdade perante as mesmas regras universais, é assim, o ponto central da atividade que denominamos jogo”.

Florestan Fernandes (1994, p. 1 – 2), nessa mesma linha do autor acima, disse:

Os povos elaboram sua identidade através de suas paixões ou de seu recolhimento. Às vezes, camadas ou classes sociais distintas não se sensibilizam da mesma forma. [...] No Brasil, nada conduz à loucura como o futebol. Durante pouco tempo atividade refinada, irradiou-se por toda a sociedade e tornou-se o emblema da hegemonia popular sobre a ‘cultura das elites’. Estas submeteram-se ao seu desnivelamento e construíram em torno do futebol uma arena de poder, de lucros e de mando, como atestam carreiras políticas, administrativas e financeiras. Não é por aí, todavia, que se aprende algo profundo sobre o ‘caráter nacional’. Este se evidencia no mundo dos sonhos e de ilusões que arranca o futebol. Primeiro, no conceito de arte, que lhe é aplicado como qualificação mestra. Segundo, no significado que recebe entre jogadores e nas suas relações com os torcedores. [...] Trata-se de um mundo no qual o profano, a magia e a religião se confundem e quebram a rotina da miséria, da ignorância e da opressão, ainda que por alguns instantes e graças à fantasia.

Até mesmo no cinema nacional há referências dessa fala de Florestan (1994) sobre o futebol ser um importante meio para quem está nas camadas populares, vivendo a ignorância, a opressão e a falta de oportunidades. O diretor goiano Adirley Queirós, através do filme *Fora de Campo* (2009), onde ele entrevistou antigos jogadores de um time de segunda divisão do Distrito Federal, (time de poucos recursos), e apresentou os jogadores de forma descontraída e simplória, quase todos aposentados, contando sobre o mundo do futebol. Em uma das cenas, um dos personagens, dando um sermão de incentivo ao time, diz que: “o futebol é o único meio profissional que dá ao pobre direito de ser milionário, e de entrar em qualquer lugar olhando todo mundo por cima” (QUEIRÓS, 2009).

O filme é um compilado de entrevistas realizadas pelo diretor, com jogadores reais, que passaram por dificuldades reais, sejam financeiras, sejam por falta de

oportunidades profissionais, por falta de escolaridade, por terem que trabalhar desde cedo, entre outras questões, principalmente de origem social. O ponto é que o futebol teve relevância na vida desses indivíduos, justamente pelo fato de representar oportunidade de crescimento. Ainda que apenas 8%³ dos jogadores consigam alcançar o futebol de elite, essa é uma forma de tentar conquistar uma vida diferente.

2.3. Futebol e sociedade

O futebol é símbolo de uma “paixão nacional”. Arno Vogel (1982), apresentou a história de um amigo o qual foi perguntado sobre seu time do coração. Ele que não entendia sobre o assunto, dizia:

[...] Flamengo porque, afinal, todo mundo precisava ter um time. Assim é que, no Brasil, recebemos, do berço, o nome, a religião e o clube de futebol, que, juntamente com o sexo e o estado civil, nos acompanharão pelo mundo social em que acabamos de entrar (VOGEL, 1982, p. 77).

Essa “paixão nacional” mobiliza vários grupos, até mesmo quem não se identifica com o futebol. Parece cômico o que Vogel (1982) reproduziu, no entanto, no imaginário criado sobre o brasileiro, principalmente fora do Brasil, o país seria carnaval o ano inteiro, as mulatas deslumbrantes passando seus dias a dançar samba e o futebol como o esporte clássico das tardes de domingo (DAMATTA, 1997). Os que fogem desse estereótipo, por vezes, podem ter sua brasilidade contestada.

Há quem pense o futebol por uma visão oposta à ideia de Damatta (1997), interpretando-o como instrumento político de dominação das massas (pão e circo). Nesse aspecto, Arno Vogel (1982, p. 78) estabeleceu dois questionamentos importantes. Primeiro, “por que o futebol foi o escolhido para ser esse esporte dominador e não os outros existentes no mundo?”. Em segundo, “por que este jogo é brasileiro sem ter nascido no Brasil, e nacional sem nos pertencer exclusivamente?”.

Sobre isso, algumas questões são importantes de se levantar, como o fato de se estar em uma sociedade marcada pelo futebol, onde uma das identidades sociais vincula-se ao papel desempenhado pelo torcedor. Dizem existir mais de cem milhões de técnicos de futebol, uma vez que todo torcedor considera-se capaz de escalar um time e criticar um sistema ou comentar as qualidades do desempenho de uma equipe (VOGEL, 1982).

³ Esse dado foi encontrado através do filme de Adirley Queirós (2009). Segundo os entrevistados do filme, 8% é a média de jogadores que conseguem se destacar através do futebol.

A questão da identidade é outro ponto relevante, afinal, o futebol ocupa um espaço considerável na sociedade brasileira. Primeiro, ele é um tema preferencial em conversas, seja entre conhecidos ou entre desconhecidos. Vogel (1982) avalia que é quase impossível encontrar um interlocutor que não goste do assunto. Mesmo as diferenças sociais não são um problema para discussões sobre o tema. Através dele, podem-se descobrir afinidades e discordâncias, tecendo um papel importante nas redes de relações. “Vencendo espaços, que de outra maneira seriam intransponíveis, esse esporte une pessoas distantes entre si na hierarquia social” (VOGEL, p.78).

Jocimar Daolio (2000, p. 33) argumentou sobre essa popularidade do esporte, principalmente no Brasil.

Sem entrarmos no mérito das duas teorias citadas, parece ter havido uma combinação entre o código de futebol e o contexto cultural brasileiro. Em outros termos, o Futebol demandaria um estilo de jogo, uma experiência técnica, uma eficácia e uma eficiência que se adequaram às características culturais do povo brasileiro. Assim, o novo esporte que chegava da Inglaterra não oferecia apenas momentos lúdicos de lazer a seus participantes, mas permitia, principalmente, a vivência de uma série de situações e emoções típicas do homem brasileiro. [...] O futebol seria, ao mesmo tempo, um modelo da sociedade brasileira e um exemplo para ela se apresentar. [...] O homem brasileiro comportar-se-ia na vida como num jogo de futebol. [...] Poderíamos supor que essa característica do futebol brasileiro deve-se à própria forma do homem brasileiro dispor-se no mundo, conciliando e tirando vantagem da expressão individual sobre um plano coletivo.

A mobilização que o futebol causa, parece ser exclusividade brasileira, e talvez por anos tenha sido, mas hoje, o fenômeno tem um alcance mundial. A comprovação dessa afirmação, pode ser observada no fato de existirem mais países filiados à Federação Internacional de Futebol (FIFA), do que à Organização das Nações Unidas (ONU) (MELO, 2010).

Seguindo essa linha, Victor Andrade de Melo (2010), aponta sobre o fato da Copa do Mundo de Futebol, reunindo apenas um esporte, conseguir obter mais prestígio e atenção do público, do que os Jogos Olímpicos com mais de vinte modalidades esportivas.

O futebol, como parte dessa lista de jogos, continua sendo ou tendo um papel diferente dos demais esportes. Principalmente pelo fato dele representar luta por alguma coisa ou a representação de algo, podendo ser interpretado também como a busca pela melhor representação (ANDRADE, 2007). Talvez a maior diferença do futebol em relação aos outros jogos, esteja no fato dele ser encarado como o esporte nacional e por esse motivo, a necessidade de ser melhor.

Aos que entendem o futebol como política do pão e circo, uma alegoria olimpiana conta sobre o enlace de dois deuses que geraram o Jogo, a Deusa Fortuna e o Deus da Guerra:

Desta união foi gerado o Jogo: uma criança aborrecida, mal-humorada, caprichosa, somente interessada pelos dados, pelas cartas e moedas. Personagem assexuado, cortejado por homens e mulheres de diferentes origens, o Jogo se acomoda num determinado momento na companhia de soldados e, unindo-se a um deles, dá “luz” a dois gêmeos: o duelo e o suicídio (RETONDAR in FERREIRA; COSTA, 2003, p.119).

Embora seja uma metáfora, os mitos tentam sempre trazer alguma discussão. Esse tentou elucidar a essência de qualquer jogo, que representa paixão, mas que se transforma em loucura e fúria, terminando com luta e suicídio, não de forma literal, devido ao transe causado pelo jogo. O jogador é transportado para um plano estranho à realidade (ANDRADE, 2007).

De fato, a própria Federação Internacional (FIFA), realiza estudos de públicos, do acesso às mídias, do alcance que seus eventos esportivos têm pelo mundo. No ano de 2014, em que a copa do mundo aconteceu no Brasil, cerca de 34,5 milhões de pessoas assistiram às transmissões de alguma maneira. Isso representa, cerca de 50% da população mundial, (desconsideradas as pessoas que foram aos estádios).

Essa porcentagem direciona ao senso comum em relação à dimensão mundial alcançada pelo futebol. Autores como Vogel (1982), por exemplo, ainda consideram que mesmo com essa dimensão mundial, esse esporte tem uma espécie de linguagem ritual que expressa especificamente, questões profundas da sociedade brasileira. O futebol não representa os sentimentos mundiais, ele traduz segundo Vogel (1982): orgulho, luto e euforias brasileiras.

Em 1950, foi o ano em que o Brasil perdeu a final para o Uruguai, em pleno Maracanã. Esse episódio silenciou o estádio na época, gerou luto e foi lembrado e revivido anos após o acontecimento.

As imagens da memória coletiva são extraordinariamente econômicas na sua qualidade de símbolos. O comércio de portas cerradas é a negação da troca mercantil, processo fundamental do nosso cotidiano. As ruas desertas contradizem uma condição absoluta da vida de qualquer sociedade humana - a circulação física dos indivíduos no espaço social. Bandeiras enroladas, fora do ar, são símbolos que não estão onde deveriam estar. Ocultar o símbolo equivale à recusa da representação. No lugar do símbolo, a sua ausência (VOGEL, 1982, p. 92).

Vogel (1982, p.92) ainda dizia que “o silêncio era uma forma básica da recusa do intercurso social. Sua forma mais radical, talvez, pois, era também a evocação da morte”. Para muitos torcedores havia sim um sentimento de morte de uma parte dos

brasileiros. Alguns diziam que era como se tivesse sido alguém muito importante, outros como se fosse um suicídio e alguns mais simples, que a mãe — pátria tinha morrido. A peregrinação fúnebre de saída do Maracanã foi igual para todos. Alguns chorando, outros cabisbaixos, humilhados diante do mundo.

E nesse sentido da “morte”, Vogel (1982) colocou outro ponto que tem significado para o brasileiro, a relação que se estabeleceu ao longo dos anos com o fracasso. Segundo ele, o fracasso e a vergonha caminham juntos. É um sentimento que tem raízes em questões mais profundas da sociedade e que vão além do futebol. Ser derrotado no Brasil tem implicações hierárquicas vindas de outros períodos sociais.

Roberto Damatta (1997) sugeriu que a sociedade brasileira caracteriza-se por uma duplicidade de códigos. Sendo assim, de um lado tem-se o código igualitário das sociedades modernas, onde todos eram iguais perante a lei. A nobreza e a escravidão foram abolidas e o Brasil subscreve a Declaração de Direitos do liberalismo. Na economia predomina o capitalismo e as relações de trabalho através da carteira assinada.

Na outra ponta se encontra o código hierárquico e o rito autoritário “você sabe com quem está falando?”. Nesse aspecto, a sociedade aceita um sistema de relações escalonadas “onde as posições mais altas englobam as inferiores através de um gradiente de respeito e deferência” (DAMATTA, 1997, p 147), afinal, não existe maneira de existir o superior sem que haja o inferior. E essa relação é estabelecida através de um pacto moral, contando com uma relação onde exista a lealdade e a consciência dos limites entre uma posição e outra. “A hierarquia permite duas operações simétricas: aproximar e identificar os desiguais, e diferenciar os iguais, continuamente” (DAMATTA, 1997, p. 148). Nessas duas operações, a primeira constitui a relação de patronagem e a segunda onde o respeito, a honra e a vergonha possuem papéis de destaque.

Segundo Damatta (1997) a cultura brasileira tem raízes mediterrânicas e por esse motivo, a honra tem função essencial. A honra vem a ser o valor estabelecido para si e para os outros. É uma afirmação de posição de *status*, reconhecendo e respeitando essa posição, implicando na ética relacional.

A história desta noção, tal como ela veio da antiguidade greco-latina, através da sociedade cristã medieval, e, em particular ibérica é muito instrutiva, nesse sentido. A honra vincula-se a duas fontes principais: a tradição e o mérito. O código da honra e da vergonha consegue determinar, reconhecer e manipular algumas identidades

sociais, uma vez que eles firmam a hierarquização de posições e a qualificação necessária para alcançá-las (DAMATTA, 1997).

Levando esses aspectos de honra e mérito no âmbito da Copa do Mundo, se percebe a conformação das hierarquias entre os vitoriosos e os derrotados. Os primeiros passam a representar ascensão e poder, enquanto os segundos serão reconhecidos no mundo por sua fraqueza e total desprestígio diante dos demais. “[...] cada vez que está em jogo uma posição do sistema, é a própria honra nacional que está sendo posta à prova” (VOGEL, 1982, p. 94).

Do mesmo modo que a derrota de 1950 foi impactante, a vitória em 1970, no México, onde a seleção brasileira foi tricampeã, foi considerada a vitória das vitórias ou em 1994, nos Estados Unidos, onde a seleção conquistou o “tetra”, a euforia tomou conta do povo. Assim como a derrota gerou um ritual fúnebre, a vitória proporcionou euforia como um carnaval (VOGEL, 1982).

Outro autor, José Sebastião Witter (1982), concordou com Vogel em relação ao futebol traduzir emoções brasileiras, e acrescentou que também representa as questões políticas de cada período. Dando os mesmos exemplos dele, Witter faz algumas ressalvas. Em 1950, sobre a construção do Maracanã, não poderia ser desvinculada do expressivo governo nacionalista de Getúlio Vargas. Em 1970, coincidiu com o período da ditadura militar, onde havia grande repressão política. Ainda em 1994, o tetracampeonato na mesma época em que o real estava sendo implementado e havia acontecido a eleição de Fernando Henrique Cardoso.

A copa do mundo de 2014, também realizada no Brasil, (64 anos após aquela derrota para o Uruguai no Maracanã em 1950), também gerou luto no país, e revoltas antes e depois da copa. A seleção foi derrotada na final para a Alemanha, em uma goleada considerada histórica, afinal foram 7 gols contra apenas 1 do Brasil, deixando o país em luto outra vez. Questões políticas foram evidenciadas, grandes questionamentos sobre as reformas dos estádios, preocupações sobre o legado que essa copa deixaria para o brasileiro.

O futebol brasileiro tem sido uma expressão da sociedade brasileira, como supracitado, e vários autores já o entendem como manifestação cultural brasileira, constantemente atualizada e ressignificada (DAOLIO, 2000).

O futebol proporciona acesso real aos estudiosos para se compreender a imaginação social e a realidade sociológica brasileira. Ele representa os rituais de algumas identidades sociais. A própria identidade nacional tem nesse esporte uma

estratégia importante de definição e manipulação. Ele pode ainda ensinar aos brasileiros de que forma a cultura brasileira estabelece os sistemas de hierarquização e igualdade (VOGEL, 1982).

Cada jogo apresenta de que forma o indivíduo que está jogando e administrando sua honra, através das qualidades exigidas: garra, raça e sangue. Além disso, a humildade é outro aspecto extremamente importante, afinal, de nada adianta ser qualificado tecnicamente e o jogo não transmitir respeito e vontade de se impor diante do adversário (VOGEL, 1982).

A copa de 1950 onde o Brasil foi derrotado em casa, provocou dor, sofrimento e vergonha pública. Foi humilhado pela coragem do adversário. A pior derrota vinculase a perder dentro de seu próprio domínio. Por isso a associação da derrota com o funeral parece a maneira mais clara de se entender a relação com a derrota, “[...] quando a torcida sumiu, em silêncio, refugiando-se nos seus lares. O luto, a dor e a vergonha têm de ser escondidos. Assim manda o recato” (VOGEL, 1982, p. 113).

Em contrapartida, a vitória de 1970, onde desencadeou a euforia, o delírio e a exibição em escala nacional (VOGEL, 1982, p.114):

Na cultura popular de raízes mediterrânicas, a vitalidade está associada à potência sexual, valor básico de um ethos centrado na afirmação da masculinidade, pela exibição agressiva dos seus atributos. Não admira, pois, a relação da vitória com o ritual da vida e do sexo - o Carnaval.

“A tragédia é o simétrico inverso da apoteose” (VOGEL, 1982, p.114). Ambas, vitória e derrota, tragédia e apoteose foram responsáveis pela construção da identidade nacional. Com a diferença que na tragédia o povo brasileiro foi obrigado a lidar com o constrangimento da subordinação inesperada e a volta sem glórias para o amargo cotidiano. Já na vitória, problemas complicados relacionados a hierarquização social, cederam lugar para o momento de identificação e soberba. Grande parte das pessoas passaram a se orgulhar por serem brasileiros e maiores do mundo.

No caso do Atlético, a construção cultural dos torcedores esteve diretamente ligada a fraqueza vivenciada por eles, entre os anos 1999 e 2005, quando experimentou o quase fechamento de suas portas, afundado em dívidas e com seu estádio a beira de ser vendido para comerciantes. A movimentação de grupos de torcedores foi fundamental para o ressurgimento do Atlético e essa atividade desempenhou o papel de intensificar o sentimento de responsabilidade e pertencimento de cada um dos torcedores que contribuíram com o clube. Aí foi intensificada a identidade campineira atleticana.

2.3 O time de futebol do bairro: Atlético Clube Goianiense

A história da fundação do Atlético Clube Goianiense (ACG) iniciou em 2 de abril de 1937 (Figura 20). Nessa fase Goiânia estava em ritmo acelerado de construção. Entretanto, uma das questões faltantes era o lazer para a população. Havia uma carência de atividades culturais que atraíssem moradores, a exemplo do futebol, atração coletiva aos campineiros - goianienses (GOMES, 2015).



Figura 20: Primeira foto do Atlético Clube Goianiense em 1937.

Da esquerda para a direita: Antônio Daniel, dois irmãos não identificados, Calimério Machado, Afonsinho Gordo, Lisboa Machado, dois não identificados, Zé Pneu, João de Brito Guimarães, Neije José, Nicanor Gordo, Zé Barbeiro e João de Paula Teixeira Filho, o Parateca. Agachados: Orlando Ferezin, Geraldo Bacalhau, João V8, Ondumar Sarti, Geraldo, Afrânio Rigueto, Jason Santana, Moreno, Bené. Sentados: os goleiros Vicente Pereira de Melo e Edson Hermano de Brito. Detalhe: os atletas usavam toucas (gorros) e os goleiros joelheiras.

Fonte: TELES, 2005.

Em 1935, Edson Hermano e João Batista Gonçalves jovens e aventureiros, saíram de Vila Boa trazendo na mala uma bola de futebol. A ideia era disseminar o esporte em Goiás (em Vila Boa já existiam dois times). Ambos eram amigos de Alberto Alves Gordo e de Nicanor Gordo, apreciadores do futebol carioca e paulista (berços do futebol no Brasil) e arrendadores do Hotel Pouso Alto (antiga Pensão Duarte, Figura 21), onde costumavam se reunir para discutir futebol. Sendo todos desportistas, em 1936, resolveram criar um time para que pudessem competir com outros rapazes da região (TELES, 2005).



Figura 21: Hotel Pouso Alto no anos de 1937 (antiga Pensão Duarte), na Rua Pouso Alto em Campinas.
Fonte: TELES, 2015, p.69.

Alberto Gordo descreveu o momento:

Com a finalidade de fundar um clube de futebol, reuniram-se no meu hotel vários rapazes, entre eles Nicanor Gordo, meu irmão, Edson Hermano, João de Brito Guimarães, João Batista Gonçalves, Ondomar Sarti, Benjamin Roriz e outros, e ali, no dia 2 de abril de 1937, foi fundado o Atlético Clube Goianiense, cuja ata de fundação tive a honra de lavrar (TELES, 2005, p.15).

A Figura 22 mostra alguns dos jovens que foram responsáveis pela fundação do Atlético Clube Goianiense.



Figura 22: Alguns dos jovens fundadores do Atlético Clube Goianiense, em 1937. Da esquerda para a direita: Batistinha, Armando, Benjamin Roriz, Alberto, Ondomar Sarti e Abrão.
Fonte: TELES, 2015.

As cores vermelho e preto da camisa foram inspiradas no Flamengo, clube ao qual uma parte dos fundadores torciam na época. As Figuras 23 e 24 retratam respectivamente, o uniforme do Clube de Regatas Flamengo no ano de 1973 e o uniforme do Atlético Clube Goianiense em 1974. Embora a segunda imagem esteja sem cor, é possível perceber a semelhança das duas camisas. O sentido e os tamanhos das listras, os tipos de golas, a posição dos escudos e até mesmo o calção branco e o meião listrado. O escudo, por sua vez, inspirado no São Paulo Futebol Clube (Figura 25), alterou ligeiramente o formato, a cor das iniciais, a espessura do contorno, mas de modo geral, pode ser confundido (ORTENCIO, 2011).



Figura 23: Uniforme do Clube de Regatas Flamengo em 1973.
Fonte: REVISTA PLACAR, Ano desconhecido.



Figura 24: Uniforme do Atlético Clube Goianiense em 1974.
Fonte: Autor Desconhecido, 1974.



Figura 25: Escudos do Atlético Clube Goianiense e do São Paulo Futebol Clube respectivamente.
Fonte: Autor desconhecido.

O segundo passo após a criação da nova agremiação, foi conseguir um lugar para treinar. Talvez pouco seja dito sobre o fato do campo do Atlético ter surgido através de uma invasão de área. Começaram em um descampado onde hoje está localizado o Estádio Antônio Accioly (Figura 26).



Figura 26: Na década de 1950, tanto o Estádio quanto a Praça A tinham apenas suas áreas definidas.

Fonte: ORTENCIO, 2011.

Os jovens criadores possuíam uma banda musical e passaram a arrecadar fundos através de *shows* em clubes de campinas, revertendo o dinheiro para o time. Em 1936, Antônio Accioly (Figura 27) veio para a cidade e começou a trabalhar no Cartório do 2.º Ofício. Mais tarde foi criado o Cartório dos Feitos Executivos e Accioly tornou-se proprietário. Por meio disso, ele ganhou muito dinheiro e prestígio. Nessa época, já era torcedor do Atlético e acabou tornando-se presidente do clube. Essa posição lhe concedeu a doação do terreno que ocupavam em prol da prática de esportes (TELES, 2005).

A doação conquistada por Accioly foi mediante o comprometimento do clube em atender à comunidade de Campinas, construindo um complexo esportivo naquele terreno. Infelizmente, a ação demandava um dinheiro que não possuíam, por isso, a construção nunca aconteceu. (GOMES, 2015).



Figura 27: Antônio Accioly, ex-presidente do Atlético Clube Goianiense, nome dado ao Estádio do time em sua homenagem.
Fonte: GOMES, 2015.

Antônio Accioly foi uma Figura bastante importante para o crescimento do Atlético. De modo geral, ele foi um grande benfeitor para muita gente e inclusive para outros times, como o Vila Nova. No ACG, Accioly foi responsável pela aquisição da área, como já foi dito, mas também por várias contratações de jogadores talentosos, a exemplo de Cisquinho, Tarzan, Manduca, Eudes, Licinho, dentre outros. Além disso, ajudou a jogadores do time, dando-lhes emprego em seu cartório e pagando premiações por várias vitórias seguidas conquistadas (GOMES, 2015).

Na década de 1940, um abaixo-assinado, encabeçado por Bariani Ortencio, foi realizado para dar nome ao campo do Atlético. Foram 132 assinaturas de sócios, jogadores, proprietários e mensalistas escolhendo o nome: “Estádio Antônio Accioly”, o qual se manteve ao longo dos anos (ORTENCIO, 2011).

A base do Atlético foi formada a partir de jogadores provenientes do futebol amador existente na região de Campinas. Muitos dos jovens da época, treinavam em um campo de terra batida, situado próximo à Avenida Maranhão (hoje Avenida Castelo Branco), e nas imediações da residência de Antônio Accioly que se localizava na

Avenida Pouso Alto. Dessa forma, ele trabalhou como olheiro⁴ de muitos jovens (GOMES, 2015).

Nos primeiros anos do rubro-negro (nome que se referem ao time devido às cores da camisa — preto e vermelho) as competições se limitaram a pequenos torneios, tendo como maior rival o Goiânia. Somente a partir de 1943 surgiram Goiás, Vila Nova e Campinas Esporte Clube, sendo possível em 1944, a realização do primeiro Campeonato Goiano organizado pela Federação Goiana de Futebol (FGF). A decisão final acabou sendo entre Atlético e Goiânia, saindo vitorioso o clube campineiro (GOMES, 2015).

Sobre as conquistas do time, são seis títulos em campeonatos extraoficiais, 1940, 1944, 1952, 1956, 1962 e 1964, depois como profissional, são treze pelo campeonato goiano nos anos de: 1944 (Figura 24), 1947, 1949, 1955, 1957, 1964, 1970, 1985, 1988, 2007, 2010, 2011 e 2014, Torneio Triangular Campineiro em 1956, Torneio Integração em 1971, Copa Goiânia em 1998, Campeonato Brasileiro Série C em 1990 e 2008, Campeonato Goiano da 2.^a divisão em 2005, Campeonato Brasileiro Série B em 2016 (TELES, 2005), (ORTENCIO, 2011) e (GOMES, 2015).



Figura 28: Equipe do Atlético campeã em 1944. Em pé: Paulista, Chancão, Pequetito, Tocafundo (Pedro), Pão Duro e Roberto. Agachados: Góia Segurado, Cisquinho, Ary, Dido e Goiano.
Fonte: GOMES, 2015.

⁴ O olheiro é um observador responsável por descobrir novos talentos para os times profissionais.

Entre essas várias conquistas do clube desde sua fundação até os dias atuais, o Atlético passou por um hiato entre 1999 a 2005, só retornando ao futebol em 2006. O início da decadência foi em 1998, após a obtenção do título na Taça Goiânia. A agremiação dirigida por Alencar Júnior (1999 a 2000) e Ailton Flanklin Gonçalves (conhecido como Bela Vista) (2000 a 2002), contraiu muitas dívidas e quase fechou as portas.

Hoje, dirigido por Maurício Sampaio e Adson Batista, o Atlético está mais organizado financeiramente. O estádio está em reforma para atender a um público de cerca de 11 mil torcedores (exigências para se jogar a Série B no Accioly). Quanto aos últimos três anos de campeonatos, em 2015 fez um péssimo Campeonato Goiano, sendo eliminado na primeira fase. Também foi eliminado na Copa do Brasil pelo América de Natal e fez uma campanha irregular na Série B, ficando em 14.^o na classificação geral. Em 2016, fez uma excelente primeira fase no estadual, mas acabou eliminado na semifinal pelo Anápolis, em pleno Serra Dourada e fez uma terrível Copa do Brasil, sendo eliminado na primeira fase pelo Ypiranga de Erechim. Já na Série B, entra desacreditado, mas acaba fazendo o ápice de sua história, além de conquistar o acesso à Série A do brasileiro, o Dragão foi campeão da Série B ao ganhar do Tupi por 5 a 3 no Olímpico, conquistando o seu maior título. Em 2017, ficou em último lugar no Brasileirão da Série A, sendo rebaixado para a Série B novamente. Por fim, 2018 foi um ano sem grandes momentos. O time não chegou a final do Goiano, saiu da Copa do Brasil e está em oitavo lugar no Campeonato Brasileiro da Série B.

2.3.1 O estádio

Antônio Gil Andrade em sua tese *Estádios de futebol: das arenas aos circos* (2007, p.102) colocou os estádios como “equipamentos complexos implantados nos tecidos urbanos, como lugares integrados de vida, entretenimento, encontro e comemoração, planejados para criar emoções de celebração e drama”. Além disso, são espaços com características únicas de identidade, lugar de manifestações culturais e o seu planejamento é “objeto de constantes mudanças, quanto ao porte, à organização, às tecnologias e às relações com ambiente urbano” (ANDRADE, 2007, p.102).

No entanto, os jogos de futebol anteriores à regulamentação, em 1860, eram realizados de maneira improvisada, como uma manifestação lúdica da cultura popular, nos campos dos povoados, com limites imprecisos e obstáculos naturais determinando o espaço onde acontecia o jogo e onde ficava o gol (ANDRADE, 2007).

Muitos times de futebol surgiram das várzeas. O nome várzea, referia-se aos terrenos cultiváveis em vastas planícies. No Brasil, em especial São Paulo, a várzea passou a designar os terrenos cultiváveis junto aos rios. O futebol de várzea, por sua vez, dizia respeito ao futebol amador. Surgiu em São Paulo onde os meninos praticavam o esporte às margens dos Rios Tietê e Pinheiros. As primeiras partidas disputadas na cidade, aconteceram nesses terrenos enormes que não podiam ser edificadas. Eram planos e apropriados para práticas esportivas diversas, mas a preferência nacional já era o futebol (WITTER, 1982).

Embora em São Paulo o termo significasse terrenos às margens de rios, em outras regiões do Brasil ele adquiriu conotações diversas e uma delas foi o futebol amador desenvolvido nos chamados “terrões” (campos de terra batida) no meio da cidade. Esse futebol de várzea desempenhado pelos pequenos times, sempre foi o principal meio de alimentar o futebol profissional. Jogadores como: Louro, Tonho do Matadouro, Baiano, Alcides, Aramis (Pinguinha), Itacarambi, Bolão, Péricles, Odílio e muitos outros, foram jogadores criados pela prática do futebol de várzea e que depois compuseram a base juvenil do Atlético. Muitos ainda conseguiram chegar ao time profissional (GOMES, 2015).

No caso do Atlético, pode-se dizer que o time veio mais do espírito da várzea do que propriamente da várzea, já que seu lugar de treinamento nunca esteve à beira do rio. Surgiu como um clube amador, mas que logo se tornou profissional. Abaixo, nas Figuras 29 e 30, imagens do campo do Atlético ainda despido de fechamento e da comunidade campineira prestigiando o jogo. É possível notar a popularidade do esporte e do time em Campinas. A arquibancada que durante muito tempo foi a única arquibancada coberta do Estádio já existia nessa época, ao fundo da imagem 29. Na imagem 30 bem se vê a quantidade de pessoas amontoadas na arquibancada.



Figura 29: Vista do interior do campo atlético no início da década de 1950.
Fonte: GOMES, 2015.



Figura 30: Campo do Atlético em 1955.
Fonte: TELES, 2005.

O campo surgiu em uma área pública municipal (APM) que foi invadida pelos jovens idealizadores do time. Posteriormente, Accioly conseguiu recebê-la através de doação do Município, com a promessa de executar atividades que pudessem atender a comunidade, o que nunca aconteceu, mas a área continuou sendo do clube (GOMES, 2015).

A imagem 31 apresenta a arquibancada já coberta, em 1956. A quantidade de pessoas era enorme e nota-se que muitos iam para os jogos de bicicleta, o que se manteve como uma característica marcante do atlético, ir aos jogos a pé ou de bicicleta, por geralmente morarem próximos ao Estádio.



Figura 31: Estádio Antônio Accioly recebendo a torcida do Atlético. Nota-se a popularidade do esporte no bairro, em 1956.
Fonte: TELES, 2005.

Em 1946 o Atlético conquistou o título de vice-campeão metropolitano da cidade de Goiânia e em 1947 foi inaugurado o Estádio, todo murado e com o nome de Antônio Accioly, em homenagem ao benfeitor atleticano.

A Figura 32 apresenta o estádio em 1954, com parte de sua estrutura e murado. Já fazia parte do complexo esportivo, a fachada da bilheteria e uma das arquibancadas. A arquibancada do lado oposto foi construída somente em 1958, sendo a primeira arquibancada edificada em alvenaria no Estado de Goiás (Figura 33).



Figura 32: Foto aérea do Estádio Antônio Accioly em 1954.
Fonte: GOMES, 2015.



Figura 33: Construção da arquibancada do Estádio Antônio Accioly em 1958.
Fonte: OLIVEIRA, 2018.

A Figura 34 é uma foto da bilheteria em 1958. Ela já estava com a mesma conformação atual, embora as cores utilizadas eram claras. Deve-se ressaltar que a torcida se reunia na entrada do Estádio, sendo um dos principais pontos de encontro dos torcedores. Ainda hoje, embora os jogos estejam acontecendo somente no Estádio Olímpico ou no Serra Dourada, a venda de ingressos ocorre nas bilheterias do Accioly e muitos torcedores aproveitam para fazer certa movimentação pelo entorno.



Figura 34: Entrada do Estádio Antônio Accioly em 1958.
Fonte: GOMES, 2015.

Por volta de 1970 a bilheteria já havia sido pintada de vermelho e preto e apresentava o escudo do time (Figura 35).



Figura 35: Fachada do Estádio Antônio Accioly por volta de 1970.
Fonte: Autor desconhecido, 2018.

Após a conquista da Taça Goiânia em 1998, o Atlético entra em um período de decadência por duas administrações, de 1999 a 2000 e de 2001 a 2002. Em 2002 a decadência do Atlético foi tão profunda “ao ponto de ter o seu principal patrimônio — o Estádio Antônio Accioly — reduzido à sucata (Figura 36) tal foi o nível de destruição a que foi submetido” (GOMES, 2015, p. 110). O presidente da época, Alencar Júnior, arrendou o estádio ao Consórcio Campinas Empreendimentos, do qual sete construtoras faziam parte, com o intuito de construir um *shopping center* (GOMES, 2015).



Figura 36: Estádio Antônio Accioly destruído em 2003.
Fonte: GOMES, 2015.

A situação do estádio foi lastimável. O mato tomou conta de toda a estrutura. Passou a servir de abrigo para moradores de rua e ponto de encontro para os usuários

de drogas. A região tornou-se insegura. Beto disse que era a situação mais deprimente que já viveu. “Como torcedor fanático, perder a minha “casa” da forma como aconteceu, foi dolorido” (SILVA, 2018).



Figura 37: Arquibancada e muro destruídos no estádio em 2003.
Fonte: TELES, 2005.



Figura 38: Arquibancada destruída em 2003.
Fonte: TELES, 2005.



Figura 39: Campo e arquibancada destruídos em 2003.
Fonte: TELES, 2005.

Em 2003, sem o seu estádio o Atlético jogou contra a Anapolina no Estádio Olímpico pelo campeonato goiano. Perdeu por um gol a zero, sendo rebaixado para a segunda divisão do goiano (posição de total desprestígio no campeonato regional).

Alguns cronistas deram suas opiniões aos jornais da época. José Mendonça Teles e Bariani Ortencio foram dois deles, ambos campineiros e atleticanos. Ao Jornal *O popular*, se pronunciaram sobre esse rebaixamento. Teles justificou a situação dizendo:

O rebaixamento do Atlético tem a ver com o processo de decadência dos últimos anos, que começou com a destruição do Estádio Antônio Accioly. Uma coisa puxa a outra. Se estivéssemos com a pujança de antes seria diferente. Hoje tudo traz desânimo, que se refletiu no time e provocou o processo (O POPULAR, fev. 2003).

Bariani Ortencio:

Depois da derrocada que foi a tentativa de alugar o Estádio Antônio Accioly, houve uma descaracterização do Atlético. Hoje o time nem pode ser considerado mais como campineiro. Fui goleiro do Atlético na época em que o clube não era profissional e todos vestiam a camisa com amor. Não dá para voltar a esse tempo, mas é preciso reconstruir a partir de um bom time juvenil (O POPULAR, fev. 2003).

As opiniões dos dois atleticanos refletiram a importância do estádio para a construção do significado do time. Ao campineiro tradicional, a dor de encontrar o estádio abandonado, despido de sua estrutura, foi como a expressão de ter sido expulso de sua casa, desterritorializado. Para eles, soava inadmissível se falar em Atlético Clube Goianiense, sem destacar a importância que Campinas e consequentemente os seus moradores tiveram no desenvolvimento da agremiação.

Após a movimentação de vários torcedores, com a criação da Associação de Torcedores e Amigos do Atlético — ATAAC, em conjunto com a ação de tombamento

do estádio, desencadeada por José Mendonça Teles, eles conseguiram reunir verba para iniciar a reforma do campo. A ação surtiu o efeito necessário e a bilheteria foi tombada, obrigando a nova diretoria, em um prazo de 5 anos, reconstruir a sede do clube. Em 2005 o cenário já era menos agressivo ao torcedor.



Figura 40: Máquinas da prefeitura trabalhando na limpeza da área do estádio.
Fonte: TELES, 2005.



Figura 41: Estádio reformado em agosto de 2005.
Fonte: TELES, 2005.



Figura 42: Estádio reformado em agosto de 2005.
Fonte: TELES, 2005.

A reinauguração do Antônio Accioly aconteceu em agosto de 2005, contando com um público presente de mais de sete mil pessoas, parte de delas sendo políticos importantes no cenário goiano. Foi um ano e quatro meses nesse processo de reconstrução das dependências do clube, recuperando arquibancadas, alambrados, muros, sistema hidráulico, elétrico, a lanchonete e restaurante, as cabines de rádio e televisão, banheiros e vestiários e as demais estruturas (GOMES, 2015).

Agora novamente em reforma, o estádio será reinaugurado em agosto de 2018 para sediar o final do Campeonato Brasileiro da Série B. A capacidade do estádio antes para cerca de três mil torcedores, passará a comportar onze mil. Os torcedores têm se manifestado nas redes sociais, aguardando com ansiedade a reestreia do clube no seu estádio. A campanha do Atlético fora do Antônio Accioly costuma ser com pouca torcida. Eles são muito arraigados as suas origens campineiras.

A relação de identidade entre os torcedores, o clube e o estádio, pela própria história de decadência e superação a qual a torcida esteve acompanhando e lutando em conjunto com o time, é uma prova do pertencimento do Atlético ao bairro de Campinas. A memória coletiva dos campineiros passou por um processo de crise ao se ver sem seu lugar de memória. Aquele espaço é parte da manifestação cultural deles, é um signo da paixão pelo time. Ele é a decodificação de um sentimento.

2.3.2. Ritos e simbologias

Meu coração não joga nem conhece as artes de jogar.
Bate distante da bola nos estádios, que alucina o torcedor, escravo de seu clube. Vive comigo, e em

mim, os meus cuidados. Hoje, porém, acordo, e eis que me estranho: Que é de meu coração? Está no México, voou certo, sem me consultar, instalou-se, discreto, num cantinho qualquer, entre bandeiras tremulantes, microfones, charangas, ovações, e de repente, sem que eu mesmo saiba como ficou assim, ele se exalta e vira coração de torcedor, torce, retorce e se distorce todo, grita: Brasil! com fúria e com amor. (Carlos Drummond de Andrade - Jornal do Brasil, 09/06/1970)

Para se pensar sobre a simbologia do futebol, deve-se, inicialmente, entender o conceito de símbolo. Segundo Winfried Noth (2000), o símbolo é uma subcategoria do signo, e para ele pode ser definido de três maneiras distintas: como signo convencional; como signo icônico; como signo conotativo. Além de ser um conceito-chave para várias disciplinas das Ciências Humanas, um símbolo pode ser da ordem verbal ou visual. Para esse estudo, interessa pensar o símbolo como signo icônico que, por definição, se associa com o seu objeto através de uma relação de analogia, de semelhança, ou mesmo de outra forma de motivação. Em geral, um símbolo possui um “excesso de significado”, pois, conota sempre mais do que apresenta (NÖTH, 2000, p. 181 – 182). Tomado dessa forma, o símbolo da cruz, em sua simplicidade, pode transmitir esse “excesso de significado”.

O simbolismo do futebol se construiu através de algumas situações que lhes foram peculiares ao longo dos tempos e que ainda permanecem. Por exemplo, sua qualidade em igualar os indivíduos. Quando Florestan Fernandes (1994), falou sobre a “quebra na rotina da miséria, da ignorância e da opressão” que o futebol causava, ainda que fosse uma quebra pelos instantes em que o jogo estava ocorrendo, foram situações relevantes para a construção da homogeneidade social nos estádios. Além disso, o futebol foi e ainda o é expressão de identidade quando permite que nesse sentido de igualdade, todos os homens possam se manifestar, expressar da forma como querem sem qualquer julgamento e de forma individual e coletiva. Essa transformação momentânea proporcionada pelo esporte, estabeleceu uma relação intensa e criou esse simbolismo em relação à representatividade do futebol.

Outro ponto da fala de Florestan (1994) em que ele disse que o futebol é “o jogo em que o profano, a magia e a religião se confundem”, o que pareceu não fazer sentido, encaixou-se com outra cena do filme do Adirley Queirós (2008), onde um dos jogadores entrou no vestiário após o final do primeiro tempo de jogo, xingando enraivecido, acerca do fato do time ter levado um “gol besta”. Após vários gritos de

xingamento, o mesmo jogador chamou todo o time para reunir ao centro do vestiário e fazer uma oração.

Observando a torcida e os jogadores de times grandes ou pequenos, o perfil quase sempre é o mesmo. Ainda que não haja chances para o seu time vencer, em geral, o torcedor tem muita fé no surreal, na magia ou na religião como uma maneira do time poder mudar os resultados do jogo em questão de minutos. O torcedor possui, de maneira geral, ritos que desempenham um papel fundamental no ato de torcer.

Aldo Natale Terrin no livro *Antropologia e Horizontes do Sagrado* (2003), que contempla ensaios e artigos sobre antropologia cultural e sua relação com a visão simbólico-religiosa, disse que os indivíduos realizam ritos a todo instante. O homem sempre criou novos ritos, pois, a ritualidade reflete a história e a vivência dos mesmos e das comunidades, seja no nível religioso ou cultural. Para ele, nessas últimas décadas em que o homem constantemente tem buscado se redescobrir, entender quem é e de que maneira vive, o tema tem a necessidade de ser problematizado.

O conceito de rito pela própria etimologia da palavra, teve origem latina *ritus* que seria “ordem estabelecida”, associando-se à dois vocabulários gregos *artus* que se referia à “prescrição” e *ararisko*, “ação de harmonizar. O termo, de modo geral, vincula-se às questões de harmonização, ordenação e organização, servindo ao homem como modo de operar nos seus aspectos sociais. Podem ser considerados também como “encarnação dos mitos”, ou seja, instrumento encontrado pelo homem para conseguir simbolizar as narrativas de suas origens (VILHENA, 2005).

As torcidas atleticanas possuem ritos como torcedores. Os que são parte da *Torcida Dragões Atleticanos*, nome dado a torcida organizada do clube, começam suas atividades pré-jogos pelo menos uma semana antes. Enrolando bandeiras, organizando e afinando instrumentos, pensando em como serão transportados para o jogo. Dependendo de onde for o jogo, os ritos são diferentes também. Nos jogos que acontecem no Estádio Olímpico, eles caminham da sede que fica no Estádio Antônio Accioly até lá. Sendo assim, se reúnem pelo menos quatro horas antes, geralmente realizando uma confraternização antecipada, para saírem com pelo menos uma hora de antecedência para o Estádio. Quando é no Serra Dourada, conseguem um ônibus alugado por eles ou pelo clube, ou se organizam em caronas pelos carros dos amigos. Ainda, jogos fora de Goiânia em cidades próximas, alguns conseguem pegar seus carros, levar alguns companheiros e assistir ao jogo na outra cidade.

Já torcedores que não são parte da organizada possuem rituais próprios. Por exemplo, se em algum jogo que o time conquistou uma vitória importante o torcedor proferiu alguma frase, ou fez algum gesto, ou estava calçado com uma meia específica, esse elemento ou gesto recebe o poder de amuleto e passa a ser necessário para que o time consiga ganhar sempre. Muitos acreditam que a falta desse objeto pode proporcionar azar. Outra atividade corriqueira é a denominação comum entre torcedores em relação ao indivíduo que causa azar, ou seja, o “pé-frio” aquele que não costuma ir ao estádio e quando vai, os resultados não são favoráveis, assim como aquele que leva sorte é denominado “pé-quente”. Essas pessoas que são taxadas de pé-frio, em geral, param de receber o convite para estar na torcida.

Emile Durkheim (2000) apresentou em seus estudos a presença dos ritos em várias instâncias das relações humanas, mas de maneira especial no âmbito da religião, onde ganhou força e visibilidade, constituindo-se como uma forma simples de comunicação com as divindades, quais fossem elas. Essa importância dos ritos na religião se deu principalmente no sentido da ordenação e organização das cerimônias religiosas.

[...] no interior das religiões deístas encontramos grande número de ritos que são completamente independentes de qualquer ideia de deuses ou de seres espirituais. [...] Assim, há ritos sem deuses, e há até ritos dos quais derivam deuses. Todas as virtudes religiosas não emanam de personalidades divinas e há relações culturais que têm objetivo diferente do de unir o homem a uma divindade. [...] Os fenômenos religiosos ordenam – se naturalmente em duas categorias fundamentais: as crenças e os ritos. As primeiras são estados da opinião, consistem em representações; os segundos são modos de ação determinados (DURKHEIM, 2000, p. 165).

No mesmo viés de Durkheim (2000) tem-se Claude Rivière (1997) que referenciou o rito como “ação concreta”, entendendo que a ritualidade também se encontra na vida do indivíduo desde a infância.

[...] a ritualidade já na vida infantil, [...] se baseia "na aquisição de hábitos e valores que implicam em numerosos microrrituais na vida diária da criança". Pode-se igualmente reconhecê-la nos trotes estudantis, bem como nos concertos de rock e outros grandes espetáculos musicais, representando "os ritos de exibição da adolescência marginal". O ritualismo encontra-se igualmente na apresentação regulada do corpo [...]. Há também a ritualidade associada à prática esportiva. A propósito desta e sobretudo do futebol [...] para destacar a integração resultante da "comunicação simbólica entre os participantes, conectando numa vasta representação os sentidos e os valores mobilizados pelos participantes (RIVIÈRE, 1997, p.8-9).

É possível perceber então, que embora os ritos permeiem todos os campos das relações humanas, tem especial relação com a religião. Os ritos do esporte, por exemplo, principalmente do futebol, estão bastante vinculados às referências

religiosas. Desde o sinal da cruz, feito por um jogador ao pisar no campo, quanto da torcida em pedir a alguma divindade, a intercessão pelo seu time durante o jogo.

Martine Segalen também abordou o tema em seu livro *Ritos e Rituais Contemporâneos* (2002, p. 42) onde ela definiu o termo a partir da conceituação de Van Gennep, observando que “As sociedades são caracterizadas por sua descontinuidade, e o rito de passagem procura recompor a ordem social que é questionada a cada nova etapa do ciclo biológico do homem”. Segundo ela, “Os ritos se compõem de sequências ordenadas, e estas são um encadeamento prescrito de atos”, ou seja, o homem necessita do rito como forma de não se esquecer do passado, de não perder suas tradições entre ciclos de homens diferentes.

Segalen (2002) ainda dividiu os ritos em três estados: separação, margem e agregação, onde a separação e a agregação seriam respectivamente, a morte e o casamento. Entre cada um desses estados existem estados intermediários que funcionam como o estado de transição. A margem seria no caso do casamento, por exemplo, o período do noivado que divide entre o momento do celibato e o casamento. Por fim, Segalen dizia que esses ritos não estariam no campo metafórico, mas sim mais no estado material, através de algum elemento específico. Ainda pelo exemplo do casamento, o estado de mudança física seria em algumas sociedades, o momento em que o jovem sai da casa dos pais e vai morar em uma residência coletiva e das moças, quando saem da casa de seus pais para irem morar na casa dos pais do esposo.

Voltando ao futebol, os ritos estão presentes nas partidas, dentro e fora do campo. Sejam antes dos jogos ou mesmo após as vitórias, torcedores de todos os times agem de maneiras semelhantes ao referenciar os seus clubes do coração. Os ritos pessoais construídos individualmente ao longo da história de cada torcedor coincidindo com a vitória do time passam a ser repetidos de maneira mecânica.

No entanto, esses amuletos criados por torcedores soam mais como explicações pessoais para vitórias e principalmente derrotas do que por de fato ser verdade. Jeferson Retondar (2011) falou, que o futebol é um esporte que não possui resultados previsíveis, ainda que um time se destaque mais que o outro. O esporte é:

[...] um elogio à gratuidade, pois não busca outra coisa se não a autossatisfação. É fim em si mesmo. Trata-se de uma atividade que é destituída de qualquer julgamento moral; relaciona-se diretamente com a dimensão imprevisível, com o acaso, como um dado da realidade que lhe é inerente, produzindo níveis diferenciados de excitação advindos da tensão e da incerteza peculiares à proposta de cada jogo (RETONDAR, 2011, p.415).

Essa fala do professor Retondar (2011), embora não estivesse abordando exclusivamente sobre o futebol, estimulou a busca pela dimensão simbólica existente nas relações sociais. Citado por Retondar, Gilbert Durand e seu trabalho *A imaginação simbólica* (1988) foi uma referência importante sobre o assunto.

Gilbert Durand (1988), acreditava que a consciência humana captava o mundo de duas maneiras: de uma forma direta e de uma indireta. Na primeira situação, a percepção do objeto representado era assimilada diretamente, ou seja, se alguém falasse sobre determinado objeto, a imagem mental que a consciência emitiria seria a desse objeto exatamente igual ao que ele era sendo inconfundível. Já na maneira indireta, o objeto não ficaria tão óbvio e claro na percepção. Essa maneira indireta seria como um objeto que não poderia se apresentar de forma palpável ou material. Por exemplo, a sensibilidade na memória da infância, a imagem que se faz do planeta Marte ou mesmo a representação do além-túmulo. Em nenhuma dessas situações o objeto é palpável. Por isso, a mente humana estabeleceria imagens que poderiam facilitar essa representação.

Essa discussão de signos no âmbito do futebol é a maneira palpável de se tentar compreender a dimensão social que o esporte alcança, principalmente como potencializador de sonhos, no sentido de ser um caminho possível para ascensão econômica e fama daqueles que não encontram outra maneira de melhorar suas condições sociais. Não há como explicar isso de maneira palpável, mas como parte de uma imaginação simbólica.

O Atlético possui um trabalho reconhecido nas categorias de base⁵. Existem várias escolhinhas de futebol espalhadas por Goiânia para atender regiões carentes da cidade. Muitos garotos e pais acreditam que treinando na agremiação desde cedo, poderão alcançar as categorias superiores até chegarem ao profissional. A expectativa criada em cima dessa situação é enorme.

Jalmes Costa (2017) foi um desses garotos que conseguiu acessar o futebol jogando pelo Atlético desde os seus 12 anos de idade, em 1975. Foi descoberto pelo futebol de várzea e foi convidado a fazer um teste no time lá no Estádio Antônio Accioly, onde treinou até os 17 anos. Quando chegou ao profissional, o sonho de uma vida melhor era quase uma realidade. Foi convidado a jogar por um time de São Paulo

⁵ Categoria de base é a prática de esportes entre crianças e adolescentes dentro de um clube de futebol com o intuito de formar jogadores para no futuro disputar competições profissionais.

e lá ele não conseguiu manter uma vida regrada. Enveredou nas bebidas e nas noitadas, perdendo a oportunidade de prosseguir nessa carreira (COSTA, julho, 2017).

A questão é que o sonho de alguém que o viu na várzea criou nele a imaginação simbólica do Atlético como salvação, como sucesso na vida. Foi através disso que ele se manteve focado durante muito tempo de sua juventude.

Os signos, por sua vez, seriam os elementos que serviriam para designar outros desconhecidos, ou seja, elementos que tenderiam na maior parte das vezes, a simplificar informações longas ou complexas, por exemplo, a imagem da caveira em formato de um “x”. A mente humana capta essa informação de maneira óbvia, entendendo que ela representa perigo eminente. Isso facilita a longa descrição sobre determinado produto e suas possíveis reações perigosas aos seres que os manuseiam. Nesse sentido, os signos poderiam ser escolhidos de forma arbitrária (DURAND, 1988).

No entanto, haveria casos em que o signo teria a obrigatoriedade de perder essa arbitrariedade. Principalmente em abstrações no campo da espiritualidade ou da moralidade onde dificilmente ele poderia se apresentar de forma material. Poderiam então, ser divididos em duas espécies de signos, os arbitrários, que seriam puramente indicativos e os alegóricos que remeteriam a uma realidade significada, ou seja, seriam signos obrigados a serem algo concreto (DURAND, 1988).

Nesse ponto chega-se a imaginação simbólica como resposta para algumas situações, uma vez que o significado não é apresentável, e o signo se refere a um sentido e não a algo sensível. Seria necessário ir além da função objetiva, além do racional. O símbolo permitiria buscas infinitas para compreender o seu significado, uma vez que “o símbolo é o signo concreto que evoca, através de uma relação natural, algo de ausente ou impossível de perceber” (DURAND, 1988, p.10).

Nesse aspecto da imaginação simbólica, tomando o futebol como um fenômeno sociocultural que expressa e reflete a condição do ser humano nacional, poder-se-ia compreendê-lo como parte integrante da vida dos brasileiros. Ainda mais por sua origem na Inglaterra, chegando ao Brasil somente no final do século XIX, tendo sido difundido tanto e em tão pouco tempo (DAOLIO, 2005).

2.4 A torcida e o time

O rebaixamento do clube representou o pior momento da história do time. Logo depois, houve a troca de dirigentes e concomitantemente, os torcedores se organizaram em prol do Atlético, criando a ATAAC, no ano de 2002. Essa associação em conjunto com a garra da nova diretoria, foram responsáveis por uma série de atividades para arrecadar dinheiro, em prol do resgate do Antônio Accioly e conseqüentemente das memórias campineiras.

Um dos participantes dessa associação, Carlos Magno, contou que foram realizadas festas, rifas e outras atividades com o objetivo de reerguer o dragão. Segundo ele, o Wilson, presidente dos lojistas de Campinas e dono da loja Pé – de – Ouro Calçados (localizada na Av. 24 de outubro), produziu algumas camisetas e doou à ATAAC, para que pudessem vendê-las, em contribuição aos objetivos da associação. Um evento marcante destacado pelo entrevistado, foi o “abraçasso” (Figura 09) que realizaram ao redor do estádio. Uma grande quantidade de atleticanos, com a colaboração de vários políticos, deram as mãos com o intuito de protegê-lo da continuidade da destruição do espaço (MAGNO, 2017), como dito.

No livro *Lembranças da Terrinha (Campininha)*, lançado em 2002, Horieste Gomes de forma poética, tratou sobre a relação entre Campinas e Atlético, ressaltando o quanto são interligados. O texto foi uma parte de uma carta escrita por ele mesmo ao O popular em junho de 2001, no período de decadência do clube:

O Atlético possui uma história, um passado que se mistura com a própria história da gente da Campininha. Uma história que retrata a sua caminhada rumo à edificação do futebol goiano. Possui um passado plasmado pelos filhos da terra na própria terra, por todos aqueles que aqui nasceram, que aqui chegaram e aqui viveram. E, querer ignorar, subestimar ou menosprezar essa dimensão histórica pretérita, construída com muita garra, determinação e esforço, coletivo e individual, de milhares de membros da comunidade campineira identificados pelos patronos-pioneiros, pela torcida fiel e plantel de jogadores, é revelar-se totalmente despido do verdadeiro significado do valor cultural-existencial que representa para nós, filhos da terra, a tradição histórica atleticana (GOMES, 2002, p. 207).

O Atlético, construiu uma relação cultural intensa com o bairro de Campinas. Existe uma importância na relação entre campineiros e time, estádio e bairro, bairro e torcida, torcida e estádio. Entre os próprios elementos que compõem o clube, como os jogadores, vindos do amadorismo e crescendo junto ao time, o estádio que faz parte do patrimônio edificado de Campinas, e o próprio mascote do time, o Dragão, (nome carinhoso que o time é chamado e o qual também é denominação para a

torcida organizada: *Torcida Dragões Atléticos – TDA*), memórias provenientes de alguma situação vivida em Campinas ou das próprias lembranças dos moradores.

Essa relação começou através das poucas opções de atividades que existiam na época, fazendo com que os moradores se divertissem através dos passeios na Praça Joaquim Lúcio, onde aconteciam apresentações de bandas no coreto, as idas aos cinemas, principalmente ao Cine Campinas que foi o primeiro, datado de 1936, os jogos do Atlético que eram espetáculos para se assistir, as missas e festas da Igreja Matriz e por fim, os banhos no Lago das Rosas. A Praça Joaquim Lúcio (Figura 43), deixou de ter atividades, o Cine Campinas sofreu um incêndio em agosto de 1937, sendo restaurado e passando a se chamar Cine Tocantins, um espaço cultural que posteriormente tornou-se uma Igreja Universal (Figura 44) (GOMES, 2012), os demais cinemas tornaram-se algum tipo de comércio (Figura 45), o Estádio Antônio Accioly deixou de sediar os jogos oficiais do time e o Lago das Rosas virou apenas um parque para apreciação (Figura 46).



Figura 43: Praça Joaquim Lúcio nos anos 40 e em 2017. Embora ainda exista o coreto, ele está praticamente todo fechado para o público.

Fonte: OLIVEIRA, 1940; Arquivo da autora 2017.



Figura 44: Cine Campinas em 1936 e Igreja Universal em 2017.
Fonte: Autor desconhecido, s/d.

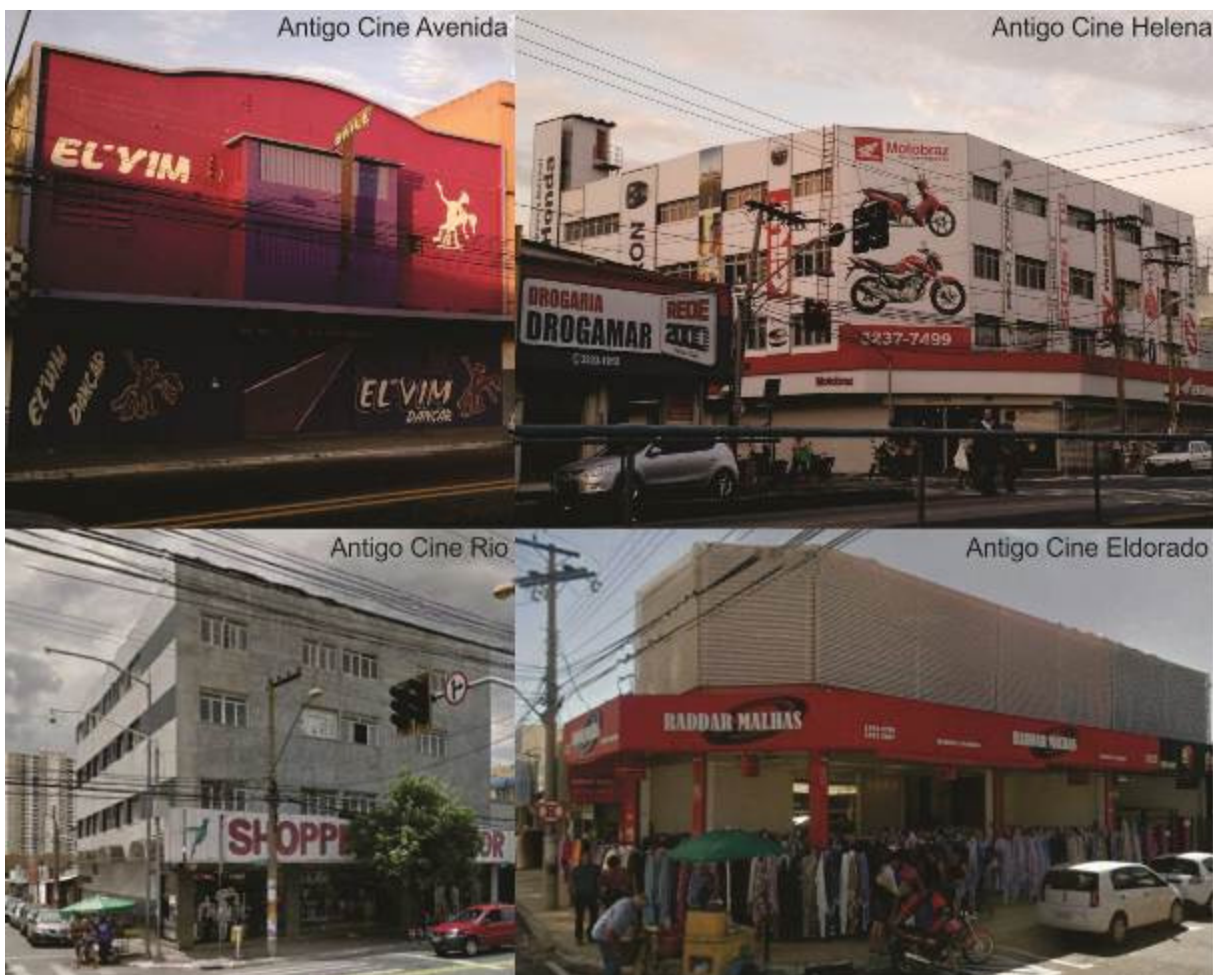


Figura 45: Edifícios dos antigos cinemas de Campinas que hoje servem aos comércios e serviços variados do bairro.
Fonte: Arquivo da autora 2017.



Figura 46: Lago das Rosas. Primeira foto em 1952 e segunda foto nos dias atuais.

Fonte: OLIVEIRA, 1952; Arquivo da autora, 2015.

Horieste (2015) contou a versão conhecida por ele sobre a escolha do mascote adotado pelo clube. Segundo suas narrativas, o símbolo pode ter sido uma opção em memória às sessões de cinema no Cine Campinas, depois denominado Cine Tocantins. Para ele, são nítidas as lembranças dos campineiros sobre as idas aos cinemas toda semana, em especial para assistir seriados às quartas-feiras, sábados e domingos. Diferentemente do entendimento de cinema hoje, na época eram cinemas de rua e passavam além de filmes, também seriados. Um dos seriados exibidos era o *Fu Manchu*. Dizia respeito a um diabólico personagem oriental que representava o lado mal da história, acompanhado de sua gangue do “dragão vermelho”, e os inimigos eram lançados em poços para serem devorados por feras, serpentes, crocodilos, piranhas, tubarões e dragões. A Figura 47 apresenta o pôster do filme.



Figura 47: Pôster do filme *Fu Manchu*.

Fonte: Autor desconhecido, s/d.

Os dragões criados nessas séries orientais, chamados de dragão chinês, eram a simbologia de força e poder, além de sorte na luta contra os seus inimigos. O Atlético era o único time sem mascote, então o Dragão foi o escolhido, como símbolo de poder, e também como referência às memórias da Campininha (GOMES, 2015).

Então essa foi mais uma das relações estabelecidas entre time e bairro, através da interseção de torcedores e moradores que colaboraram. A participação da comunidade campineira foi de suma importância ao clube. Somente a partir de 2005 se iniciou um novo período no Atlético. O Estádio Antônio Accioly foi reinaugurado, Wilson Carlos e Valdivino Oliveira a frente do time, não mediram esforços para recuperação do patrimônio atleticano. Em 2006 o Dragão conquistou o vice-campeonato do Campeonato Goiano e uma vaga na Série C do Campeonato Brasileiro, assim como a Copa do Brasil de 2007 (campeonato bastante importante) (GOMES, 2015).

Após todo esse processo árduo da torcida e da diretoria, o estádio não foi de fato, demolido. No ano de 2017, o Atlético foi o único representante goiano na elite do futebol brasileiro, Série A. O estádio ainda não pode sediar os jogos, mas está em construção, buscando atender a capacidade de torcedores exigidas pela CBF-Confederação Brasileira de Futebol.

3 CAPÍTULO | AS TERRITORIALIDADES DO ATLÉTICO EM CAMPINAS

3.1 O time e o bairro: territórios, territorialidades e desterritorialização

Em Campinas houve a perda do território como espaço administrativo, afinal, como Horieste Gomes (2017) cita em seus relatos mencionados, a cidade perdeu sua área para Goiânia e região metropolitana, porque “tudo era Campinas”. E nesse caso, ele estava se referindo a perda no sentido espacial, mas não só dela, uma vez que o clamor maior da população está justamente vinculado aos aspectos culturais. Parte da identidade dos campineiros sofreu interferências da nova cultura imposta por Goiânia. Nessa hibridização cultural, o bairro recebeu significações dos novos moradores, surgindo as multiterritorialidades.

Segundo Rogério Haesbaert (2004) se existe desterritorialização, necessariamente ela estará se referindo à uma “problemática territorial e

consequentemente a uma determinada concepção de território” (HAESBAERT, 2004, p.35).

Por um lado, a desterritorialização poderia estar se referindo à perda de fronteiras, do espaço propriamente dito, nesse caso, o território seria sobretudo no sentido administrativo. Por outro lado, a desterritorialização estaria se referindo à uma hibridização cultural, ou seja, as identidades se misturando a ponto de não serem mais claramente definidas, e nesse caso, território seria no sentido simbólico “um espaço de referência para a construção de identidades” (HAESBAERT, 2004, p.35).

Haesbaert (2004, p.1) ponderou que é necessário ter clareza sobre qual concepção de território deseja-se abordar, para que seja perceptível em qual sentido a desterritorialização deve ser compreendida pelo interlocutor. Segundo ele:

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto de terreo-terror (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação” (HAESBAERT, 2004, p.1).

Para compreensão do termo território faz-se necessário retornar ao primeiro cientista social que abordou sobre o multi-pertencimento territorial, o sociólogo francês Yves Barel. Ele escreveu o artigo “*Le social et ses territoires*” (1986.), traduzido “O social e seus territórios”. Nesse material, ele discorreu:

[...] o homem, por ser uma animal político e um animal social, é também um animal territorializador. Diferentemente, talvez, de outras espécies animais, seu trabalho de territorialização apresenta, contudo, uma particularidade marcante: a relação entre o indivíduo ou o grupo humano e o território não é uma relação biunívoca. Isto significa que nada impede este indivíduo ou este grupo de produzir e de “habitar” mais de um território. [...] é raro que apenas um território seja suficiente para assumir corretamente todas as dimensões de uma vida individual ou de um grupo. O indivíduo, por exemplo, vive ao mesmo tempo ao seu “nível”, ao nível de sua família, de um grupo, de uma nação. Existe portanto multipertencimento territorial (p. 135).

Sendo assim, Haesbaert (2004) simplificou o significado de multiterritorialidade que constitui o cruzamento de grupos de vários lugares diferentes, compartilhando o mesmo território. Existem exemplos pelo bairro, como na Rua José Hermano onde se encontram concentrados alguns comércios nordestinos. Um desses comércios expõe sua origem maranhense pelo nome do estabelecimento: “Mercearia e frutaria maranhense” (Figura 48). Outra referência são os *flyers* de festas divulgados por ali. A Figura 49 apresenta um *flyer* que estava pregado na parede externa de um chaveiro

localizado nessa rua. Cabe atenção na frase: “distribuição de 100 litros de Guaraná Jesus de graça”, cujo *slogan* desse refrigerante é: “o sabor de viver o Maranhão”. Isso pode ser uma tentativa de trazer a identidade maranhense para mais perto dessas pessoas.



Figura 48: Mercearia e Frutaria Maranhense na Rua José Hermano em Campinas.
Fonte: Arquivo da autora, 2018.



Figura 49: Flyer de uma festa maranhense divulgada na Rua José Hermano.
Fonte: Arquivo da autora, 2018.

Existem outros comércios de proprietários provenientes de regiões distintas do Brasil e até mesmo de outros países, como a Feira Campinas onde o dono veio do Líbano, o comerciante da Sala 19 no Mercado de Campinas que é mineiro (GODINHO, 2018), ou os vários comércios de chineses ao longo da Avenida Anhanguera e nos camelódromos no entorno da Praça A.

Ainda segundo Haesbaert (2004, p.3), todo território é obrigatoriamente funcional e simbólico, uma vez que “exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar “funções”, quanto para produzir significados”. As funções do espaço são entendidas nele mesmo, como abrigo, como lugar de convívio, locais de comércio, de manifestações. Os significados são mais individualizados, podendo se manifestar para cada indivíduo ou grupo de indivíduos com um significado específico. Isso estaria mais ligado ao tipo de relações que se estabelece ali.

No caso exemplificado acima, a Rua José Hermano passou a ter referências maranhenses, seja através dos tipos de comércios que se desenvolveram nela, seja pelas manifestações culturais por meio de festas e atividades voltadas para essa comunidade, ou produtos específicos que são vendidos na região. Haesbaert (2004, p. 4) esquematizou os extremos genéricos entre funcionalidade e simbolismo da seguinte forma:

“Território Funcional”

Processos de dominação
“Territórios da desigualdade”

Território sem territorialidade
(Empiricamente impossível)

Princípio da exclusividade
(No seu extremo: unifuncionalidade)

Território como recurso, valor de troca
(controle físico, produção, lucro)

“Território Simbólico”

Processos de apropriação (Lefebvre)
“Territórios da diferença”

Territorialidade sem território
(Ex: “Terra prometida” dos judeus)

Princípio da multiplicidade
(No seu extremo: múltiplas identidades)

Território como símbolo, valor simbólico
 (“abrigo”, “lar”, segurança afetiva)

Mas ele ressaltou que mais importante que essa classificação genérica e aparentemente dicotômica, é importante o percurso histórico do termo, variando conforme o contexto histórico e geográfico. Há grandes variações sobre o processo de territorialização do espaço ao longo dos tempos. Desde as sociedades tradicionais que apropriavam do espaço como abrigo e base de recursos, dando-lhe uma carga simbólica que era responsável pela manutenção de sua cultura. Depois a sociedade moderna e a construção da identidade mais individual do que coletiva. E por último a sociedade pós-moderna e o território-rede, onde a dimensão tecnológica ofertava uma reterritorialização através dos ciberespaços. No caso, não serão tratados aqui os aspectos dessa reterritorialização pós-moderna.

Resumindo essa discussão de Haesbaert (2004), o território teve fins de abrigo físico, fonte de recursos ou meio de produção. Depois identificação ou simbolização de grupos através de referências espaciais. Então, disciplina e controle através do espaço. Por fim, construção de conexões e redes.

A partir desse esquema resumo entre os dois tipos de territórios pode-se analisar o processo de tensões vividos por Campinas e Goiânia. Tem-se no primeiro momento, a cidade antiga que cedeu lugar para a nova, e pelos conceitos de Haesbaert (2004) como um território funcional (Campinas) em que se estabeleceu um grande espaço de dominação (Goiânia) gerando desigualdade, uma vez que os novos moradores de Campinas eram trabalhadores ou pessoas que não tinham condição de morar em Goiânia. Além disso, existiam os novos moradores da capital, com uma nova cultura moldada em novos parâmetros sociais, enquanto que do outro lado, existia Campinas e uma cultura tradicional, arraigada nos quesitos religiosos e na agropecuária. Os momentos de lazer eram diferentes, as atividades desenvolvidas eram diferentes, o modo de fazer e viver eram completamente diferentes.

Houve o estranhamento inicial que foi se ajeitando com o tempo, dando lugar ao território simbólico, onde se abriu espaço para as novas identidades. Não significa que hoje não existam questões problemáticas no relacionamento entre bairro e cidade. Bem se viu acima que alguns moradores sentem-se injustiçados por Goiânia. Mas ainda assim, a imensidão do território Campineiro abriga múltiplas identidades em constantes processos de apropriação do espaço. Campinas é um território com grande valor simbólico, traduzido por ações comunitárias que lutam pela continuidade de suas memórias afetivas e defendem suas territorialidades com muita garra, como foi o caso do estádio do Atlético Clube Goianiense.

Outro conceito importante para essa discussão é o de territorialidade. Robert David Sack (1986), afirmou ser um conceito mais amplo que o de território. Para ele, incorporam-se as questões de domínio político, mas além disso, as relações culturais, uma vez que a territorialidade está ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas se organizam no espaço por elas mesmas e como elas dão significados ao lugar.

Segundo Sack (1986, p.6), a territorialidade é um instrumento geográfico muito utilizado pelos humanos “para controlar pessoas e coisas através de um controle de área”. Território político e propriedade privada são as formas mais conhecidas de dominação, porém, a territorialidade também o é, e se estabelece em vários graus e inúmeros contextos sociais (SACK, 1986). A territorialidade não necessita de uma área demarcada para que seja exercida: “O território pode ser usado para conter ou restringir, bem como para excluir. E os indivíduos que exercem controle não precisam estar dentro do território” (SACK, 1986, p.23). Ele exemplifica dizendo:

A Territorialidade é uma estratégia para se estabelecer diferentes graus de acesso às pessoas, coisas e relações [...]. Os territórios podem ocorrer em diversos graus. Uma cela numa prisão de segurança máxima é mais territorial do que uma cela numa cadeia do estado e que mais territorial do que um quarto numa casa. Uma sala de aula fechada, com suas carteiras presas ao chão e suas crianças sentando todos os dias no mesmo lugar, é mais territorial do que uma sala de aula aberta, que não tem assentos fixos e que cada criança pode se mover durante uma atividade. Os graus de territorialidade são mais difíceis de se comparar, quando selecionamos exemplos de diferentes instituições e sociedades (SACK, 1986, p.23-24).

Claude Raffestin (1993), também geógrafo, compreende que a territorialidade acontece na busca por caracterizar um espaço e distingui-lo entre seus ocupantes (tornando-o exclusivo), refletindo “a multidimensionalidade do vivido territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral” (RAFFESTIN, 1993, p.158). Ou seja, existem múltiplas formas de se interagir com o mesmo espaço, tornando-o um território individual dentro de um grupo ou comunidade que o vivencia.

Os três conceitos apresentados: território, desterritorialização e territorialidade foram utilizados para analisar quatro relações estabelecidas a partir da existência de Goiânia: a) Goiânia e sua relação com a cidade/bairro de Campinas – que poderia ser encaixado como um processo de desterritorialização; b) Campineiros e Campinas – e o processo de territorialidade exercido por eles; e c) Campineiros e Goiânia – e o processo de multiterritorialidade, buscando compreender as relações afetivas estabelecidas, tanto positivas quanto negativas, entre os campineiros e a cidade de Goiânia.

Essa discussão será feita nos próximos capítulos. Aqui nesse item, as questões estão voltadas ao fato de que o território de Campinas, submetido à Goiânia junto ao emaranhado de territorialidades trazidas com essa conurbação, de fato, em aspecto funcional, foi desterritorializado pela nascente cidade. O conglomerado urbano que se formou a partir disso, transformou aquele território simbólico, que outrora foi significado por um grupo, de certa forma, homogêneo (denominado campineiros) e deu lugar à uma ressignificação do espaço, levando outras culturas, várias territorialidades (multiterritorialidade) a ocupar o bairro.

Há um significado na relação dos campineiros com o Campinas, ou seja, eles estabeleceram sua territorialidade no bairro. Embora Campinas tenha sofrido algumas mudanças em relação ao seu território, no dimensionamento do próprio perímetro, alterado ao longo dos anos, e reestruturado para se fundir aos loteamentos que foram surgindo, o significado dado pelos seus moradores, o sentimento de pertencimento, a territorialidade campineira, de um lado, cria nesse grupo de pessoas, um sentimento negativo vinculado a compreensão da junção com Goiânia, criando neles uma busca por “justiça”. Mas de outro lado, vincula o mesmo grupo ao seu lugar de origem, às suas lembranças e memórias passada de gerações, estabelecendo um relacionamento positivo entre usuários e bairro.

É perceptível que as sociedades de modo geral, têm medo do esquecimento. Tanto que, uma cidade tão jovem como Goiânia, possui um acervo considerável de edificações tombadas. E o mais interessante, poucas são em Campinas (o bairro mais antigo da cidade). Talvez justamente o medo de ser esquecida, faça com que as pessoas produzam lembranças que nem sempre viveram. Por isso a questão da territorialidade humana foi substancial nessa discussão. Entender como o ser humano demarcando seu espaço, estabelecendo sua relação de pertencimento, não necessariamente precisariam de vínculo com o território delimitado pelo perímetro urbano de Goiânia, lembrando também que os perímetros são mutáveis. Alguns entrevistados, como os já citados Horieste Gomes e Eguimar Chaveiro, ou outros como, Ronie, Maria Terezinha, Carlos Magno, Pedro, entre outros, eles entendem Campinas como um bairro que engloba vários outros bairros. E sendo assim, pode-se entender que Campinas se encaixa na definição de territorialidade de Sack (1986), afinal a territorialidade campineira não necessita de uma área demarcada para que seja exercida.

Rogério Ribeiro Jorge afirmou em sua tese: *“Território, identidade e desenvolvimento: uma outra leitura dos arranjos produtivos locais de serviços no rural”* que: a identidade é o "resultado de um trabalho permanente de renovável construção social e política, mas também geográfica" (JORGE, 2009, p. 240).

O autor disse que grande parte da formação e afirmação da identidade acontecem no território, onde os indivíduos se expressam. O espaço físico é um elo comum entre os indivíduos do grupo e no caso dessas identidades estabelecidas através do território, que ele as denominou como “identidades sócio espaciais”, é no espaço físico que os membros de determinado grupo sentem-se plenamente parte daquilo.

Nesse aspecto, o período em que o Estádio Antônio Accioly foi destruído, o elo comum aos atleticanos também se deixou destruir, desconstruindo em meio a tudo isso, as identidades estabelecidas naquele território.

3.1.1. Exercício etnográfico como meio exploratório da cidade: reconhecer lugar, paisagem e apropriações

Por certo tempo a etnografia correspondeu à descrição de costumes de um povo através do estudo de seus hábitos culturais, em geral, diferentes da cultura do profissional que realizava o trabalho. Considerava-se que a observação seria realizada isenta de juízo de valor por parte do etnógrafo. Com a institucionalização da antropologia como ciência social nos séculos XIX/XX, essa prática passou a referenciar a presença do antropólogo em campo, entendendo que ele poderia influenciar de alguma maneira os resultados obtidos (ROCHA, 2006).

Nesse período a Figura do etnógrafo era distinta da do antropólogo, tendo sido alterada somente no início do século XX, onde eles se fundiram em um único agente, surgindo o chamado antropólogo social ou cultural. Esse profissional passou a ser um indivíduo com formação acadêmica, utilizando-se das pesquisas em campo como seu principal método, denominado de etnografia (ROCHA, 2006).

Segundo Gilmar Rocha (2006) os antropólogos concordaram com a questão de não existir um padrão para realização do trabalho de campo. Mesmo considerando os manuais existentes, tais como o *Guia Prático de Antropologia* (1874) ou o *Manual de Etnografia* (1947), o campo consistiria em uma experiência profundamente marcada

pela singularidade sócio histórica. Por isso a atividade etnográfica poderia ser vista como um gênero de atuação, ou seja, uma forma de ação simbólica densa e profundamente rica em reflexões epistemológicas.

O antropólogo François Laplantine (2004) considerou o exercício etnográfico como uma maneira de se estudar os fenômenos que observados através da coleta minuciosa de dados, em uma impregnação duradoura e contínua, onde o pesquisador estaria inserido no seu objeto de pesquisa por meio do processo de aproximações sucessivas.

Ana Luiza Carvalho da Rocha (2013) cientista social e Cornélia Eckert (2013) historiadora, trataram o tema em um aspecto mais aproximado ainda do ambiente de estudo, considerando em suas pesquisas a chamada, etnografia de rua. Esse trabalho consistiria no desenvolvimento da observação sistemática de uma ou mais ruas de um bairro e da descrição de seus cenários, buscando os significados sobre viver o dia a dia na cidade. Para tanto, o observador deveria estar atento aos personagens presentes na rotina das ruas, nos imprevistos, nas situações de tensão e conflito. Dessa maneira, o etnógrafo conseguiria reconhecer e interpretar não só os habitantes, mas também a si mesmo, no contexto de diálogo com quem era observado (a quem as autoras referenciam como o Outro).

Rocha e Eckert (2013) afirmaram que, nesse sentido, para a prática de uma etnografia de rua que conseguisse alcançar bons resultados, o pesquisador precisaria aprender a pertencer a esse ambiente como se este fosse sua morada, lugar de intimidade e acomodação afetiva. Ou seja, seria proposto ao pesquisador, o desafio de "experenciá-lo" e viver a ambiência das cidades, cujos caminhos, ruídos, cheiros e cores a percorrer, levariam a direções e sentidos guiados pelo próprio movimento dos pedestres.

O movimento de pedestres por sua vez, poderia conduzir a certos lugares, cenários e paisagens, que seriam possivelmente, o palco do desenvolvimento das atividades desses indivíduos estudados e onde o observador teria a possibilidade de adentrar no mundo do observado. Dessa maneira, o pesquisador poderia identificar os hábitos e práticas cotidianas dos pesquisados, ou seja, as atividades do dia-a-dia do grupo, cujo exercício fariam parte das representações da identidade individual ou coletiva daquela comunidade (ROCHA; ECKERT, 2013).

Cabe aqui um parêntese para compreensão de dois conceitos relevantes neste estudo: lugar e paisagem, ambos enquanto categorias espaciais e parte do

desenvolvimento da vida social dos grupos e por isso, importantes dentro do estudo etnográfico.

No rol das atribuições dadas ao espaço geográfico, distinguem-se: lugar, paisagem, território, natureza, região, rede, escala espaço-temporal e, o de espaço propriamente dito. A esse texto cabe apenas refletir sobre, paisagem e lugar, considerando que a produção espacial se realiza conforme Carlos (2007, p.20):

[...] no plano do cotidiano e aparece nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar, num momento específico e, revela-se pelo uso como produto da divisão social e técnica do trabalho que produz uma morfologia espacial fragmentada e hierarquizada. Uma vez que cada sujeito se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno.

Uma das mais antigas definições de lugar foi escrita por Aristóteles em sua obra *Física*, onde para ele, o lugar seria o limite do corpo. Séculos depois, Descartes na obra *Princípios Filosóficos* procurou aprimorar esse conceito, acrescentando que além de delimitar o corpo, o lugar deveria ser também definido em relação à oposição de outros corpos (RIBEIRO, 1993).

Yi-Fu Tuan através do seu livro, *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência* (2015) propôs uma discussão dentro da geografia humanista, contrapondo o significado de lugar e espaço⁶, considerando que ambos seriam bastante amplos. Para ele, “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar” (TUAN, 2015, p.83). Ambos possuiriam uma relação aproximada e o espaço tornar-se-ia lugar na medida em que fosse experienciado e valorizado, onde passaria a ter uma significação para o usuário. O lugar seria mais concreto que o espaço. (TUAN, 2015).

Lugar poderia ser entendido como representação de segurança, enquanto o espaço se apresentaria como liberdade. Sendo assim, os indivíduos buscariam estar ligados ao primeiro e desejando o segundo. Em outro aspecto, o lugar mostrar-se-ia como qualquer objeto estável que captaria a atenção de uma pessoa, ou seja, em uma vista panorâmica, onde o sujeito não teria a capacidade visual de enxergar toda a imagem de uma única vez, os olhos descansariam em elementos destacados de alguma maneira. Esse descanso, às vezes, imperceptível, seria tempo suficiente para se criar uma imagem de lugar (TUAN, 2015).

Tuan (2015, p. 4) considerou que:

⁶ Nessa dissertação, o conceito de espaço só será apresentado se for essencial para a compreensão do conceito de lugar.

O lugar [...] é o próprio microcosmo que dá sentido à existência; é mais que o lugar antropológico, mais que o *habitus* social ou casulo protetor psicológico: ele é tudo isso ao mesmo tempo, sendo significado geograficamente na relação corpórea e simbólica do sujeito.

Ainda observou que o lugar, na linguagem coloquial, poderia significar tanto posição social quanto localização espacial. Mas, além destes, ele conseguiria representar algo mais profundo: o "espírito" ou "personalidade", traduzido como um "sentido do lugar" (TUAN, 2015, p. 209). Este, por sua vez, se vincularia à apreciação visual ou estética, e também pela audição, olfato, paladar e tato, que exigiriam um contato próximo e uma longa associação com o ambiente.

Em relação à paisagem, e neste caso específico, a paisagem urbana, Ana Fani Alessandri Carlos (2007) trouxe uma visão da mesma como espaço urbano. Sendo assim, considerou-se que esse espaço seria um produto das transformações sociais imediatas dos indivíduos, realizado em detrimento das forças produtivas, nas condições de múltiplas formas de uso, seja através da construção da moradia, do lazer, das atividades de trabalho.

Carlos (2007, p. 33):

[...] a natureza transformada pela ação humana, ao longo de uma série de gerações, surge enquanto modos de apropriação visíveis na paisagem, reproduzindo a história e a concepção do homem sobre o morar, trabalhar, viver. A paisagem, por sua vez, contém mistérios, beleza, sinais, símbolos, alegorias, tudo carregado de significados; memória, que "revela múltiplas impressões passadas", imagens impregnadas de história. Assim, a ideia de paisagem revela uma obra coletiva, que é a cidade produzida pela sociedade e, por isso, contemplando todas as dimensões humanas.

Assim a paisagem seria um amontoado de vidas, histórias e memórias. "A paisagem revela uma história, o passado inscrito nas formas geradas por tempos diferenciais acumulados, mas sempre atuais, sincrônicos e diacrônicos" (CARLOS, 2007, p.33). Esses tempos são uma "impressão de sentidos" (CARLOS, 2007, p.33) e segundo Paul Klee (1990, p. 108) "Olhos cegos de tantas cores, ouvidos encharcados de sons", que se esvaem em um marasmo, às vezes, insuportável; cheiros que se misturam; sentidos agredidos por todo tipo de poluição.

Nestas abordagens de Carlos (2007) e Klee (1990) as discussões também feitas por Ecléa Bosi (2004) foram pertinentes. Segundo seus ditos, uma rua densamente povoada, seria um lugar com uma vida inesgotavelmente rica, quanto aos seus sons e movimentos. Poder-se-ia gravar a trilha sonora de uma rua durante vinte e quatro horas. Desde a primeira janela se abrindo pela manhã, a vassoura na calçada, as

portas das lojas que se ergueriam, os passos de quem estaria indo para o trabalho, conversas, cantigas. A vivacidade da rua teria:

[...] uma ordem e um ritmo cuja sequência é portadora de um sentimento de identificação. A sequência de movimentos na calçada segue ritmos que se aceleram e se abrandam em horas certas e vão se extinguindo devagar, quando as janelas se iluminam e as ruas se esvaziam. Depois, as janelas vão-se apagando e fechando, menos alguma que resiste ainda, da qual escapa um som que finalmente silencia (BOSI, 2004, p 202).

Ela ainda insistiu na relevância desses sons da rua, questionando por que dever-se-ia definir a cidade somente em termos visuais? A trilha sonora compartilhada e vital para seus habitantes, poderia alcançar segurança e equilíbrio no momento em que se descodificasse os sons familiares (BOSI, 2004).

Em Campinas, esses sons poderiam ser captados por suas atividades rotineiras, como as apresentadas nas Figuras 50, 51 e 52. Essas são imagens em que é possível apreender a relação de agitação e calma de uma rua para a outra ou de um momento para outro dentro do bairro. Pode-se observar também os conflitos, ou mesmo os personagens que fazem parte das atividades diárias. Ruas densamente povoadas refletem desordens contínuas entre carros e pessoas, comércios formais e informais, poluição sonora, visual, do ar, entre outras e cada situação citada, apresenta um som característico. Já as ruas mais residenciais são a transição dessa trilha sonora que é incômoda, para uma outra mais suave. Os vários sons produzidos tornam o exercício etnográfico mais rico.



Figura 50: Avenida 24 de Outubro.
Fonte: Arquivo da autora 2010.



Figura 51: Praça do Ginásio de Campinas - Dia de feira
Fonte: Arquivo da autora 2010.



Figura 52: Ambulante pelas ruas de Campinas.
Fonte: Arquivo da autora 2010.

Michel de Certeau observou a cidade em outro aspecto. No livro *A invenção do Cotidiano* (1994, p.189-190) disse que:

[...] os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados, [...] tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo. “Gosto muito de estar aqui” é uma prática do espaço esse bem-estar tranquilo sobre a linguagem onde se traça, um instante, como um clarão.

O exercício etnográfico nesse caso seria a atividade de montar o quebra-cabeças, ou de desvendar os enigmas que se encontram na essência do *lugar* e nas

peças que vivenciam esses *lugares*, buscando observar e captar essas simbolizações.

Quanto ao espaço urbano, no livro *A invenção do Cotidiano 2: morar, cozinhar*, onde são apresentados textos de vários autores, Mayol (1996) que é um deles, considerou que:

Diante do conjunto da cidade atravancada por códigos que o usuário não domina, mas que deve assimilar para poder viver aí, em face de uma configuração dos lugares impostas pelo urbanismo, diante dos desníveis sociais internos ao espaço urbano, o usuário sempre consegue criar para si algum lugar de aconchego, itinerários para o seu uso ou seu prazer, que são as marcas que ele sabe, por si mesmo, impor ao espaço urbano (MAYOL, 1996, p. 41-42)

Mais à frente nessa discussão, Mayol (1996) classificou o bairro como um desses lugares em que o usuário cria uma relação de conforto. A partir de uma progressiva e contínua apreensão daquele espaço público, o corpo do indivíduo se envolveria continuamente até que se apropriasse dele. O bairro funcionaria como uma privatização crescente do espaço público. Nesse aspecto:

Trata-se de um dispositivo prático que tem por função garantir uma solução de continuidade entre aquilo que é mais íntimo (o espaço privado da residência) e o que é mais desconhecido (o conjunto da cidade ou mesmo, por extensão, o resto do mundo): existe uma relação entre a apreensão da residência (um “dentro”) e a apreensão do espaço urbano ao qual se liga (“um fora”). O bairro constitui o termo médio de uma dialética existencial entre o dentro e o fora. (MAYOL, 1996, p.42)

Por fim, o autor concluiu esse trecho dizendo que “é na tensão existente entre *um dentro* e *um fora*, que há o prolongamento de *um dentro*, e acontece a apropriação do espaço” (MAYOL, 1996, p.42). Sendo assim, na compreensão dele, o bairro seria a extensão da casa do indivíduo. No bairro, o usuário estenderia a sensação de segurança e conforto que a sua própria casa transmitiria.

Em Campinas, essa extensão da casa do indivíduo pelo bairro se apresenta, por exemplo, através da apropriação das praças ou mesmo das calçadas como parte dos “quintais” das residências, como nas Figuras 53, 54 e 55. Outro tipo de apropriação acontece através do uso contínuo de determinados locais, por determinados grupos de pessoas, desenvolvendo nas memórias destes, o sentido de pertencimento. Com isso, os usuários esporádicos podem sofrer certa resistência dos usuários corriqueiros, como é o caso dos *skatistas* e os demais usuários na Praça do Ginásio de Campinas, Figura 56.



Figura 53: Moradora se apropriando da calçada, em Campinas.
Fonte: Arquivo da autora, 2010.



Figura 54: Banco existente na calçada em Campinas.
Fonte: Arquivo da autora, 2010.



Figura 55: Famílias usufruindo do espaço no Parque Campininha das Flores
Fonte: Arquivo da autora, 2018.



Figura 56: Os *skatistas* são os usuários frequentes dessa área do bairro.
Fonte: Arquivo da autora, 2018.

Essas explicações de Certeau (1994) já haviam sido discutidas em tempos anteriores. Walter Benjamin (1989) inspirado em Baudelaire (1996), percebia a cidade como um organismo que proporcionava a continuidade da moradia. Benjamin (1989)

entendia a importância da rua para aquele que perambulava despreocupado pelos lugares, da seguinte maneira:

A rua se torna moradia para o flâneur que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre quatro paredes [...]. A rua conduz o flâneur a um tempo desaparecido. Para ele, todas são íngremes. Conduzem para baixo, se não para as mães, para um passado que pode ser tanto mais enfeitiçante na medida em que não é seu próprio, o particular (BENJAMIN, 1989, p. 35; p. 185).

O *Flâneur* de Baudelaire (1996) veio do verbo francês *flâner*, que significa, em uma tradução: generalizada, passear. Entretanto, esse passear seria no sentido de passar o tempo, vagar, ou vadiar. Esse sujeito seria um observador da vida urbana, o indivíduo da multidão, que captaria refletidamente, os moradores da cidade em suas atividades diárias.

No contexto histórico da época, onde a economia industrial estava se expandindo e gerando a consequente explosão demográfica das cidades, em especial Londres e Paris, o surgimento do ambiente urbano moderno, possibilitou novas formas de experimentar e perceber as coisas. Isso, por sua vez, proporcionou um novo modo de olhar para o mundo e para as novas propostas estéticas.

Segundo Walter Benjamin (1989), nos estudos de Baudelaire (1996) estavam construídos os flagrantes mais precisos e intensos da vida social parisiense do século XIX, revelando as mais finas e sutis articulações do indivíduo moderno com o cenário urbano. Nesse momento, a antiga forma romântica de perceber a paisagem, deu lugar a visão da paisagem urbana, onde “a cidade é o autêntico chão sagrado da *flâneurie*” (BENJAMIN, 1989, p.191).

Sendo assim, para Baudelaire a cidade era sedutora, principalmente nos seus lugares considerados ruins. Para o divagador, observador apaixonado, a cidade constituía o fascínio da multiplicidade e do efêmero, um gosto pela multidão e seu movimento. Segundo o poeta francês, o *flâneur* seria o indivíduo inebriado pelo “prazer de ser achar numa multidão” onde haveria uma “expressão misteriosa do gozo pela multiplicação do número” (BENJAMIN, 1989, p. 54).

Antes de Baudelaire, Friedrich Engels (1975, p.55) já havia tentado descrever as multidões e a agitação nas ruas de Londres:

Uma cidade como Londres, onde se pode vagar horas a fio sem se chegar sequer ao início do fim, sem se encontrar o mais ínfimo sinal que permite inferir a proximidade do campo, é algo realmente singular. Essa concentração colossal, esse amontoado de dois milhões e meio de seres humanos num único ponto centuplicou a força desses dois milhões e meio. Mas os sacrifícios que isso custou, só mais tarde se descobre. Quando se vagou

alguns dias pelas calçadas das ruas principais, só então se percebe que esses londrinos tiveram de sacrificar a melhor parte de sua humanidade para realizar todos os prodígios da civilização, com que fervilha sua cidade; que centenas de forças, neles adormecidas permaneceram inativas e foram reprimidas. O próprio tumulto das ruas tem algo de repugnante, algo que revolta a natureza humana. Essas centenas de milhares de pessoas de todas as classes e situações, que se empurram umas às outras, não são todos seres humanos com as mesmas qualidades e aptidões e com o mesmo interesse em serem felizes? E, no entanto, passam correndo uns pelos outros, como se não tivessem absolutamente nada em comum, nada a ver uns com os outros; e, no entanto, o único acordo tácito entre eles é o de que cada um conserve o lado da calçada à sua direita, para que ambas as correntes da multidão, de sentidos opostos, não se detenham mutuamente [...].

A cidade seria como um templo para o *flâneur*, um espaço sagrado onde aconteceriam suas perambulações. E nela ele poderia vivenciar a contradição de ser unidade na multiplicidade, a tensão na indiferença e o sentimento de estar sozinho em meio a seus semelhantes.

Nesse trabalho, a relevância de se entender a *flânerie* está no fato de trabalhar o olhar para captar o bairro de Campinas através dessa atenção dispensada pelo *flâneur* à cidade e seus movimentos. Observar o espaço por meio do que é marginalizado, o que ninguém enxerga e que talvez carregue uma riqueza em seus detalhes.

Por isso, voltando ao papel desempenhado pelo etnógrafo, faz-se necessário apreender a cidade por meio das trajetórias, identificar e registrar essas práticas, não apenas pelo traçado do deslocamento, mas pela recomposição dos traços culturais deixados pelos cidadãos. É por intermédio da etnografia de rua que o pesquisador passa a observar a cidade como objeto temporal e produtor de trocas, um lugar composto por muitos caminhos e percursos sobrepostos numa trama de ações cotidianas e de fazeres urbanos (ROCHA; ECKERT, 2013, p.14).

De acordo com Rocha e Eckert (2013), o contato com os habitantes expressa o desejo de múltiplas trocas. Nessa interação, o pesquisador não depende apenas do domínio da língua do outro para compreender o que é falado, mas da atenção aos tons e insinuações, dos silêncios e detalhes. Sem dúvida, o contato nasce desse processo de estar na rua cotidianamente, onde o espaço vivido e praticado passa a ser percebido como lugar, uma vez que estabelece relações com os habitantes e a partir disso adquire atribuições e qualidades.

Ao longo do exercício etnográfico, a caminhada vai sendo enriquecida em sua densidade temporal na medida em que o pesquisador consegue observar, nas suas

diversas idas e vindas, os aspectos de permanência e mudança que caracterizam e dão forma estética a esse território urbano (ROCHA; ECKERT, 2013). Assim, o pesquisador constrói o seu conhecimento da vida urbana pela imagem que ele registra dos indivíduos e grupos sociais por ele investigados. E essa construção do conhecimento liga-se ao que já foi dito por Laplantine (2004) anteriormente, sobre impregnar os comportamentos sociais, e todo o conhecimento adquirido pela convivência diária entre observado e observador.

Então, se as percepções sobre o espaço urbano e a sociedade que o transforma são passíveis de estudo através da etnografia, a taxonomia vem como o *modus operandi* para se catalogar e organizar essas informações, promovendo clareza e objetividade no produto final da pesquisa.

3.1.2. Taxonomia dos torcedores

A taxonomia foi uma definição inicialmente das ciências biológicas para a classificação e ordenação dos seres vivos. Surgiu como o estudo sistemático das espécies por Carl Von Linné ou apenas Lineu, um cientista, médico e botânico sueco que desenvolveu um sistema de classificação hierárquica dos seres vivos, baseando-se na morfologia dos indivíduos. O método ficou conhecido como *Taxonomia de Lineu*, onde foi formalizada a nomenclatura binominal reguladora da atribuição de nomes científicos às espécies de seres vivos (CAMPOS; GOMES, 2007).

A palavra, por definição, significa: classificação sistemática. Atualmente, é um instrumento interdisciplinar bastante utilizado dentro de várias áreas, incluindo a gestão de informação dentro de empresas, por exemplo e dentro das ciências sociais (CAMPOS; GOMES, 2007).

Michel Foucault no livro *As palavras e as coisas – uma arqueologia das ciências humanas* (2000), inspirado pela obra *O livro dos Seres Imaginários* (2007) do escritor argentino Jorge Luís Borges - onde este criou um manual das estranhas criaturas produzidas, ao longo do tempo e do espaço, pela fantasia do homem - elaborou uma análise sobre a atividade de identificar, organizar e nomear as coisas, entendendo que elas poderiam se encontrar no espaço através da linguagem.

Foucault (2000) entendeu a taxonomia como um sistema de signos. Para ele, a ordenação das naturezas simples seria feita através da *Mathesis Universalis*⁷, a qual utilizaria da álgebra como método universal. Entretanto, nas ordenações de naturezas complexas, seria necessária a aplicação do método da taxonomia, estabelecendo dessa maneira, o sistema de signos. “Os signos estão para a ordem das naturezas compostas como a álgebra está para a ordem das naturezas simples” (FOUCAULT, 2000, p.98).

De um lado teria uma ordem calculável (*mathesis*), do outro uma sequência empírica (taxonomia). A taxonomia funcionaria como um “*continuum* das coisas”, implicando em uma potência de imaginação que faria o que estivesse oculto sobressair e dessa forma traria à tona a “plenitude do ser” (FOUCAULT, 2000, p.99).

Os signos seriam representações onde se articulariam lugares distintos, separados uns dos outros por marcas específicas, em uma ordem simultânea a qual os fariam estabelecer sua proximidade e seu afastamento, sua vizinhança e sua distância, delineando o quadro de suas identidades e diferenças (FOUCAULT, 2000).

Kenneth D. Bailey no livro *Tipologias e Taxonomias: uma introdução para a classificação* (1994), abordou que o termo taxonomia poderia se referir tanto ao processo quanto ao resultado final. Sendo um processo, teria princípios, procedimentos e regras. Como resultado final, seria semelhante a uma tipologia. Alguns inclusive utilizaram-se dos dois termos como equivalentes. Mas Bailey (1994) acreditou que a taxonomia estaria mais vinculada a uma classificação de entidades empíricas, coletadas a partir da vivência do pesquisador, e organizadas de maneira não necessariamente hierárquica ou vertical, enquanto a tipologia seria as classificações de entidades conceituais. E então, o primeiro estaria mais vinculado às ciências biológicas e o segundo às ciências sociais.

Um exemplo bastante pertinente de uma análise realizada através da taxonomia foi o trabalho de Richard Giulianotti (2012), um sociólogo reconhecido por seus estudos na área da história do esporte. Em sua pesquisa intitulada: *Fanáticos, Seguidores, Fãs e Flaneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol*⁸, ele classificou os torcedores contemporâneos a partir da identificação que estes

⁷ *Mathesis Universalis* é, segundo Descartes, uma ciência geral capaz de explicar tudo o que diz respeito à quantidade e à ordem, independente dos objetos a se estudar.

⁸ Texto escrito por Richard Giulianotti para a *Recorde: Revista de História do Esporte*, v. 5, n.1, junho de 2012.

tinham com os clubes de futebol que torciam. Desse trabalho surgiu esse diagrama da Figura 57:



Figura 57: Tipos de torcedores.
Fonte: GIULIANOTTI, 2012.

Segundo esse estudo, a linha horizontal (tradicional – consumidor) estaria apresentando os torcedores em relação ao seu nível de dedicação ao time. Sendo assim, o tradicional seria o indivíduo com identificação longa com o clube, em relação à cultura popular, enquanto os consumidores seriam os que se relacionavam por questões mercadológicas, refletidas no aspecto do consumo de produtos ofertados pelas agremiações. Essa relação funcionaria de maneira despersonalizada, baseada no relacionamento virtual orientado para o mercado, especialmente através de interações com a mídia fria produzida pela televisão e pela internet (GIULIANOTTI, 2012).

Já a linha vertical (quente-frio) estaria demonstrando a identificação e a lealdade do indivíduo pelo clube. A posição quente denotaria formas intensas de identificação e solidariedade, enquanto a fria seria o oposto (GIULIANOTTI, 2012).

Desse diagrama surgiram então quatro tipos básicos de torcedores: os tradicionais quentes, chamados de fanáticos, os tradicionais frios, chamados de seguidores, os quentes consumidores, conhecidos como fãs, e os frios consumidores, conhecidos por *flâneurs*. Cada tipo desses possuiria características específicas e um tipo de relacionamento com o clube de futebol de seu interesse.

O primeiro deles, o torcedor tradicional quente foi considerado aquele fanático que tem total comprometimento com o clube, pessoal e emocionalmente. Seria o torcedor com relacionamento a longo prazo, com consciência do seu papel importante para a agremiação, contribuindo financeiramente como se este fosse um amigo ou familiar (GIULIANOTTI, 2012).

Os tradicionais frios ou seguidores, também teriam certo comprometimento com o clube, entretanto, além disso, seguiriam técnicos, jogadores e outras pessoas relacionadas ao futebol. Eles se identificariam com mais de um clube, se alguém que fizesse parte do seu fosse ocupar outro lugar. “O seguidor pode se aproximar de um clube em particular devido a suas ligações históricas com seu time, como no caso em que um clube contrata o técnico ou jogadores de outro” (GIULIANOTTI, 2012, p. 19).

O fã ou quente consumidor, ele seria o torcedor que tem grande sentimento pelo clube, mas também pelos jogadores e principalmente pelas celebridades. Teria uma relação quase que aproximada com a do fanático, mas viveria o clube, suas tradições, seus maiores jogadores e os outros torcedores através de um conjunto de relações baseadas no mercado. A força de identificação dos fãs com o clube e seus jogadores é assim legitimada através do consumo de produtos a eles relacionados (GIULIANOTTI, 2012).

Por fim, o *flâneur* ou frio consumidor. Esse *flâneur* seria uma lembrança do verdadeiro *flâneur* de Baudelaire (1996), entretanto, considerando que esse sujeito contemporâneo, adquiriu novas características. Segundo Foucault, o crescimento de uma individualidade auto reguladora, em que a sociedade é sempre vigiada, em segundo, o crescimento de formas virtuais de comunicação que substitui progressivamente a troca de experiências presenciais; em terceiro, a crescente mercantilização de objetos e relações sociais, de tal forma que existem menos formas de interação pública. Assim, as práticas sociais do *flâneur* são, cada vez mais, direcionadas para o consumo (GIULIANOTTI, 2012).

Sendo assim, o *flâneur* do futebol seria o torcedor que não teria um vínculo específico com algum time. Ele enxergaria o futebol como uma vitrine. Se uma camiseta fosse escolhida, seria feita por questões estéticas, e não pela identidade com o clube. E o ponto mais marcante deles seria o fato de não perambularem pelos estádios, mas preferencialmente pelas arenas virtuais, seja por meio da televisão, computador. Assistiriam aos jogos compactados onde saberiam todos os resultados em menos tempo do que acompanhando um jogo (GIULIANOTTI, 2012).

A conclusão deste estudo de Giulianotti (2012) foi a de que torcedores se completam dentro da cultura e do mercado do futebol. E cada uma das categorias, acabam exercendo um papel fundamental para os clubes. Os fãs e os seguidores, por exemplo, embora possuam identidades dicotômicas, essas qualidades aparentemente conflitantes permitem que ambos demonstrem formas densas e finas de solidariedade social. Já os fanáticos e os *flâneurs*, embora estejam absolutamente em lados opostos, acabam sendo dependentes um do outro por diferentes razões. Uma delas, o sucesso dos clubes, depende de consumidores e os *flâneurs* podem ser esses consumidores, ou seja, para os fanáticos que buscam colaborar como podem com seu time e no futebol que é um esporte voltado para o consumo global, não importa a origem do torcedor, desde que ele apareça para consumir e ajudar com o sucesso do time do fanático.

Nesta dissertação, a intenção foi se fazer uma taxonomia dos torcedores do Atlético Clube Goianiense baseada nos estudos de Giulianotti (2012). No entanto, o trabalho dele estudou o torcedor a partir do impacto da mercantilização do futebol sobre a identidade dos mesmos, o que não seria tão significativo para os torcedores do Atlético.

Sendo um time com potencial econômico baixo e, além disso, irrelevante no cenário nacional, a mercantilização não poderia resultar em uma caracterização específica desse time bairrista. Para essa taxonomia então, definiu-se categorias e subcategorias que influenciam no tipo de torcedor que se manifesta em cada indivíduo atleticano, a partir de entrevistas realizadas com vários torcedores. A atividade foi desenvolvida adiante neste capítulo.

3.1.2.1. Taxonomia atleticana: a identidade dos torcedores

A partir das entrevistas com vários torcedores atleticanos, desconsiderando o fato de serem ou não da torcida organizada como relevante para o resultado do diagrama, consideraram-se quatro categorias de “tipos-ideais”, de acordo com as quais poderia se classificar os torcedores atleticanos. O principal critério para esse arranjo foi o tipo particular de identificação que estabelecem com o bairro e com o clube.

Como demonstrado na Figura 58, as quatro categorias de torcedores estão baseadas em duas oposições binárias básicas: novos-velhos e campineiros-não

campineiros. Portanto, existem quatro quadrantes nos quais os torcedores podem ser classificados: campineiros/velhos; campineiros/novos; não campineiros/velhos; não campineiros/novos. Os quatro quadrantes representam categorias de tipos-ideais, através das quais se pode mapear as transformações históricas e diferenças culturais vivenciadas por grupos de torcedores atleticanos, de acordo com o tempo e o espaço desse relacionamento.

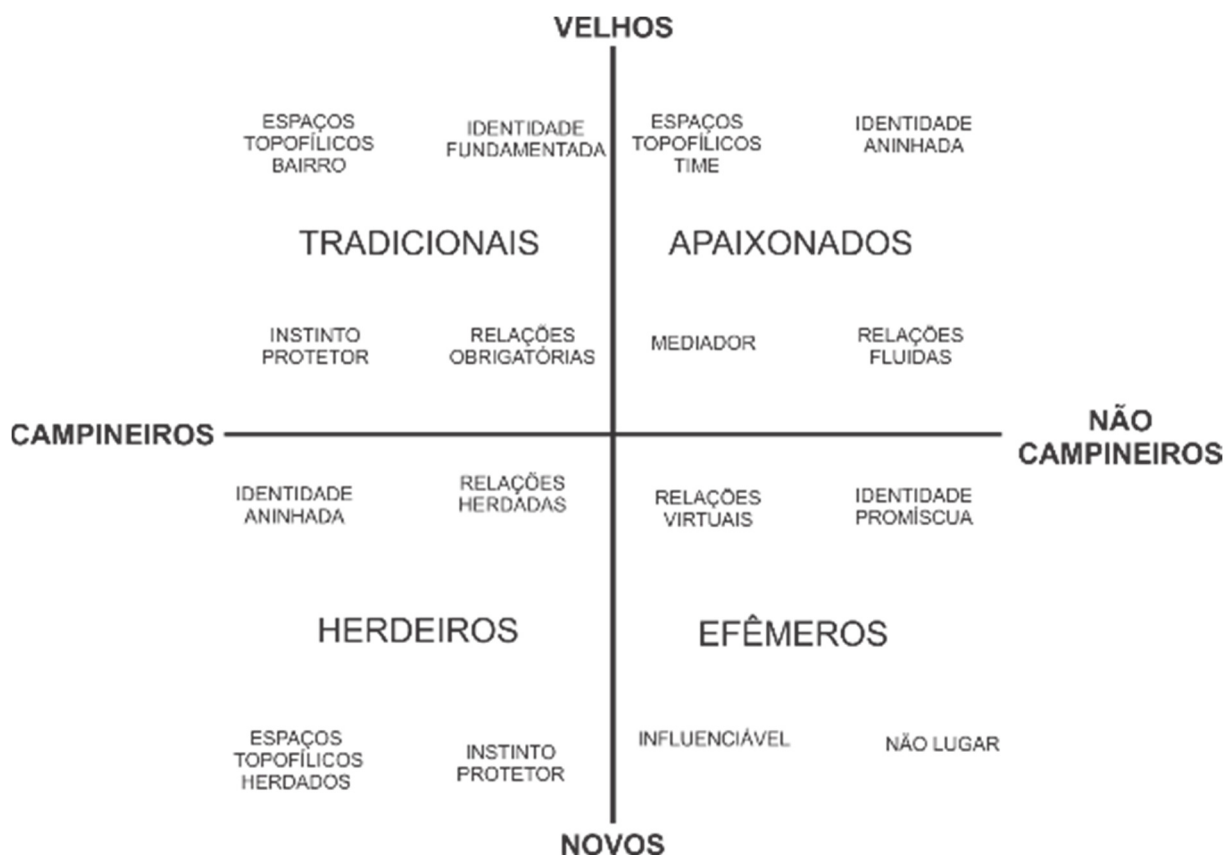


Figura 58: Diagrama taxonômico do torcedor atleticano.
Fonte: Arquivo da autora, 2018.

O eixo horizontal campineiros - não campineiros mede a relação existente entre o torcedor e o bairro de Campinas, considerando a importância que o bairro possui na relação entre o sujeito e o time do Atlético. Torcedores campineiros terão uma identificação mais longa com o clube, ligada à cultura popular, às memórias individuais e coletivas, à história de resistência do bairro em relação à Goiânia; enquanto os torcedores não campineiros relacionam-se com o clube desvinculado das memórias afetivas, sem relação com o espaço do bairro, refletindo apenas na história e vivência do clube. A oposição campineiro-não campineiro do torcedor foi observada a partir

das entrevistas e da etnografia, ambas realizadas com moradores e não moradores do bairro, campineiros e não campineiros.

O eixo vertical velhos-novos reflete uma dicotomia existente na torcida do Atlético: novos e velhos no âmbito da idade, mas também novos e velhos no aspecto do tempo em que vivenciam o time. Velhos torcedores possuem uma relação mais íntima com o clube, uma vez que vivenciaram ou foram empáticos com os tempos gloriosos (entre 1937 à 1999) e os tempos de lutas (entre 1999 até 2006), onde o time quase deixou de existir para então ressurgir anos depois. Novos torcedores, por sua vez, passaram a torcer pelo time após a luta para reerguer-se, não acompanhando a fase difícil e talvez por isso, não estabelecendo uma relação de intimidade, de empatia. Possuem simpatia pelo trabalho desenvolvido por toda a equipe, mas não compartilharam o sofrimento e por esse motivo talvez não se sintam necessariamente parte daquilo.

A dicotomia relacionada aos novos e velhos torcedores atleticanos também foi apresentada neste diagrama para referenciar a categorização que os rivais fizeram da torcida. Como modo de ofendê-los, principalmente por parte dos torcedores do Goiás e do Vila Nova costumam dizer que a torcida do Atlético é uma torcida formada unicamente por velhos. Frases como: “a torcida do Atlético vai morrer do coração”, “só tem os bengalinhas”, “tudo cabeça branca”, “o torcedor mais jovem do Atlético tem 80 anos” e por aí vai, são corriqueiras em jogos contra ambos.

Por outro lado, os novos e velhos torcedores fariam parte de uma identificação cultural e das relações sociais temporais com o clube, caracterizando dessa maneira, as identidades dos torcedores. Cada uma das quatro categorias mostra uma síntese própria de qualidades novos, velhos, campineiros e não campineiros. As categorias apresentam tipos distintos de identificação com o clube e um sentimento de pertencimento maior ou menor para essa associação pessoal. Cada uma apresenta evidências de uma forma particular de relação espacial e temporal com o clube. Como tipos ideais, essas categorias permitem diferentes graus de variação empírica e de diferença entre seus constituintes, como em suas manifestações de relações, por exemplo, podendo ser obrigatórias ou fluidas, virtuais ou herdadas.

3.1.2.1.1. Torcedores Campineiros/Velhos: Tradicionais

O torcedor campineiro/velho é definido aqui como o torcedor tradicional do clube atleticano. Um torcedor clássico que tem um investimento pessoal e emocional de longo prazo com a agremiação. Ele é comumente nascido em Campinas, e quando não é um morador desde a infância, mora ou morou ao longo de sua vida. É o indivíduo comprometido com as atividades desenvolvidas pelo time, e que demonstra apoio em qualquer situação, sendo na maior parte das vezes, empáticos. Oferecer apoio ao seu clube, em suas múltiplas formas (incluindo o consumo de produtos e ofertas do mercado), é considerado uma atitude obrigatória, tendo em vista o fato de o indivíduo possuir uma relação com o mesmo que se assemelha às relações familiares.

Outro ponto importante está na relação estabelecida com os elementos passageiros do clube. Se, por ventura, o Atlético substituir todos os seus jogadores, sua comissão técnica, e demais “coadjuvante” do desenvolvimento desse trabalho, ainda assim, seu campo, o Estádio Antônio Accioly e os demais locais de identidade do clube, dentro e fora de Campinas, continuarão sendo lugares de pertencimento para esse torcedor e a afinidade se manterá intacta. Deixar de torcer ou mudar de time, não é uma opção. Torcedores tradicionais possuem um contrato cultural com o clube e um sentido de pertencimento indissolúvel.

Os tradicionais quase sempre estabelecem uma relação “topofílica”⁹ com os principais espaços da agremiação, especialmente com seu estádio (BALE, 1994). Eles o frequentam sistematicamente, passando a conhecer seus cantos e recantos de maneira muito familiar e íntima (GIULIANOTTI, 2012, p.16). O estádio é ainda a maneira de se relacionarem com os outros torcedores tradicionais, criando nessa relação e na sensação de ser parte da massa torcedora, uma atmosfera singular.

Frequentar o estádio em jogos disputados “em casa”¹⁰ é uma rotina para o torcedor tradicional. Dificilmente sobrepõem esse compromisso. Eles assumem essa atividade como uma das maneiras mais eficientes de se apoiar o clube, vivenciando o estádio como uma grande experiência afetiva. E a recompensa que anseiam receber são as vitórias e alguns troféus, mas principalmente, o modo de “fazer” essa vitória, esperando que sejam seguidos os aspectos relevantes e as tradições do clube (GIULIANOTTI, 2012).

⁹ Yi-Fu Tuan (2012, p. 136) definiu a topofilia como um neologismo que em sentido amplo, representaria “todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material”. É um termo que assume muitas formas e varia muito de amplitude emocional e intensidade, podendo ser sentido, ou tateado, permanente ou fugaz.

¹⁰ Essa é uma expressão comum no futebol que significa que o time jogará no seu estádio (casa).

O Atlético foi um símbolo de resistência para os seus torcedores em dois momentos distintos de sua história. No primeiro, a fase de rivalidade com Goiânia (de 1938 a 1942), se apresentou como um time popular proveniente da Campininha e que mesmo com a chegada da capital e de seu time, continuou possuindo força e autonomia em algum aspecto. Após esse período, entre os anos de 1999 à 2006, momento em que sofreu o rebaixamento e enfraquecimento no meio futebolístico, passando a disputar divisão de acesso ao campeonato goiano e o Campeonato Brasileiro da série C. Praticamente perdeu o Estádio Antônio Accioly que foi quase todo demolido e grande parte dos torcedores viram suas memórias se esvaindo. Ainda assim, o time resistiu e ressurgiu.

Um torcedor considerado nesse diagrama, como apaixonado, ou seja, não campineiro/velho, tem uma fala interessante sobre essa relação entre Atlético e Campinas:

O Atlético, os jogos em Campinas eram muito bonitos você ver a torcida, a torcida do Atlético era uma torcida integrada. Diferente, de você ir num jogo do Goiás, por exemplo. Igual, teve a final aqui, que o Corinthians foi campeão no Goiás aqui dentro, eu fui nesse jogo. A torcida do Goiás é muito dispersa. Não tem cara de ter uma identidade bairrista de time, assim como o Grêmio tem com o bairro da Zenha, o Inter tem com Beira Rio. Não tem uma história, por exemplo: lá no Rio Grande do Sul a rivalidade ela é muito grande entre os dois times, porque tem até questões que vai além do futebol. Igual, no Grêmio não podia jogar preto. E aí, jogava no Inter. Tanto é que eles adotaram o saci como mascote. E, e, Coritiba a mesma coisa, o coxa branca, é o Coritiba. Que é time formado por alemães. E aí na época essa mesma coisa então se deu as características de cada clube. O único que tem isso aqui em Goiânia, é o Atlético. O único clube que tem uma identidade com o bairro. Igual, Campinas é tão importante pro Atlético que toda formação do Atlético tem a ver com Campinas (PEDRO PACHECO MENDES, 2017).

Os torcedores tradicionais, em sua maioria, viveram os momentos de glórias do primeiro período de resistência do clube e por esse motivo, no segundo período, quando o clube decaiu, agiram de maneira diferente dos demais torcedores. Percebendo as dificuldades que o Atlético enfrentava, se organizaram em uma associação que pudesse contribuir com o clube nessa fase complicada. Vivenciaram essa resistência como elementos fundamentais para superação da crise.

Pedro Pacheco ressalta sobre esses torcedores tradicionais:

O Atlético ressurgiu das cinzas, foi a torcida. Na época da reconstrução do Accioly muita gente fala que foi o Iris que tal, mas tem relatos de torcedor chegando lá com caminhão de cimento, caminhão de cimento, pra poder descer lá o cimento e construir o Accioly. Torcedor indo lá pintar o estádio. Pra você ver tanto que a paixão do atleticano por aquele lugar é incrível (PEDRO PACHECO MENDES, 2017).

Aqui surgiu a ATAAC – Associação de torcedores e amigos do Atlético Clube Goianiense. A associação, encabeçada por Jânio Costa como o primeiro presidente (um dos entrevistados), foi responsável por colaborar, sobretudo financeiramente para a reconstrução do Estádio, através da organização de shows, festas e outros eventos, os quais os associados eram obrigados a vender ou pagar o valor dos ingressos, sendo a renda revertida de maneira integral ao clube. As reuniões aconteciam no próprio Estádio Antônio Accioly, em meio ao matagal que tomou conta das instalações, uma casinha velha que fazia parte do complexo esportivo virou a sede. Em 2003 e 2005, conseguiram reerguer a estrutura. A associação não teve longa duração, mas desempenhou um papel de extrema força.

Aliado a existência da ATAAC, um movimento iniciado no final de 2003 foi bastante relevante no âmbito de impedir o avanço da negociação do Estádio Antônio Accioly. O já falecido escritor José Mendonça Teles foi o responsável por recorrer à prefeitura solicitando o tombamento da fachada do Estádio. Essa ação proporcionou a estagnação das atividades de arrendamento da área. Na época José Mendonça era presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás – IHGG e segundo ele, sua função era zelar e proteger a memória goiana. Em agosto de 2003 deu entrada no pedido de tombamento, justificando a importância daquele lugar para as memórias campineiras (TELES, 2005).

Essa justificativa utilizada por Teles (2005) é uma das características observadas nesses torcedores tradicionais. Possuem uma intensa relação com os espaços topofílicos do time, e também do bairro. Percebem que Campinas e Atlético estão em uma relação indissociável. E dessa relação, surge uma das principais particularidades deles, o instinto protetor. Em qualquer situação, principalmente quando o time se encontra em uma fase ruim, os torcedores tradicionais se explicam sobre essas situações, justificando o time. Não há qualquer aceitação sobre contestar a qualidade técnica, estrutural do Atlético. E quanto mais íntimo é o torcedor, ou seja, mais bairrista ele é, ele se manifesta mais protetor.

Em uma análise através de conversas diretas e indiretas com torcedores, foi possível assimilar que o fato da identidade estar fundamentada nos moldes das relações campineiras, pode ser um dos motivos para esse instinto protetor. Em áreas específicas de Campinas, existe o antigo modo de relacionar-se, seja comercial ou mesmo na relação entre vizinhos, baseando-se no estado de confiança. Os comerciantes usam cadernetas, os vizinhos acreditam na palavra, as pessoas se

reconhecem pelo sobrenome, entre outras atividades características de cidades pequenas. Esse modo de agir, foi transferido para o estilo de relacionamento com o clube, o que estimula o lado protetor, onde a maioria se conhece e reconhece e que os estranhos se destacam. Existe um temor em perder esse lado interiorano entre a torcida, o que faz com que eles se movam e contagiem outros a se moverem também.

Esse movimento cria uma graduação entre os tradicionais. Aquele que frequenta o estádio constantemente, que está sempre ajudando o time através de participações em eventos, comprando camisetas, estimulando parentes a irem aos jogos, acompanhando os treinos, conhecendo escalação, tendo ligação íntima com o time, esse será visto como um tradicional verdadeiro. Aqueles que começaram a torcer antes da crise vivida pelo clube e que se moveram para ajudar, também conquistaram sua distinção entre os demais. Ainda existem os que são sócio proprietários. O torcedor que comprou o direito de ser dono de parte do Atlético. Este, tem entrada gratuita nos jogos. Quando, além de ser um dos sócios, ele ainda ajuda o clube comprando o seu próprio ingresso, passa a ser conceituado no mais alto escalão.

O torcedor tradicional é um indivíduo orgulhoso de sua história com o bairro e com o time e tem ainda mais orgulho de fazer parte de algo maior.

3.1.2.1.2. Torcedores Campineiros/Novos: Herdeiros

Os torcedores campineiros/novos são os herdeiros da atividade de torcer. Há quem diga que a torcida do Atlético seja uma torcida velha e quando se vê um jovem torcedor, é certo que este será filho de algum “cabecinha branca”. De fato, ocorre com certa frequência. Grande parte dos jovens torcedores atleticanos, são herdeiros dessa tradição.

Amadou Hampâté Bâ foi um escritor malinês considerado o mestre da tradição oral africana. No texto *A tradição viva* (2010, p. 168) ele considerou sobre os testemunhos passados que:

Nada prova a *priori* que a escrita resulta em um relato da realidade mais fidedigno do que o testemunho oral transmitido de geração a geração [...] O que se encontra por detrás do testemunho, portanto, é o próprio valor do homem que faz o testemunho, o valor da cadeia de transmissão da qual ele faz parte, a fidedignidade das memórias individual e coletiva e o valor atribuído à verdade em uma determinada sociedade. Em suma: a ligação entre o homem e a palavra.

Ele defendia que a história oral era uma referência importante e autêntica tanto quanto os relatos escritos. E isso comprova o quanto a transmissão de testemunhos, de ideais, de valores, é uma atividade forte entre gerações de indivíduos. As tradições são construídas através desse passar de memórias, dos modos de fazer e no caso específico da torcida, no transmitir o apreço pelo clube, pelo trabalho desenvolvido, o amor ao bairro, às cores da camisa, ao Estádio Antônio Accioly, ao ato de ir aos jogos frequentemente, ao consumo que contribui com a estrutura do time, ao gosto pela história de Campinas e do Atlético, entre outros.

Quando se fala em herdeiro, não está limitando somente à relação entre pais e filhos e, principalmente, não se limita a duas gerações distintas de pessoas. Uma peculiaridade entre torcedores atleticanos é o fato de que muitos se tornaram torcedores por influência de amigos, vizinhos, parentes distantes e não somente por influência paterna. Os herdeiros, em sua maioria, já possuem o interesse pelo futebol e um gosto por Campinas, seja por já terem morado no bairro, por possuírem parentes que moram, ou por gostarem das histórias que conhecem da região, alguma afinidade existe. Dessa afinidade, histórias de amor e superação contadas por torcedores antigos, estimulam e criam no imaginário desse novo torcedor, o sentido identitário que os estimula a desejar fazer parte dessa memória afetiva que lhes foi compartilhada.

O torcedor Júlio César de Souza (2018), hoje conselheiro do Atlético, participou da ATAAC como diretor administrativo/financeiro, se movimentou e ainda se movimenta em prol do clube. É um exemplo bem sucedido de herdeiro torcedor. Nasceu em Orizona e aos quatro anos perdeu o pai. A irmã era dona de uma pensão na Rua 5 no Setor Central em Goiânia e por lá ele morou dos quatro aos dez anos. Um dos inquilinos da pensão era atleticano. Em 1970, em uma final do campeonato goiano, foi convidado pelo vizinho para assistir ao jogo entre Vila Nova e Atlético. Atlético sagrou-se campeão pela sétima vez nesse ano. Em suas memórias infantis, a torcida do Atlético era enorme e cheia de energia. Na época, o Estádio Olímpico (onde o jogo aconteceu), comportava cerca de 20 mil pessoas.

Souza (2018) contou que era uma torcida curiosa e diferenciada das outras. Alguns torcedores eram bastante representativos. Existia um em específico que ninguém sabia o nome, embora fosse muito conhecido e querido. Sua animação e irreverência foram inclusive citadas em livros escritos por Horieste Gomes e José Mendonça Teles. Ainda hoje, uma frase dita por esse sujeito desconhecido é bastante

utilizada entre os torcedores: o “respeita as cores, vagabundo”. Era um grito que ele disparava para os adversários. Quando a charanga¹¹ não podia comparecer, ele era o responsável por animar a galera com seus tambores e a sua bandeira a qual ele se cobria. Foi o torcedor símbolo do Dragão Campineiro (TELES, 2005).

Os herdeiros se diferem de maneira sutil dos tradicionais. Primeiro pelo processo identitário já mencionado. Segundo, o compromisso com o clube é um pouco menor, ou melhor, menos cobrado. Entende-se que os herdeiros foram estimulados a torcer pelo Atlético e não necessariamente a torcida nasceu de uma paixão espontânea. Dessa forma, suas obrigações como torcedor são menores. Entretanto, são fanáticos pelo time tanto quanto os tradicionais, às vezes mais. Esse fanatismo incentiva o desenvolvimento do mesmo instinto protetor dos tradicionais. A relação com os espaços topofílicos se apresenta de maneira diferenciada. Enquanto um tradicional necessariamente veio de Campinas, conheceu e gostou do time pelo que acompanhou no bairro, criou laços materiais através da vivência no espaço, os herdeiros recebem esse sentimento. Alguns lugares deixaram de existir ao longo dos tempos, ou os torcedores são jovens e não presenciaram determinadas situações. Portanto, os espaços topofílicos são herdados. O gosto pelos elementos, a relação material foi “criada”.

Embora o sentimento tenha sido herdado, a intensidade do sentimento pode ser a mesma de um torcedor tradicional. Eles são uma representação da paixão dos tradicionais.

3.1.2.1.3. Torcedores Não Campineiros/Velhos: Apaixonados

Os torcedores não campineiros/velhos ou os apaixonados são aqueles que possuem gratidão pelo time de alguma maneira. Como o próprio diagrama apresentou, não são nascidos no bairro de Campinas e por isso, a relação com o bairro é frágil ou inexistente. Eles começaram a torcer, em geral, antes da crise vivida pelo clube e embora não tenham um sentimento inicial pelo bairro de Campinas, após vivenciarem o sentimento de outros torcedores, ou mesmo por buscarem conhecimento, passam a gostar do Atlético e estabelecem quase a mesma afinidade

¹¹ Charanga é uma banda de música geralmente composta por instrumentos de sopro.

dos tradicionais, embora não sejam daquela região e não tenham lembranças infantis ou da juventude.

Charlandro Brito é um desses torcedores apaixonados pelo clube. Sua história com o Atlético mostrou de que forma sua paixão se desenvolveu, afinal, ele conheceu o clube em seu período de hiato e criou um sentimento de pertencimento diferente dos demais torcedores. Ele descobriu um sentimento de gratidão pelo time e hoje não consegue se desvincular, tanto que por consequência foi morar no Bairro de Campinas.

Outro torcedor que não estabeleceu contato com Campinas, mas que criou laços afetivos com o Atlético, foi Pedro Pacheco Mendes. Quando questionado sobre ser torcedor atleticano:

Eu passei minha infância, na Bahia, lá em Porto Seguro, eu cresci lá. Sou goiano, fui pra Porto Seguro, e aí, quando eu voltei pra Goiânia, eu não sabia o que era futebol. É engraçado eu falar isso. [...] Eu acho que eu tinha uns 11, 12, por aí. Eu não entendia de futebol. E aí, aqui em Goiânia, a gente tem esse fenômeno, que não é por exemplo, igual BH, que lá é polarizado. Ou cruzeiro ou Atlético Mineiro. Ou então Porto Alegre, que é Inter e Grêmio. Aqui em Goiânia você tem pessoas que torcem para inúmeros times do Brasil inteiro. [...] Eu não entendia nada de futebol, voltei pra Goiânia. E aí na época, o time do São Paulo era um timaço, o Palmeiras também timaço, tal. Tava nesse contexto, muito flamenguista. E aí, qualquer pessoa da minha família que chegava e falava assim: não, eu sou corinthiano, aí eu falava: não eu sou corinthiano também. Entendia nada de futebol. Ah, eu sou são paulino, ah, eu sou são paulino também tal. Aí, o São Paulo veio naquela sessão, e começou a ganhar tudo. E aí, a galera falava de futebol, pra inserir naquele contexto, ah, que time cê torce? Ah, eu torço pro São Paulo. Não sabia nada de futebol. Só sabia que jogava lá o Rogério Ceni. E que tava sendo campeão e tal. E aí eu fui estudar numa escola. Nessa escola tinha três amigos, eu fiz três amigos, os três eram atleticanos. Isso em 2000...eu sou da nova geração, 2006, se eu não me engano. E aí os caras viraram pra mim e: "cara, você é são paulino, cê num entende nada, cê nunca viu um jogo do São Paulo na sua vida, como cê fala que é São Paulino?!" E eles pegavam no meu pé e eu não ligava. Aí até que um dia eu falei: cara, é mesmo, por que que eu torço, por que que eu falo que eu sou são paulino?! Eu num sou são paulino. Nunca fui num jogo do São Paulo. E eles me levaram no jogo do Atlético, lá no Accioly, e aí desde então, eu me identifiquei com tudo, com tudo no time. E aí foi nesse processo, foi do dia pra noite, eu virei atleticano, e já saí comprando camisa e tal, e frequentando estádio, e desde então eu nunca parei (PEDRO PACHECO MENDES, 2017).

Ele também conheceu o time no momento em que estava paralisado e por sua curiosidade, vontade de saber a história, a relação por trás da existência dos clubes de futebol, pode ser classificado como um torcedor apaixonado. Embora esses dois exemplares de torcedores, destoem dos demais, em sua maioria, os apaixonados estabelecem um relacionamento afinado com os espaços tofófilos específicos do time, ocasionalmente ligando-se ao bairro de origem. Em geral, possuem um sentido de proteção mediador, ou seja, não defendem sob qualquer circunstância o clube.

Sabem mediar que existem qualidades, mas existem muitas situações errôneas que acontecem. Eles costumam ter o distanciamento necessário para que exista amor, mas prevaleça a razão nessa relação.

Sua identidade é construída a partir do que leram ou ouviram. São curiosos e por serem, acabam tendo um conhecimento talvez maior da história do clube do que os próprios tradicionais. Entretanto, possuem uma relação mais fluida. Eles são bastante presentes como torcedores, mas não existem obrigatoriedade nessa atividade.

O sentimento de gratidão, de conquista, é uma condição comum no apaixonado.

3.1.2.1.4. Torcedores Não Campineiros/Novos: Efêmeros

Por fim, os não campineiros/novos ou os efêmeros. Geralmente não torcem pelo time em qualquer situação e acima de qualquer condição. Não são curiosos quanto à história do clube, nem tampouco se importam em buscar conhecer. É o tipo de torcedor criticado pelos demais torcedores. Costumam ser taxados de “vira casaca”, “Maria vai com as outras”, entre outros adjetivos pejorativos. Em sua maioria, não estabelecem relação de pertencimento com nenhum time. Valorizam o *status* temporário alcançado pelo Atlético.

Esse torcedor tem quatro características essenciais. Em primeiro, instituem uma relação virtual com tudo que envolve o time. Acompanham as redes sociais, rádios, televisão e formam suas opiniões baseados no que foi dito nessas mídias. As idas ao estádio são comedidas. Se o time tem uma série de vitórias seguidas, possivelmente irão ao jogo. Caso contrário, assistem pela televisão, pois não se justifica o gasto.

Esses torcedores também são reconhecidos dentro do estádio. Quando o jogo está favorável, ou seja, o Atlético caminha vitorioso, eles se manifestam como grandes torcedores, gritando, exaltando as qualidades do time, cantando em comunhão com a torcida. Caso contrário, ocorrendo uma mudança brusca de resultados, todos os bons comentários deixam de existir, não esperando se quer o final da partida para deixar o estádio, indignados e cheio de reclamações. Essas atitudes são vistas com maus olhos pelos demais torcedores, afinal, embora não existam manuais para os comportamentos do bom torcedor, quase sempre se espera que sejam compartilhados momentos bons e ruins, apoiando o clube incondicionalmente. Ao bom

torcedor cabe inclusive o direito de cobrar jogadores e diretorias quando o desempenho não caminha favoravelmente.

O uso da camiseta que se configura como uma das principais demonstrações de amor pelo clube, só acontece em ocasiões que o time encontra-se em uma boa fase. E o sentido identitário depende da ocasião. Pode ser torcedor do Atlético hoje, mas amanhã se identificar com a boa campanha do Goiás e depois voltar a torcer pro Atlético, sem qualquer dificuldade. O sentido de reconhecimento corresponde às boas condições. E sua principal justificativa para isso, são frases como: “não do conta desse time não, ruim demais, bom está o outro, boa campanha”, “nossa, o fulano agora foi pra tal time, agora aquele vai avançar”, “a vida já é ruim demais para ainda torcer para um time ruim”.

Por último, são torcedores que não estabelecem vínculos sociais e culturais com os lugares. Para Marc Augé (1994), lugares são espaços vividos cotidianamente e que carregam consigo afetividade e memória. Apresentam características identitárias, relacionais e históricas. Já os não lugares seriam espaços funcionais construídos com determinadas finalidades objetivas, estabelecendo formas de se viver experiências transitórias, supérfluas e funcionais. São esvaziados do princípio de sentido para aqueles que o ocupam ou habitam. Os estádios seriam uma espécie de não lugar para esses torcedores efêmeros. As experiências ou passagens vividas são simplificadas, quase que indiferentes. Nesse contexto, um jogo em “casa” ou fora de casa surtem o mesmo efeito sentimental nesse torcedor.

O desapego é o sentimento que os caracterizam. E de acordo com Giulianotti (2012, p.25), seriam como *flâneurs* do futebol. Ou seja, “adquirem uma identidade pós-moderna de torcedor através de um conjunto despersonalizado de relacionamentos virtuais orientados para o mercado”.

A taxonomia realizada acima diferenciou torcedores através das diversas identidades futebolísticas manifestadas entre as torcidas. É importante elucidar que o a separação dessas categorias se deu a partir de duas análises: uma baseada no tempo/período em que se tornaram torcedores e a outra, nas relações espaciais com o bairro de Campinas.

Desse modo, é notório que quanto maior o tempo/período que o torcedor conheceu o time, quanto mais sofrimento e alegria ele compartilhou, maior é a sua possibilidade de dedicação pelo Atlético. Sendo assim, os tradicionais são caracterizados por torcerem obrigatoriamente pelo clube, uma vez que este fornece a

possibilidade de manifestarem suas identidades individuais, e ainda construir uma identidade coletiva baseada em uma relação sincera e amigável entre indivíduos que possuem o mesmo compromisso tanto com o clube, quanto com o bairro. Os herdeiros, por sua vez, embora tenham uma quantidade menor de tempo com o time, possuem uma sensibilidade atizada pelas histórias e memórias vividas por tabela (Halbwachs, 1990). Do outro lado, os apaixonados que muito se parecem com os tradicionais, embora sua relação com o espaço seja menor. E esse *link* entre o clube e o bairro sutil, proporciona a manifestação de um torcedor que sabe muito sobre o time, mas que não necessariamente compreende a importância desempenhada por ele no espaço ao qual está inserido. Por último, mas não menos curioso, são os efêmeros e a quase inexistência de relação com tempo e o espaço, o qual ocasiona um torcedor desvinculado de histórias e memórias.

Em termos de sua relação com o meio material (Campinas e Estádio Antônio Accioly), os tradicionais possuem laços históricos e emocionais indissolúveis com o campo do clube, que é um símbolo cultural chave do seu grupo. Da mesma maneira, os herdeiros conhecem o significado simbólico do campo do clube por tabela, mas podem ser independentes dessas representações históricas e das memórias de seu time. Os apaixonados experienciam uma identificação social com o clube, mas para alguns em relação ao espaço pode ser distante. Por fim, o habitat preferido do efêmero é repleto de estímulos audiovisuais, especialmente de mídias eletrônicas. Vive em um mundo de consumo, e de representações superficiais, não conseguindo alcançar o alinhamento pessoal com um clube enquanto uma instituição com um local definido. Ao invés disso, os símbolos do clube são utilizados como adereços, de forma fria e de acordo com o mercado, sendo os espaços apresentados como não-lugares.

Tradicionais e apaixonados compartilham algumas características semelhantes em suas constituições básicas. Sendo ambos torcedores encaixados na linha vertical velhos, ainda que exista a distância entre ser ou não campineiro, ambos dispõem sentimentos e atitudes boas para o time, e possuem orgulho e gratidão pelas vivências. O fato de ser campineiro, cria um torcedor que beira a irracionalidade em alguns aspectos, o que se atenua nos apaixonados pelo fato de não existir a mesma relação com o bairro. Em conjunto, conseguem se manifestar como torcedores que brigam pelo clube, mas que possuem um senso mediador. A referência espacial torna-se de certa forma, irrelevante, pois a história do clube, o tempo de conhecimento, a vivência das dificuldades, acaba criando um simbolismo identitário consolidado.

Na linha de baixo do diagrama, aparecem os herdeiros e os efêmeros que aparentemente são extremos opostos. Os herdeiros podem se manifestar como torcedores ainda mais tradicionais que os próprios tradicionais, dependendo de como vivenciou as memórias de outros, mas conseguem estar bem próximos dos efêmeros quando não estabelecem a mesma relação social com o clube e o bairro. Mas nesse caso, independentemente do tempo de exposição vivenciado pelos torcedores, tendo em vista que ambos se encaixam na linha dos novos, a referência espacial é um ponto fundamental. A partir dela, os torcedores ficam entre valorizar as memórias ou não, interferindo diretamente sobre o modo que ele se relaciona e se identifica com o clube.

3.2 Territorialidades atleticanas

Voltando à discussão sobre as territorialidades, cabe a esse item uma frase já citada de Robert Sack (1986, p.23), onde ele elucida um dos motivos para se utilizar este termo: “A territorialidade é uma estratégia para se estabelecer diferentes graus de acesso às pessoas, coisas e relações”. Segundo ele, é uma ferramenta de ordenação e controle.

O clube atleticano, embora tenha uma produção cultural interligada com o bairro de Campinas, possui uma malha de territorialidades por Goiânia, em sua maioria, fora dos limites administrativos do bairro. É perceptível uma concentração de lugares que fazem o percurso de Campinas para o Setor Urias Magalhães, onde se encontra o outro Centro de Treinamento do Time. Entretanto, essa seria uma análise aleatória. O que se entende a partir da etnografia realizada é que essa formação das territorialidades aconteceu de modo espontâneo, em relação a bares, mas de modo pensado, quanto às escolas de treinamento, considerando locais que fossem regiões carentes da cidade, tanto economicamente, quanto de atividades esportivas.

Esse estudo refletiu no mapa da Figura 01 (Anexos), em que se vê o limite de Campinas e os pontos das territorialidades atleticanas. Alguns desses pontos, são de maior interesse que outros, no sentido de serem locais de encontro entre torcedores. A partir de agora serão analisados, tanto pela etnografia realizada, quanto pelas entrevistas com os proprietários.

3.2.1. Beto's Bar

Como já apresentado pela taxonomia, o torcer para alguns pode não ser o mesmo que para outros. Existem vários modelos de torcedores. Os que gostam de estar presentes nos estádios, treinos, amistosos, por imaginarem-se elementos importantes para o time, outros que não conseguem vivenciar a alternâncias das emoções em um campeonato, outros ainda que temem as situações de violências diárias em estádios. Alguns gostam da atividade de ser torcedor, fazendo parte de torcidas organizadas e outros colocam o time à frente de qualquer sentimento. Aqui se encontra o Beto.

Albertino Marco da Silva ou Beto, embora não tenha nascido em Campinas, passou a maior parte da sua vida morando nas imediações do Estádio Antônio Accioly. Perdeu o pai ainda criança e sua referência de torcedor foi um tio que nem se quer torcia para o Atlético, era torcedor do Goiânia. O primeiro jogo que participou foi por volta de 1971, na ocasião o dragão conquistou uma vitória diante do rival Goiânia e a partir disso, nunca mais deixou de torcer.

Beto se diz fanático pelo clube, a ponto de ter construído um bar de memórias atleticanas, o famoso *Beto's Bar* (Figura 59). O bar está localizado na Avenida dos Alpes, na Vila União (Figura 60) e como é perceptível através da foto da fachada (Figura 61), há uma riqueza de detalhes atleticanos, desde as cores à caricatura do Beto, do forro da mesa, cardápio, ao controle de mesa (ambos na Figura 61) e principalmente a parte interna do estabelecimento, que se apresenta como um verdadeiro museu das conquistas rubro negras, apresentando-se com uma infinidade de fotos, recortes de jornais, camisetas autografadas de vários momentos do time, entre outros materiais novos e antigos.



Figura 59: Fachada do Beto's Bar.
Fonte: Arquivo da autora, 2018.

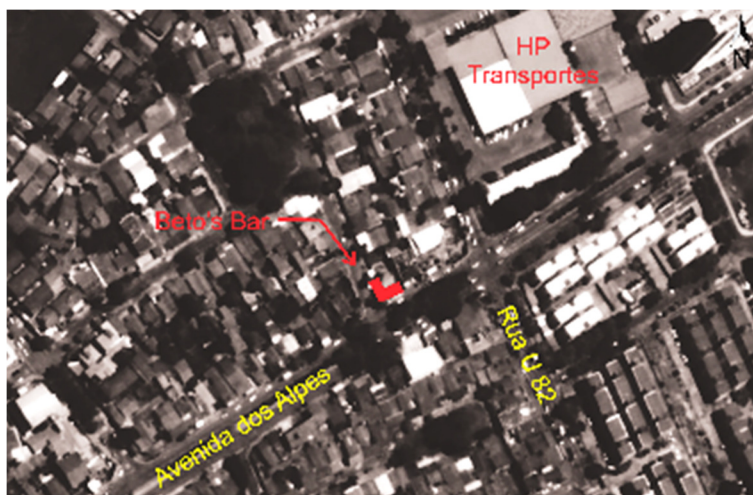


Figura 60: Localização do Beto's Bar.
Fonte: Google Earth editado pela autora, 2018.



Figura 61: Forro e controle de mesa do Beto's Bar.
Fonte: Arquivo da autora, 2018.



Figura 62: Imagens internas do Beto's Bar.
Fonte: OLIVEIRA, 2018.

No diagrama da taxonomia (Figura 58) o Beto poderia variar entre o torcedor tradicional e o apaixonado, estando quase no centro desses dois quadrantes. Em alguns aspectos, ele se mostra como um verdadeiro torcedor tradicional que valoriza o bairro de Campinas como a “casa” do Atlético. No entanto, talvez esse aspecto de valorização seja mais por gratidão, uma vez que pelo bairro ele se encontrou com o time. Agora, quando questionado sobre a relação entre ambos, transmite um sentimento de independência do bairro. Se o Atlético tivesse o seu campo em qualquer parte de Goiânia, ele ainda seria fanático, pois se qualifica como um seguidor do clube, assim como dito em um dos cânticos da torcida: “aonde você estiver eu sempre estarei, atleticano, pra sempre eu serei. Tu és a minha vida, meu eterno amor [...]”. Não importa a relação espacial, mas sim o pertencimento ao clube. Tanto que seu bar sempre existiu na Vila União e quando houve convite para abri-lo em Campinas, se recusou.

Recentemente, com a reforma do Estádio Antônio Accioly, recebeu o convite para cuidar do bar e novamente não aceitou. E segundo ele:

Cristina: E por que você escolheu o bar aqui no Sudoeste, Sudoeste não, aqui é Vila União né?

Beto: Isso, Vila União. Não, eu escolhi pelo motivo de quem hoje é minha mulher né, ela era daqui, da Vila União. Aí eu vim pra cá, e conheci ela, e construí esse bar aqui, e foi, eu sempre fui atleticano e falei lá pra ela que eu ia fazer isso e isso aqui no bar e ela conformou, quando o pai dela morava aqui no fundo né. Aí o pai dela também era vilanovense né, aí foi aquela guerra, mas eu venci a guerra (risos). Aí construí essa memória aqui do Atlético.

Cristina: Mas você nunca pensou em levar o bar lá pra Campinas não?

Beto: Não. Não. Nunca pensei não. Nunca. Tive uma proposta pra, agora mesmo tive uma proposta pra tomar conta do bar lá...mas eu num quero. Ficar quieto aqui no meu lugar (ALBERTINO MARCO DA SILVA, 2018).

Beto é um torcedor assíduo nos jogos e é recorrente a sua participação em jornais, os quais o qualificam como torcedor símbolo da torcida atleticana. É cheio de ritos e tradições para acompanhar o clube. O maior deles é o seu guarda roupas que só abriga uniformes do Atlético. São mais de 300 camisetas. “Se me convidarem para ir a um casamento e eu não puder ir de camiseta do Atlético, eu nem vou. Meus amigos já sabem dessa condição” (SILVA, 2018). Além disso, ele criou um grupo chamado: Galera do Beto’s que se organizam, fretam ônibus, vans, avião para acompanharem o dragão em outras cidades e estados.

Quando questionado sobre a fase em que o clube perdeu seu maior patrimônio, Beto se manifestou insosso. Ele nem se quer soube que existiu o movimento dos torcedores em prol do clube. “Era bem triste mesmo passar lá na porta do Accioly e ver aquilo cheio de marginal” (SILVA, 2018) essa foi a frase dita por ele, mas que parecia não demonstrar um sentimento verdadeiro. Nesse momento, ele colocou em xeque sua categorização no diagrama do torcedor. Ele chegou próximo ao efêmero, apresentando um aparente descaso pelo que importava para a maioria dos torcedores.

Embora a paixão de fato exista, é notório que o Beto foi uma criação da mídia para uma espécie de herói da torcida. No estádio, alguns torcedores não compartilham da companhia dele e da turma dele como representações de sua própria torcida. Há quem diga que ele é mais “falador” do que fiel.

Essa ressalva que alguns torcedores possuem em relação a postura dele como torcedor e das inúmeras reportagens que o apresentam como o mais fanático do clube implica em quais torcedores acabam consumindo o seu bar.

O bar do Beto é um local frequentado por vários tipos de torcedores e mesmo quem não torce por nenhum time costumam estar presentes. No dia 4 de maio o Atlético jogou pelo Campeonato Brasileiro da Série B contra o Clube de Regatas Brasil, conhecido como CRB, um time de futebol de Maceió. O jogo foi no estádio deles e por isso muitos torcedores apareceram no Beto's, embora o próprio Beto não estivesse por lá. Segundo ele, “preferi ver em casa de boa” (SILVA, 2018). Mas a ausência dele não era um desafio, os garçons já sabiam quais torcedores iriam aparecer e de que forma resolveriam todas as questões de atendimento. Além disso, o filho do Beto estava na gerência. Um parêntese aqui para dizer que os garçons já conhecem os frequentadores, obedecendo uma comunicação quase inaudível que responde as necessidades de cada um.

Haviam naquele dia vários torcedores que fizeram parte da torcida organizada do Atlético, mas agora mais velhos, deixaram os seus cargos para os jovens. Estes chegaram bem antes do jogo para sentarem nas melhores mesas. Os lugares mais disputados eram em frente à televisão, onde não costuma haver qualquer interferência, seja da luz, ou de pessoas circulando. O bar possui três televisores, neste dia todos estavam transmitindo o jogo do Dragão.

As pessoas foram chegando e se juntando em um clima descontraído. Dificilmente estavam sozinhas. Os ex-torcedores da organizada, em sua maioria, foram acompanhados de suas esposas que também são fanáticas pelo clube. O jogo que aconteceria apenas às 20hs30min já estava sendo discutido na maior parte das mesas desde às 19hs00min. Todos entendidos da capacidade de cada jogador, fizeram suas escalações e apostas de resultados, considerando que o Atlético sairia vencedor.

Alguns minutos antes do início da partida, mesas e cadeiras começaram a ser movimentadas para que todos pudessem ficar próximos uns dos outros e principalmente da televisão. Apitou, começou a partida e já começaram as gritarias. A câmera filmou a torcida visitante e muitos amigos dos torcedores do bar estavam lá em Maceió: “Olha, o fulano ali”, “olha é mesmo, o cara é foda”, e volta a imagem pro jogo e mais gritarias, o time estava levando um contra ataque¹² e “uuuhhhh” vaias de alívio, a defesa do Atlético havia conseguido se reestabelecer a tempo.

¹² O contra-ataque é uma roubada de bola súbito, impedindo o adversário de armar a defesa.

De repente, aos 10 minutos de jogo, o primeiro gol do CRB. Os torcedores vaiaram, mas emanaram várias energias positivas para o time pela televisão. Tinham a certeza que se recuperariam. “Foi uma falha, mas era só organizar que daria certo”. E então, dois minutos depois, aos 12 do primeiro tempo, o CRB fez o segundo. Alguns coçaram a cabeça, outros levantaram para ir ao banheiro e outros ainda foram espaiar fumando um cigarro. Então, aos 40 minutos saiu o terceiro, abrindo uma enorme vantagem sobre o Atlético. Fim do primeiro tempo.

Nesse momento, os torcedores efêmeros surgiram no meio do bar, se manifestando assim como no estádio. Primeiro, destilaram sua fúria ao time que “era muito fraco”, “como os dirigentes não faziam nada”, e aquele “bando de jogadores vagabundos”, “como que o técnico não dispensava eles”. Depois, a fase da negatividade, “esse time vai ser rebaixado”, “não vamos conseguir nem passar o vila”, “é uma vergonha esse jogo”. Como estavam bebendo, não deixaram o bar como deixariam o estádio, mas viraram suas cadeiras e se mantiveram de costas para o jogo.

Ao mesmo tempo que os efêmeros se manifestaram, os tradicionais e os apaixonados passaram a desempenhar sua função de defensores do clube. Os tradicionais, sem qualquer ponderação, se justificaram como se fossem eles os jogadores em campo. “Ou, o time é muito bom, o time vem com uma campanha boa, tem que deixar os outros jogarem”, “o time não pode sair ganhando demais não, se não acontece como no Fortaleza, já estão depenando o time pegando os melhores jogadores, desse jeito não terminam o campeonato” e por aí foi, fazendo análises aparentemente absurdas em prol de proteger o Atlético. Já os apaixonados, com análises mais realistas, avaliaram o jogo como uma partida difícil, fora de casa, sem torcida, que foi um deslize que os jogadores estavam cometendo, mas nada que fosse comprometer o bom desempenho no campeonato.

Alguns torcedores fizeram as substituições que achavam necessárias para aquele resultado tão ruim, já estava contando a pontuação dos próximos jogos, quando nos acréscimo do segundo tempo o Atlético diminuiu a diferença, convertendo um gol que para os tradicionais e apaixonados, foi um golaço. Muitos nem se manifestaram, já haviam desistido do jogo.

Acabou a partida, os assuntos na mesas mudaram. Ninguém ficou amargando a derrota. Os tradicionais e os apaixonados se calaram por respeito ao luto que estavam

vivendo. Os efêmeros, por sua vez, não queriam mais “torcer” para aquele time, portanto, passaram a discussão para o futebol europeu, “esse sim dava orgulho”.

Segundo o Beto, qualquer torcedor é muito bem recebido em seu estabelecimento e todos os dias ele transmite o jogo do dia, não importando o time. Sendo assim, embora receba muitos torcedores tradicionais e apaixonados pelo Atlético, vários torcedores efêmeros sentam todos os dias ali, tentando consumir o produto a qual dizem torcer, conversando, dando palpites e fazendo considerações sobre o Dragão. Esse é um modo de autoconvencimento vivenciado por eles.

3.2.2. Outros lugares atleticanos

Dentro e fora do bairro existem vários locais assumidamente atleticanos e quando não o são, ao menos os seus proprietários são reconhecidos pelo fato de serem torcedores. O Glória Bar por exemplo, localizado no Setor Sul em Goiânia, foi um local mencionado por torcedores atleticanos como uma territorialidade atleticana. Embora seja um estabelecimento com identidade carioca, sendo cheio de referências futebolísticas do mundo inteiro, segundo os torcedores atleticanos, dos times goianos, somente o Atlético faz parte das referências. A Figura 63 apresenta o símbolo existente na parede do bar. Em outros pontos também tem outros quadros, incluindo um com uma camiseta autografada.



Figura 63: Símbolo do Atlético-GO no Glória Bar.
Fonte: Autor Desconhecido, 2018.

Outro bar reconhecidamente atleticano é o Bar do Marcão. Localizado no Setor Jardim América (Figura 64). O proprietário do estabelecimento, Marcos Araújo (2018), um torcedor que ao falar de sua relação com o Atlético, se emociona. Na classificação da taxonomia, seria um apaixonado, embora pudesse ser considerado tradicional também. Nascido em Campinas, herdeiro das tradições atleticanas vinda dos pais,

avós, morou a maior parte do tempo no Setor Oeste. Por esse motivo não poderia ser qualificado como tradicional, ainda que tenha um vínculo campineiro, afinal, sua relação com Campinas é de certa forma distante

A memória afetiva familiar pode ter sido essencial para ele ter se tornado atleticano, mais do que o fato de ter nascido no bairro. Ele não necessariamente valoriza ou entende como sentimentos ou sentidos diferentes assistir a um jogo no Estádio Antônio Accioly ou mesmo no Olímpico. As suas atenções são voltadas ao time ainda que seu primeiro jogo no Accioly tenha sido em 1967, não existe uma supervalorização dessa atividade como parte da identidade atleticana.

Sobre as referências do clube contidas em seu bar, vão desde uma bandeira hasteada na entrada, ao suporte de bebidas sobre a geladeira e ao relógio na parede do fundo. Alguns quadros referenciando campeonatos conquistados, o mascote, foto dele em algum jogo, dele com sua família entre outros detalhes. Na fachada principal, o símbolo estampado no muro, apresentando que o bar é de um atleticano orgulhoso e a bandeira que fica estendida enquanto o bar estiver aberto. Segundo Marcos, “eu me sinto seguro de estender a bandeira por ser atleticano, porque as outras torcidas respeitam isso. Caso eu fosse torcedor do Vila, por exemplo, com certeza já estaria morto ou jurado de morte” (ARAÚJO, 2018).

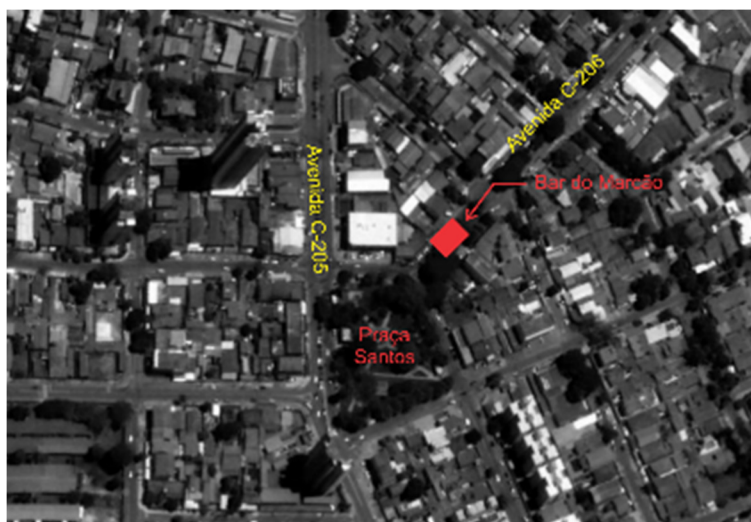


Figura 64: Localização do Bar do Marcão
Fonte: Google Earth editado pela autora, 2018.



Figura 65: Imagens externas do Bar do Marcão.
Fonte: Arquivo da autora, 2018.



Figura 66: Imagens internas do Bar do Marcão.
Fonte: Arquivo da autora, 2018.

No dia da visita ao local, o frequentador presente no bar era um torcedor efêmero. Estava vestindo a camiseta do Vila Nova, bebendo em um copo que ele carregou para o bar, contendo o símbolo do seu time. No entanto, disse que o Vila não tem um bar dele, por isso gostava de ir lá no Marcão. Além disso, o Vila é um time tão difícil de torcer que ele às vezes torcia pelo dragão.

O Marcos estava achando ele um chato e chamando-o de “velho enjoado”, mas ambos permaneciam juntos, cada qual vestido com a camiseta de seu time, conversando amenidades.

Na semana anterior o Atlético enfrentou o Ponte Preta fora de casa, um time de Campinas, São Paulo. Saiu vitorioso, ganhando o jogo por 3 a 1. Marcos contou que o bar ficou lotado de torcedores, a maioria seus amigos de bairro que ao invés de

assistirem os jogos em casa sozinhos, se reuniram no bar para verem juntos. Neste dia foi só festa.

Nas imediações de Campinas existiu um outro reduto atleticano, apesar de hoje estar à venda, chamado Bar do Atleticano. Localizado na Rua dos Ferroviários, Esplanada Anicuns (Figura 67) ainda possui uma fachada com referências ao Estádio Antônio Accioly, ao mascote do clube: o dragão e ao símbolo presente nas bandeiras que torcedores carregam (Figura 68). E uma referência clássica em meio aos torcedores atleticanos é o desenho da família no estádio, ou seja, é um jogo seguro para a família. Pais e filhos torcendo juntos.

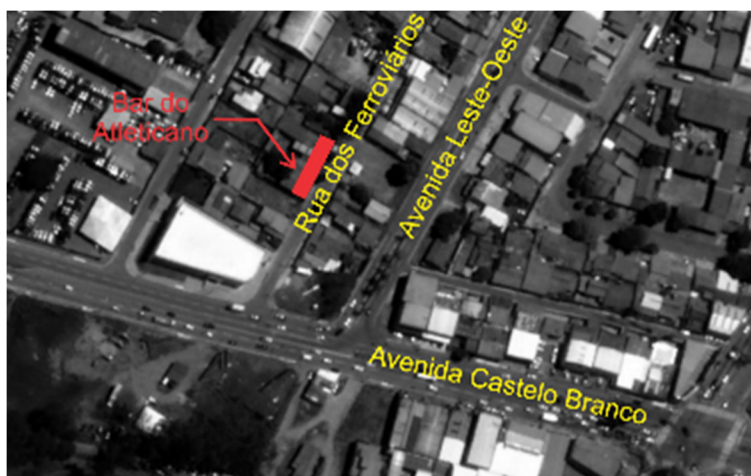


Figura 67: Localização do Bar do Atleticano.
Fonte: Google Earth editado pela autora, 2018.



Figura 68: Fachada do Bar do Atleticano.
Fonte: Arquivo da autora, 2018.

Perambulando por essa rua onde se encontra a antiga sede do bar, existe uma série de residências com placas de “aluga-se” ou “vende-se”. É uma região cheia de

galpões comerciais ou de serviços, criando um ar de insegurança, principalmente após o horário comercial. A Rua dos Ferroviários é cercada ainda por três avenidas de intenso fluxo de veículos: Castelo Branco, Anhanguera, e Leste-Oeste, deixando parte da rua residencial quase “ilhada”. A caminhada foi rápida, uma vez que após às 18 horas os moradores ou não se encontram em casa ou possuem uma espécie de “toque de recolher”, justificado pela falta de movimentação ali.

O bar está localizado no recuo frontal de uma residência. Dado momento, um juvenzinho apareceu no portão, mas não quis responder a nenhum questionamento e disse que estava sem ninguém que pudesse contribuir. Falou apenas que o bar não funcionava mais. Talvez tenha se assustado com uma abordagem repentina. Os dias subsequentes a casa esteve fechada e aparentemente sem morador.

Outra manifestação atleticana foi em uma loja de veículos na Vila Canaã. Bastante inusitado o encontro, uma vez que está em uma área destinada a produtos e serviços para veículos. O chamado “robauto” (nome pejorativo dado a essa região da Vila Canaã, por acharem que é um local de venda ilícita de produtos para veículos), em meio a várias lojas, possui duas em específico caracterizadas com elementos futebolísticos, uma com o símbolo do Goiás e a outra com o do Atlético (Figura 69), ambas lado a lado.

Essa é uma área marginalizada da cidade, com a presença de um público quase que exclusivamente masculino. Talvez por isso, o proprietário não tenha sido muito acessível a entrevista, entretanto, foi observado a distância, o movimento da clientela. Dificilmente aparecem consumidores que se manifestem torcedores, a não ser pela conversa que desenvolvem entre eles na loja, demonstrando alguma intimidade e alguma piada que envolva o tema futebol. Poucos clientes chegam vestidos com a camiseta ou portando adesivos em seus carros, e isso pode estar vinculado ao estereótipo de usuários daquela região, quanto a violência.



Figura 69: Lojas na Vila Canaã fazem referência ao Atlético e ao Goiás.
Fonte: Arquivo da autora, 2018.

3.2.3. Casas, ruas e personagens atleticanos

3.2.3.1. Adão e Dinorá

Em Campinas, as referências e as manifestações atleticanos são mais evidentes do que as localizadas fora do bairro. Alguns estabelecimentos comerciais, residências, e mesmo caminhando pelas ruas, é possível encontrar motivos do Atlético, camisetas, pessoas manifestando sua paixão vestidos com a camiseta ou com adesivos em seus veículos, bandeiras ou mesmo a utilização das cores preto e vermelho em fachadas e demais elementos das edificações. Nessa etnografia, foi possível encontrar alguns personagens interessantes dessa história de amor pelo Atlético e que cabe referência aqui.

Aquele dia, a rua escolhida para a caminhada foi a José Hermano. Já um pouco sem esperanças de encontrar manifestações atleticanas que fossem relevantes para a discussão, uma vez que tinham sido vários dias percorrendo o bairro, mas com poucas pessoas interessadas em colaborar ou mesmo com algum tempo ou disposição para conversar, a caminhada estava sem muito rigor. O sol da tarde aumentando a sensação de desilusão e cansaço, intensificava a vontade de largar o trabalho de campo e pensar em outras formas de tratar o assunto. Mas então, como descobrir territorialidades escondidas no meio de Campinas sem que se fosse atrás delas?

Nesse impasse sobre como agir, decidiu-se por não agir e isso proporcionou talvez o que seria a felicidade para um *flâneur*. Vagando pelo bairro a esmo, lá no fundo de um comércio bem velho e sem graça, de repente, algo que poderia ser importante para a discussão: uma bandeira do Atlético. A referência era tão pequena, pregada em um pilar em meio a tantas outras coisas, que foi necessário entrar no estabelecimento e percorrê-lo com os olhos, no intuito de encontrar algo mais valioso.

Nesse instante, notando alguém avaliando o seu comércio com curiosidade, uma senhora sentada no caixa daquele mercadinho, se manteve em vigília com os olhos bem espertos na pessoa estranha. O diálogo foi simples:

Entrevistadora: quem é torcedor do Atlético aqui?

Entrevistada: Ah, é o meu marido Adão. Mas não se encontra aqui no momento.

Entrevistadora: E como é o nome da senhora?

Entrevistada: Dinorá.

Entrevistadora: Ah, oi dona Dinorá. Meu nome é Cristina. Eu estudo sobre o Atlético, gostaria muito de conversar com o seu marido.

Entrevistada: Ah, ele vai adorar conversar. Volta daqui um pouco. Agorinha ele chega (DINORÁ LEITE, 2018).

Esperando por Adão, foi possível ver algumas outras alusões ao Atlético, como no fundo da sala um quadro se referindo a conquista do clube em 2014 (Figura 72). Quando ele chegou, era um senhor pequeno e magrinho, cabelos pintados, calça muito bem passada e vincada, com uma camisa social clara de manga longa e o sapato impecavelmente preto brilhoso. Além da postura elegante, foi muito simpático e conversador, oferecendo suas memórias com muita gentileza.

O seu nome é Adão Batista Leite, dono de um estabelecimento singelo nos meandros do bairro de Campinas chamado *Armazém Popular*. A fachada (Figura 71) do comércio é a de um mercadinho de bairro, sem grandes elementos arquitetônicos, nem luxo, escondendo a riqueza de detalhes históricos e de memórias afetivas através de relatos orais ilustrados por fotos em seu interior. Aos seus 77 anos, ele e a esposa viveram algumas aventuras seguindo o dragão campineiro.

Adão e Dinorá são de Anicuns-GO e vieram para Goiânia assim que se casaram, no ano de 1970. Ele não se interessava por futebol e nem gostava dos times brasileiros, mas em 1974, teve a oportunidade de ir a um jogo do Atlético contra o Vila Nova. O Atlético saiu vitorioso e a partir desse dia, segundo ele, nunca mais deixou de assistir a um jogo se quer. Apaixonou-se pelas cores, pelos jogadores, pela raça do time. Na época, ele e a esposa haviam alugado uma casa em Campinas, no lote em frente ao local que moram atualmente (ver Figura 70).



Figura 70: Localização do Armazém Popular
 Fonte: Google Earth editado pela autora, 2018.

São 48 anos de inúmeras recordações saudosas do tempo em que eram jovens. Seu Adão contou emocionado sobre os momentos em que ele e Dinorá entravam em sua caravana novinha, com bancos de couro macios, saindo de Goiânia cedo, para ir para o interior atrás dos jogos do Campeonato Goiano. Foram em quase todos, parando em restaurantes e postos da estrada para comer. Onde havia times eles iam, só não chegaram a conhecer Jataí, Mineiros e Rio Verde. “A juventude permitia que fossemos sem nem pensar em nada. Era bom demais” (Adão Batista Leite, maio, 2018).

Seu Adão ainda hoje vai aos jogos do dragão, só não com a mesma frequência de antes. Mas enquanto o Antônio Accioly funcionou, ele foi aos treinos, amistosos e demais atividades que aconteciam nas imediações do Estádio. Para ele, não existe sentimento melhor do que assistir ao jogo do Atlético em Campinas, no entanto, por estar idoso, ele acha desconfortável a falta de estrutura do campo, por falta de estacionamento e por ter poucas áreas de arquibancadas cobertas. Ainda assim, está ansioso esperando que a reforma traga boas notícias.

A família é grande, tendo quatro filhos e alguns netos. Todos são atleticanos por influência dele, mas quase não gostam de ir aos jogos. Os netos mais velhos, adolescentes, antigamente adoravam acompanhar o avô, entretanto já não acompanham mais. Já as netinhas caçulas, apesar da pouca idade, esperam ansiosamente a vez de irem. A esposa, Dinorá, tem algumas limitações para ficar em

pé por muito tempo, então deixou de frequentar os estádios. Por isso, ele também prefere ver os jogos em casa, ou na casa do compadre. Acha perigoso ir ao jogo sozinho, por serem longe de casa e a noite, em sua maioria.



Figura 71: Fachada do armazém popular por volta de 1980 e foto atual de 2018.
Fonte: Arquivo da autora, 2018.



Figura 72: Fotos internas Armazém Popular.
Fonte: Arquivo da autora, 2018.

Uma observação em relação aos detalhes contidos na parte interna do mercadinho (Figura 72) são as fotos clássicas encontradas em quase todos os estabelecimentos atleticanos, os quadros de campeonatos conquistados pelo time. Adão colocou o Campeonato Goiano de 2014, onde o Atlético teve uma campanha muito firme. Pregado ao quadro, um dragão miniatura, referência ao mascote. E no

pilar da edificação, mais detalhes, como o adesivo da rádio 730 com o escudo. Mais abaixo, outro adesivo com o escudo.

Embora Adão não seja campineiro de nascença, conseguiu vivenciar a essência do bairro e da ligação com o clube mais que muitos campineiros. Assim, ele é considerado na taxonomia como um torcedor tradicional e seus filhos, herdeiros.

3.2.3.2. Charlandro Brito

Embora essa história esteja sendo contada no capítulo de etnografia, ela não foi propriamente uma. No entanto, a observação do objeto de estudo pode ser feita por todos os meios que o envolvam e com esse torcedor em especial, aconteceu assim. Através das redes sociais do Atlético, onde os torcedores se manifestam positivamente ou negativamente, Charlandro foi mencionado por outros torcedores sendo agradecido pela amizade, pela torcida sempre forte e pela “festa de natal” que haviam realizado entre os antigos líderes da torcida organizada. Como sua rede social estava marcada na publicação foi fácil encontrá-lo.

Ele foi atencioso, embora receoso de ser alvo de um estudo o qual ele se julgava incompetente para abordar, afinal, sobre a relação entre Campinas e Atlético, ele sabia por mérito seu, mas não por vivência como vários outros campineiros. Tratou em indicar outras pessoas “melhores” para serem entrevistadas, julgando que seria mais relevante para a dissertação.

Porém, a insistência o fez ceder ao objetivo da pesquisa em estudar todos os tipos de torcedores atleticanos, considerando aqueles que não eram campineiros como essenciais para se entender os campineiros e suas manifestações de paixão. E a história contada por esse indivíduo, faz com que os olhos fiquem marejados pela simplicidade e beleza de um sentimento e uma identidade construída através do futebol.

Ele é Charlandro Brito, um inveterado torcedor atleticano. E mesmo sendo maranhense, tendo conhecido o Atlético após 2006, quando chegou em Goiânia vindo de Santa Inês, se identificou com a história que ele nem sabia que existia, por isso para a taxonomia ele entremeia o quadrante de torcedor tradicional e torcedor apaixonado. Conheceu o Atlético em sua má fase e desenvolveu um sentimento de pertencimento pela luta que o time travou para permanecer existindo no cenário goiano.

O que mais me motivou a torcer pro Atlético, do início, foi essa história do clube de superação né?! Que tava praticamente acabado e veio ressurgindo. E se organizou novamente. E pra você entender um pouco, eu preciso contar um pouquinho da minha vida aqui pra ti (CHARLANDRO BRITO, 2018).

Diante das dificuldades vividas no Maranhão, aos 27 anos de idade Charlandro decidiu mudar-se para Goiânia, no ano de 2003. Chegou aqui cheio de expectativas buscando uma vida melhor, mas passou por grandes problemas de adaptação que o fizeram querer desistir várias vezes. “Todo recomeço não é fácil. E não tinha nada que me deixasse motivado a ficar aqui. Eu queria voltar. Queria largar tudo e voltar de novo lá pra minha terra” (Charlandro Brito, abril, 2018). Foi nesse momento que ele conheceu a história do Atlético, de superação, luta, de força de vontade, contra tudo, contra todos, não baixando a cabeça pra nada. Em 2006 foi a todos os jogos do campeonato goiano, o qual o Atlético perdeu na final para o Goiás. Ainda assim, ele disse ter saído do Estádio Serra Dourada com outras perspectivas para a sua vida. Motivado a ser diferente, a tentar mais:

E resolvi ficar, e 2007 a gente foi campeão goiano, em 2007 nasceu meu filho aqui. O luri, atleticano mais do que eu. Então, essa história do Atlético de ressurgimento, de força de vontade, de querer se organizar, de querer chegar alto, chegar lá em cima, chegar no topo, eu trouxe pra minha vida pessoal. E eu fui ficando, fui ficando, fui lutando, fui tropeçando, levantando, e hoje graças a deus, eu tenho uma vida bem mais organizada, tenho uma boa profissão, tenho residência própria, tenho uma vida mais ou menos tranquila (CHARLANDRO BRITO, 2018).

Em 2014 nasceu o segundo filho, no mesmo ano em que o Atlético novamente foi campeão goiano. É notório em suas falas o misticismo quanto aos filhos terem nascido exatamente nos mesmos anos em que o time sagrou-se campeão. Seria como um “sinal divino” de que estava no caminho “certo”. Ele é pai de três crianças, uma delas nasceu no Maranhão e a família toda vive essa paixão com a mesma intensidade. Charlandro não é campineiro, mas escolheu viver em Campinas e tem uma afinidade com o bairro que é interessante. Segundo ele, não houve oportunidade de ver um jogo oficial do Atlético no Estádio Antônio Accioly, no entanto, ele entende que existe grande diferença. Acompanhou treinos e amistosos, mas através de seus amigos, ele captou a essência identitária existente entre clube e bairro:

Eu te falo porque eu senti isso no olhar dos meus amigos, que nasceram aqui, que foram criados aqui, que cresceram vendo os jogos no Antônio Accioly. E eu vi isso nos olhos dele. Porque esses mesmos amigos que eu to te falando, são os mesmos amigos que tão comigo sempre nos jogos no Olímpico, no Serra, ou em Anápolis, ou quando a gente vai pra qualquer outros estádio que a gente acompanha o clube. Então lá não, lá eu vi a emoção e mesmo sendo jogo treino, eu vi que eles tiveram essa sensação positiva. E eu imagino que pra quem viveu né, tudo aqui né, no começo, desde infância, indo pros jogos no Antônio Accioly. Porque a Campininha ali ela já tem um

cheiro próprio né. Ela já tem o jeito dela próprio. Então o Atlético ele tá entrançado ali, no meio ali da daquela Campininha ali que eu acredito que os jogos lá é muito diferente dos jogos nos outros estádios. Eu percebi isso no olhar desses meus amigos que já são daqui né (CHARLANDRO BRITO, 2018).

Charlandro vai a todos os jogos do time. No estadual, quando são em cidades próximas ele acompanha também. Agora no campeonato brasileiro que acontecem muitos jogos em outros Estados, ele reúne os amigos em casa e assistem juntos. Para isso, organizou um cantinho especial para o Atlético, chamado *Cantinho da Resenha* (Figuras 73, 74, 75, 76 e 77).

[...] quando o jogo é mais distante, a gente reúne, a gente reúne aqui em casa. Aqui em casa eu fiz um cantinho aqui bem atleticano né. Tem tudo aqui do Atlético, as cores, é tem o escudo pintado gigantesco na parte interna aqui da minha casa e eu fiz uma área de churrasco só pra isso né. E os meus amigos que moram na região de Campinas, que estão aí pra esses lados da região de Campinas, vem tudo aqui pra casa, que a gente reúne aqui, tal, faz churrasco e vê o jogo aqui de casa (CHARLANDRO BRITO, 2018).



Figura 73: Cantinho da Resenha na casa de Charlandro.
Fonte: BRITO, 2018.

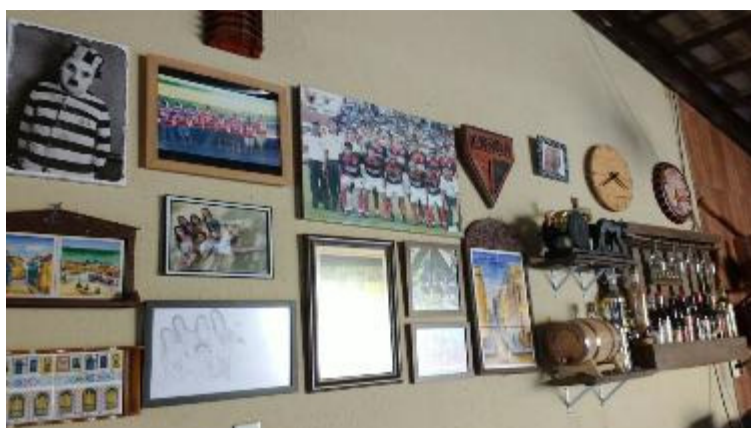


Figura 74: Quadros no Cantinho da Resenha de Charlandro.
Fonte: BRITO, 2018.



Figura 75: Escudo pintado no muro da casa.
Fonte: BRITO, 2018.



Figura 76: Grade pintada nas cores vermelho e preto.
Fonte: BRITO, 2018.



Figura 77: Mascote e ônibus do time.
Fonte: BRITO, 2018.

Cada espaço da casa foi pensado com detalhes do Atlético. Os quadros na parede, a grade, o símbolo pintado no muro, as cadeiras. Mas em meio a todas essas referências, Charlandro não esqueceu sua origem (Figura 78) demarcando o nordeste como importante também.



Figura 78: Detalhes do nordeste na casa de Charlandro.
Fonte: BRITO, 2018.

Ainda assim, é um tradicional atleticano, também apaixonado e poderia caminhar para o quadrante do herdeiro. Conseguiu construir vínculo com o clube e bairro, a ponto de aninhar à sua identidade nordestina uma identidade nova de tradicional campineiro, captando as memórias afetivas dos amigos e entendo como esse aspecto é fundamental para a estrutura do Atlético, como uma associação maior do que simplesmente jogadores e comissão técnica. Ele considera que o Atlético lhe trouxe uma família.

Acompanhando sua torcida em um jogo no Estádio Olímpico, ficou compreensível o carinho que ele tem pelo time. Estava reunido no lado da torcida organizada, embora não estivesse propriamente com eles. Em pé no corredor de circulação da arquibancada, onde geralmente muitos torcedores costumam assistir aos jogos, para permanecerem mais próximos do campo. Era um jogo de torcida única¹³ contra o time do Goiás pelo Campeonato Brasileiro. O Atlético vindo com uma campanha boa nos jogos anteriores e o Goiás, por sua vez, se encontrava na zona de rebaixamento¹⁴. Isso fez com que todos os torcedores acreditassem em uma vitória tranquila do Dragão. No entanto, o Goiás terminou ganhando por 3 a 1.

Como geralmente acontecem nos jogos em estádios, quando a vitória do adversário é quase certa, ou seja, seu time não conseguirá esboçar reação, os

¹³ Hoje, devido à violência nos estádios, os jogos considerados clássicos dos Estados, como Goiás e Atlético, Goiás e Vila e Vila e Atlético, acontecem com uma torcida única, um jogo com uma e o outro com a outra. Como os campeonatos sempre possuem dois jogos, um de ida e outra de volta, na mesma cidade é possível que se faça essa divisão.

¹⁴ Zona de rebaixamento de um campeonato são as quatro últimas posições. Esses times que permanecem lá ao final do campeonato, são rebaixados para um campeonato inferior.

torcedores efêmeros começam a circular pelas arquibancadas, em protesto, indo embora antes do fim da partida. Charlandro embora estivesse entristecido pela partida ruim, demonstrava todo seu apoio ao clube, mostrando tranquilidade para os próximos jogos, como um bom apaixonado. Sabia das dificuldades do time, não inventou justificativas para aquela derrota, como um torcedor tradicional faria, apenas se compadeceu com ela, mas aproveitou cada segundo de jogo com sua família e amigos, valorizando outros sentidos que se desenvolvem durante a partida de futebol.

No dia do jogo contra o CRB no Beto's Bar, ele e a esposa também eram parte dos espectadores do jogo. E parecia estar em casa. Sentava em uma mesa e conversava com alguns, depois ia para outra e cumprimentava, ria e fazia as vezes de um anfitrião. Mesmo sem acompanhar a recepção de amigos na sua casa em dia de jogo, o sentido de proteção e plenitude que geralmente se encontra em casa, parecia fazer parte dele tanto no estádio, quanto no bar. Ainda que não fosse a casa do Dragão, o Olímpico tem uma aproximação de memória afetiva por todos os jogos que o Atlético e Goiânia já vivenciaram ali.

3.3 O estádio em dia de jogo

Há certo tempo o Estádio Antônio Accioly não sedia jogos oficiais. Alguns amistosos aconteceram desde 2005 quando o time ressurgiu na primeira divisão do Campeonato Goiano. E a manifestação popular no Accioly é diferenciada. A torcida tem prazer em comparecer em massa ao campo e o bairro parece parar para prestar atenção nesse evento.

O clima em dias de jogo era semelhante ao da Figura 79, em que ambulantes e torcedores chegavam duas horas antes da partida, e ficavam na porta do Estádio. Muitos encontros e reencontros. Grande parte deles ia a pé ou de bicicleta, da mesma maneira que era feito há tempos.

Dentro do Estádio, a torcida organizada se mantinha do lado oposto a entrada, ao lado da tribuna de honra, a única parte coberta da arquibancada. Como em todo jogo, muitos ambulantes vendendo. O bar, localizado atrás do gol e em frente à entrada, era o local preferido de muitos torcedores. Por ser um Estádio pequeno todos ficavam bem próximos do gramado.



Figura 79: Porta do Estádio Antônio Accioly em 2016.
Fonte: Autor desconhecido, 2018.

E essa facilidade de acesso ao campo era um problema para a arbitragem que ouvia xingamento dispensados a eles. Uma grande quantidade de torcedores fanáticos preferiam permanecer ao redor do gramado, circulando o campo inteiro. O relato de um torcedor, ele contou achando muito engraçado, que o seu filho era o terror dos jogos. Passava o jogo inteiro atrás do bandeirinha da partida, xingando e gritando. Assim como era mais fácil incentivar os jogadores estando tão próximos, também era a maneira mais fácil de cobrá-los excelentes desempenhos.

O aspecto de um jogo do Dragão campineiro na Campininha lembrava um jogo de futebol de várzea, como acontecia antes do Estádio receber o fechamento em alvenaria. Observando a Figura 80 pode-se perceber a presença de vários torcedores encostados na grade entre o campo e a arquibancada. É um dos aspectos que os torcedores mais reclamam não existir tanto no Estádio Olímpico e principalmente no Estádio Serra Dourada.



Figura 80: Tribuna de honra e arquibancada descoberta no Estádio Antônio Accioly em 2008.
Fonte: Autor desconhecido, 2018.

Um aspecto interessante dessa territorialidade do Estádio Antônio Accioly é que embora poucos torcedores tenham conhecido o estádio como campo de terra antes de seu fechamento, até mesmo porque a maior parte destes que viram esse período estão hoje com mais de 70 anos de idade, o torcedor sente falta da proximidade com o gramado. Eles se assemelham aos pais que assistem seus filhos jogando pela primeira vez, e que querem ficar no melhor lugar para vê-los.

Caminhar ao redor do campo não soa como falta de vontade de assistir ao jogo, muito pelo contrário, denota uma necessidade do torcedor em praticamente estar dentro do gramado, jogando junto, chutando para o gol, gritando e reclamando como um técnico, “abraçando” e empurrando seus companheiros de time. O jogo dentro do campo fica quente pelo calor que a torcida emana. Ninguém quer sentar, embora as confederações de futebol entendam que faz-se necessário ter lugares para atender a essa demanda.

Esse é o perfil da torcida do Atlético, o da proximidade, da informalidade. Pedro Pacheco (2017) falou sobre essa característica peculiar:

Nos primeiros jogos do Atlético não tinha estádio, era uma cerca que ficava em volta do campo. A galera chegava a pé, de bicicleta, chegava lá com charanga e começou a surgir as bandeiras. O Atlético sempre teve uma torcida com tradição nas bandeiras de mastro, isso morreu. Primeiro, por causa da violência no futebol, proibiram tudo, né? [...] E a torcida do Atlético era conhecida como isso. Tem até uma história que os antigos contam, não sei se é verdade, mas dizem que a torcida do Atlético era conhecida como a

torcida do bambu. Porque tinha muita bandeira de mastro e a galera daqui de Goiânia ia para Campinas, ia brigar lá e apanhavam muito de bambu (Risos). Aí a torcida do Atlético era conhecida como a torcida do bambu, os caras tiravam as bandeiras e iam brigar com pedaços de bambu. Agora imagina isso em 1960, que louco seria! Imagino meu avô dando paulada num cara na rua.

O sentimento dessa territorialidade é tão forte que quando marcam treinos no Accioly, alguns torcedores fazem questão de ir para sentir aquele calor do estádio. Geralmente, parte das vendas de ingressos para os jogos também é liberada para ser vendida na bilheteria deles, e muitos torcedores aproveitam para viver um minuto de Antônio Accioly indo até lá para comprar. E muita gente até sai de bairros distantes para isso. O sentimento de pertencer ao espaço ele não deixa de existir ainda que a pessoa não esteja mais no lugar. Tanto é que vários ex-campineiros continuam usando das imediações de Campinas para todas as suas atividades, ainda que tenham opções mais fáceis ou mais perto de suas casas.

Como o Accioly se encontra em reforma, os portões permanecem fechados grande parte do dia e quase sempre vigiados. Em ocasiões que há a abertura parcial deles por algum motivo qualquer, vários curiosos ficam à espreita para conseguir visualizar ao menos um pedaço do seu patrimônio.

Pacheco (2017) contando sobre o título conquistado pelo Atlético em 2016 demonstra a importância do estádio para ele ainda que sem o devido funcionamento:

[...] Pra você ver tanto que a paixão do atleticano por aquele lugar é incrível. E a gente teve um fenômeno como o ano passado que a gente conquistou o título mais importante da história do clube que foi o campeonato brasileiro, série B. A gente foi comemorar em Campinas, não tinha uma alma viva no Accioly. Não abriram as portas do Accioly pra gente. A gente comemorou na rua. Tinha muito atleticano. Devia ter lá uns 500 atleticanos na porta do Accioly, comemorando no escuro, porque o Accioly estava fechado. E é muito doído pro torcedor atleticano de verdade, saber que não foi, não houve nem sei lá, como eu posso dizer, um *meeting* (reunião) com os jogadores no CT.

O torcedor diz ser um curioso quanto as histórias dos times pequenos. Um dia, descobriu uma música de um clube paulista que referenciava o bairro do qual eles faziam parte e disso surgiu uma canção. Percebendo a relevância desse resgate da memória de Campinas para o time, Pedro propôs algo semelhante para o Atlético e daí surgiu um dos gritos que o torcedor mais se emociona ao ser cantado nos jogos:

[...] eu conheci essa música porque eu gosto muito de pesquisar história de time pequeno, eu estava lendo a história do Juventus da Mooca, um time lá de São Paulo, aí eles têm uma música “Somos do bairro da Mooca, bairro de luta e tradição”, aí eu peguei isso e um dia conversando com o Fausto, que é da bateria. Falei assim “Faustinho, a gente precisa dar alguma coisa pro Atlético, falar de Campinas, a gente precisa falar de Campinas” aí ele falou “Ah, cara não sei porque nossas músicas são muito genéricas, tipo ah sai da

frente, sai que o dragão é chapa quente”. Então eu falei que precisávamos de alguma coisa que falasse de Campinas. Aí conversando com ele, falei que vi essa música e só troquei Mooca por Campinas, adaptei uma coisinha ou outra e virou isso. O engraçado que a letra é: “somos do bairro de Campinas, bairro de luta e tradição, te juro que em todos os momentos sempre contigo vou estar. Aí vai “dá-le, da-le, da-le eô, dá-le Atlé-ti-co”. Só que a galera adaptou, a galera não canta luta e tradição, os caras falam bairro de muita tradição. E que ficou legal também.

O dia que essa música for cantada dentro do Estádio Antônio Accioly em um campeonato válido, não haverá torcedor que deixará escapar. A graça do jogo em casa é que toda a torcida se sente livre para expressar emoções sem qualquer pudor. Até mesmo aquela senhora idosa que costuma estar inexpressiva, no Accioly ela passa a fazer parte do coro de incentivo.

3.4. Para além do futebol: o bairro e suas outras territorialidades

3.4.1. A territorialidade religiosa

Sobre as tradições campineiras que ainda perduram, tem-se principalmente as de cunho religioso. A Igreja Matriz de Campinas, por exemplo, permaneceu com suas atividades religiosas, de atendimento comunitário e de evangelização. As novenas que ainda acontecem às terças, tornaram-se tão visíveis a ponto de serem responsáveis pelo honroso título de Basílica Menor¹⁵ recebido por ela. A festa junina do Colégio Santa Clara, que ganhou dimensão suficiente, a ponto de fechar a rua José Hermano, principal meio de ligação entre o bairro e a região norte da cidade. Até mesmo o cartório Antônio do Prado e seus inúmeros casamentos nos finais de semana, onde não é incomum ver os noivos andando em suas becas e fotografando nos arredores da região.

Embora seja um templo religioso com uma arquitetura não tão deslumbrante quanto outros pelo Brasil, há uma importância simbólica curiosa, já que em dias de novenas, às terças-feiras, chega a receber um número de mais de vinte mil fiéis nos 15 horários de missas seguidos, entre às 6:00 horas e 21:00 horas. Seria uma média

¹⁵ Basílica menor é um título honorífico concedido pelo Papa a igrejas em diversos países do mundo consideradas importantes por alguns motivos, dentre os quais temos: a veneração que lhe devotam os cristãos, transcendência histórica e beleza artística de sua arquitetura e decoração. A igreja Matriz hoje é nomeada como: Santuário Basílica Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Portal Matriz de Campinas, acessado em 05-08-2017).

A fé por si só seria motivo suficiente para movimentar todas essas pessoas, entretanto, existem atrativos que incentivam os fiéis a irem às missas em Campinas. Alguns disseram que aproveitam os dias de novena para fazer compras nos comércios campineiros, outros gostam da feirinha que acontece na praça do Ginásio de Campinas no horário da novena. Alguns dizem que os padres da Igreja Matriz são os melhores, e por isso não importam em andar tanto, outros ainda falam que as ofertas de horários de missa o dia todo facilitam bastante, incluindo o horário de almoço que permite que muitos saiam dos seus trabalhos para ir. As pessoas mais idosas que fizeram parte da enquete, além de terem apego com os padres, gostam da tradição que existe das novenas da Matriz. Inclusive, algumas delas são trabalhadoras do templo religioso e sentem-se parte de todo aquele trabalho. A maior parte diz frequentar desde muitos anos atrás e que enquanto conseguirem, continuarão participando daquela comunidade.

Por fim, um último ponto relevante desse movimento católico em Campinas é o efeito dominó gerado pelo trabalho religioso no bairro. A igreja oferece atendimento, alimentação, higienização e até mesmo ajuda com relação a dormitórios para as pessoas em situação de rua da região. Existem cursos profissionalizantes para pessoas carentes, entre outros trabalhos comunitários. Além disso, o comércio do entorno da igreja, a feira do Ginásio, a insegurança noturna, todos esses pontos acabam sendo afetados positivamente pelos trabalhos realizados na Igreja.

O trabalho iniciado pelos redentoristas em prol da Romaria de Trindade, posteriormente estendido para a Igreja Matriz de Campinas, segue catequizando muitas pessoas, mas ainda assim, continua estendendo uma tradição e uma forma de viver do bairro de Campinas a que muitos não teriam acesso ou interesse em conhecer senão por algo tão específico que os levam ao bairro.

Por ter sido uma cidade conformada ao redor de uma capela, e pela própria história de muitas cidades no interior de Goiás, a expressividade religiosa em Goiânia é grande. Além disso, o desenvolvimento do Arraial de Campinas foi subjugado pela presença dos religiosos na região. E nesse aspecto, principalmente a igreja Matriz de Campinas possui uma capacidade de agregar fiéis, levando ao bairro um mercado religioso forte e promissor. Hoje, outras várias sedes religiosas foram criadas, e outra que desempenha um papel importante é a Assembleia de Deus de Campinas.

Os aspectos fundamentalmente comerciais de Campinas, levam ao bairro um grande movimento diurno, deixando-o em estado de insegurança no período noturno. As noites campineiras são vazias e silenciosas. A iluminação muito fraca também não colabora com as boas condições. O comércio acaba desempenhando um papel vital na estruturação social de Campinas.

Contudo, com as atividades religiosas ofertadas primordialmente por essas duas igrejas, o bairro conseguiu ganhar uma circulação de veículos e pessoas em horários diferentes, elevando as condições de permanência e qualidade de vida na região. Tanto a Matriz de Campinas, quanto a Assembleia de Deus de Campinas, ofertam atividades todos os dias da semana, sendo os principais dias às terças-feiras e aos domingos.

Localizada na Rua Senador Jaime com a Avenida Castelo Branco, a Assembleia de Deus consegue criar um movimento noturno em uma parte do bairro onde as quadras possuem somente comércio. Seu maior movimento ocorre no domingo, onde a rua fica tão cheia de veículos que são quase três quarteirões deles para todos os lados, nas ruas e calçadas.



Figura 82: Imagem de atividade na Assembleia de Deus de Campinas em dia de semana.
Fonte: Google Earth, 2018.



Figura 83: Movimentação em dia de novena na Igreja Matriz de Campinas.
Fonte: Arquivo da autora, 2018.



Figura 84: Feira de terça-feira na Praça do Ginásio de Campinas.
Fonte: Arquivo da autora, 2018.

Nos estabelecimentos comerciais de Campinas e mesmo nas residências, existem muitas referências religiosas, como imagens, quadros, frases, entre outras demonstrações da manifestação dessa crença. E as festas tradicionais realizadas no Salão Paroquial da Igreja, as quermesses, também são eventos que modificam os aspectos do bairro, no sentido de levar muitos usuários para a região, principalmente idosos que gostam das festas. Além disso, a anual festa junina do Colégio Santa Clara, realizada pelas irmãs franciscanas, há alguns anos tem conseguido fechar a Rua José Hermano, uma das vias de saída de Campinas e realizar um evento com alcance maior.

Como dito em entrevista por Horieste Gomes (2018) desde muito antes, Campinas tinha poucas atividades de lazer para a população e as festas religiosas se

transformaram em uma dessas referências de atividades sociais aos moradores. Hoje ela se mantém com maior alcance.

3.4.2. A territorialidade comercial

As cidades goianas, de modo geral, foram colonizadas com duzentos anos de diferença das regiões litorâneas do país, principalmente pela dificuldade de acesso. Desenvolviam-se estruturadas pelo comércio e a religião. E o bairro de Campinas foi um desses núcleos urbanos. O pequeno comércio em suas imediações vendia de tudo, atendendo aos viajantes a caminho de Vila Boa de Goiás (CAMPOS, 1985).

Campinas ao longo dos anos foi direcionando sua vocação comercial que não só permaneceu, como se moldou até a sua atual estruturação, agregando comércios formais e informais organizados de forma setorizada ao longo do bairro. Sua capacidade de ofertar produtos variados, construiu o reconhecimento que o bairro tem como pólo comercial, principalmente para Goiânia e região metropolitana.

A Figura 85 é uma foto tirada por Eduardo Bilemjian por volta da década de 1930, na Avenida 24 de Outubro, primeira avenida comercial da cidade-bairro. Através da imagem é possível perceber as casas de comércios que já faziam parte da conformação da principal via do bairro, ainda em chão batido. O posteamento central denotava que a iluminação noturna possibilitava a permanência desse comércio durante a noite também. Muitas edificações que possuíam uso originalmente residencial, cederam seus espaços aos novos comércios que surgiram, sobretudo após a fundação de Goiânia em 1933.

Segundo Daniele Godinho (2018) a Avenida 24 de outubro passou por diversas transformações ao longo dos anos, principalmente em decorrência dos seus comércios. Surgiu no entorno da Praça Coronel Joaquim Lúcio se desenvolvendo no sentido de Goiânia. Os estímulos emitidos pela relação com a capital foram responsáveis por essa mudança, dada a quantidade de transeuntes que percorriam (e ainda percorrem) a região. Por isso também, as lojas passaram a oferecer grande variedade de produtos.



Figura 85: Avenida 24 de Outubro em meados da década de 1930.
Fonte: BILEMJIAN, 2017.

Grande parte dos usuários de Campinas costuma frequentá-la, principalmente, por seu comércio de rua. Alguns acreditam que o bairro se resume a isso e frequentemente dizem: “Campinas não tem vida noturna”, “Campinas é um bairro somente comercial” e várias outras afirmações que taxam o lugar como exclusivamente comercial.

Embora seu zoneamento seja bastante favorável para a construção dessa ideia, muitos desses comércios desenvolvidos ali, possuem uma peculiaridade: são detentores da memória urbana do bairro, fazendo parte da tradição campineira e do seu modo de vida urbano (GODINHO, 2018). Dessa forma, criam uma relação comercial diferenciada com seus consumidores e é a essa territorialidade que se faz referência aqui.

O fenômeno da memória tem uma função difícil e delicada de garantir em toda sociedade, o domínio, a preservação, a transmissão e a continuidade do significado de todas as coisas. Na mitologia grega, esse tema era tratado de forma metafórica através da Figura de *Mnemósine*, a deusa da memória, mãe de todas as musas, e por isso, de toda a criação, responsável pela proteção da memória “sagrada”, cuidando para que essa não descesse ao esquecimento, Figurado por um rio, o *Lethe* ou *Lesmosyne* - a deusa do esquecimento (DUARTE, 2009).

Essa alegoria grega apresentava uma preocupação recorrente dos homens: o ser imortal. Para os gregos *Mnemósine* era considerada uma deusa muito poderosa, pois tinha a capacidade de levá-los de volta ao passado. Através do registro de seus feitos podia conceder a imortalidade para alguns mortais, por meio de historiadores e

artistas, fazendo com que nunca fossem esquecidos mesmo depois da sua morte (DUARTE, 2009).

O sebo da Dona Rose chamado *Feira Cultural de Campinas* é um desses feitos que tentam alcançar a imortalidade de alguém. Um estabelecimento comercial que poderia ser considerado um “oásis no deserto”. Conta uma trajetória de vida, de luta e que apresenta aos seus consumidores um outro tipo de comércio campineiro, uma outra forma de viver, um mundo com mais amor e respeito e com tempo para conversas demoradas. Campinas em meio aos seus inúmeros comércios e produtos, produz entremeado em tanta agitação, aspectos culturais de outrora, tradições de outras gerações, histórias não divulgadas e desconhecidas e Dona Rose articula essas memórias através do sebo.

Embora seja de origem mineira, ela mora a mais de 55 anos na cidade de Goiânia, e tem o comércio em Campinas a mais de 40 anos, com as mesmas características, os mesmos móveis e a mesma alegria em atender seus clientes. Entrar em sua loja é vivenciar uma experiência temporal. Primeiro, pelos próprios produtos vendidos, se insere em um outro espaço de tempo. Depois, pelo “banho cultural” na decoração, em frases poéticas, nas decorações feitas por ela e na dedicação com cada produto vendido ali. Mostra afeto e atenção conquistados ao longo da vida. Por último, o fato dela conhecer aquele espaço tão bem, a ponto de saber onde está cada miudeza desejada pelos compradores, mesmo com uma imensidão de coisas amontoadas.



Figura 86: Fachada da loja Feira Cultural de Campinas.
Fonte: ALEOTTI, 2017.



Figura 87: Feira Cultural de Campinas imagem interna.
Fonte: ALEOTTI, 2017.



Figura 88: Delicadezas urbanas da Feira Cultural de Campinas.
Fonte: ALEOTTI, 2017.

Outra territorialidade comercial que merece destaque é o Mercado Municipal de Campinas, construído em 1954 e inaugurado em 1955, durante a administração de Venerando de Freitas Borges, o prefeito de Goiânia na época. Por si só o mercado é um lugar abarcado de memórias, principalmente pelos tipos de mercadorias vendidas, como tabacos, fumos, acessórios domésticos variados, mercearias, entre outros. Em especial, os cheiros que as lojas exalam, são um tilintar de lembranças carregando o espectador para período. Algumas de suas lojas que continuam distribuindo tradições campineiras pelo bairro, devem ser referenciadas com mais clamor, como é o caso da “Sala 19”.



Figura 89: Fachada do Mercado Municipal de Campinas.
Fonte: Autor desconhecido, 2018.

Conhecida por vender utensílios domésticos variados, a Sala 19 começou vendendo panelas de alumínio, peças para fogão e para liquidificador. Com o tempo, conforme acontecia a busca da clientela por determinado produto, eram adquiridos novos artigos para fidelizar o cliente. Isso fez com que a loja chegasse a ter cerca de 1000 tipos de produtos diferentes. A loja possui 56 anos de existência, carregando uma imensidão de memórias, um amontoado de produtos e por trás disso tudo, o Sr. Joaquim, um homem calmo, sereno, de fala mansa e sempre com um sorriso no rosto, declamando poesias (GODINHO, 2018). Vale a pena todo minuto gasto para comprar alguma coisa em sua loja e ouvir por algum tempo aquela sabedoria.



Figura 90: Fachada da Sala de 19.
Fonte: GODINHO, 2006.



Figura 91: Parte interna da Sala 19 em 2017.
Fonte: GODINHO, 2018.



Figura 92: Fachada da loja Feira Campinas na Avenida 24 de Outubro.
Fonte: GODINHO, 2017.

A última referência valerosa é *A Feira Campinas*. Um acervo de memórias afetivas localizado em plena Avenida 24 de Outubro. Uma loja clássica, com produtos que são encontrados somente ali. Possui aspectos singelos e um atendimento diferenciado, se destacando pelo charme. Em tempos onde o comércio passou a estimar a clientela com aparente poder de compra, o Sr. Khalil e sua ajudante Fátima dispensam atenções e conversas, sem distinção de faixa etária ou classe social, mostrando conhecimento sobre os seus produtos. Todos os clientes são atendidos da mesma maneira e com muita dedicação. O proprietário bastante carismático, ainda dispensa sorrisos aos passantes (GODINHO, 2018).

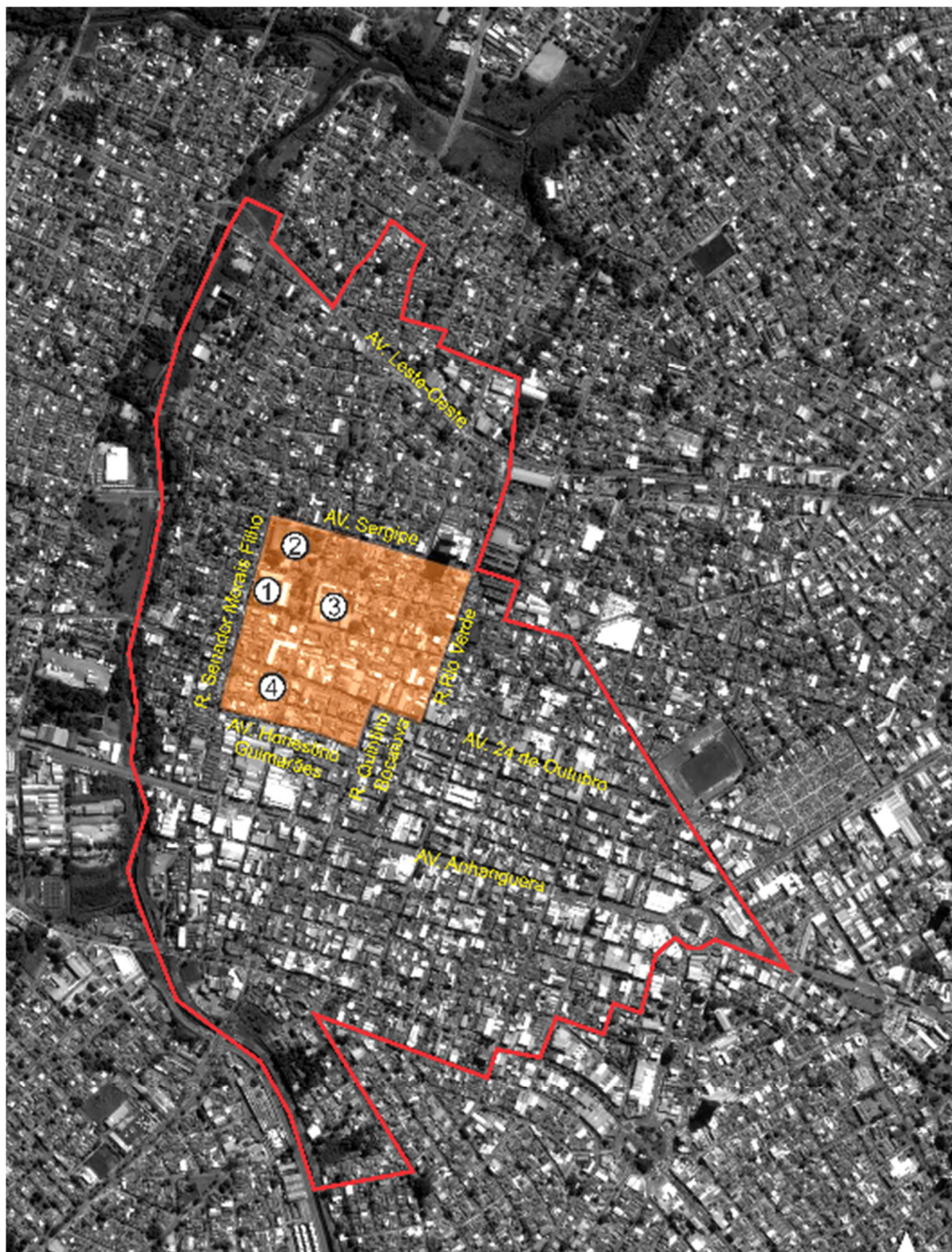
A memória opera por uma ligação com o passado, enriquecendo o presente, selecionando pela lembrança e pelo esquecimento o que se deve lembrar, sendo pleiteada também por fornecer um lugar de pertencimento, uma memória comum. (AMORIM, 2012, p.109).

Maria Aparecida Blaz Vasques Amorim (2012) compreendeu o espaço como um lugar de memória. Como já citado, o lugar de memória tratado aqui não diz respeito necessariamente à interpretação feita por Pierre Nora. O sentido utilizado fala sobre lugares que contribuem com o estado da lembrança, fazendo parte do sentido de pertencimento que a memória consegue promover.

Nesse sentido, a *Feira Cultural de Campinas*, a *Sala 19* e a *Feira Campinas* são lugares que contribuem com o estado da lembrança, e são primordiais para que a territorialidade comercial tradicional de Campinas, feita como trabalho, mas executada com amor, levando muito mais do que o consumidor buscou na compra de um produto, como o compartilhamento de memórias, permaneça consistente diante do comércio simplesmente voltado para a renda.

3.4.3. A territorialidade residencial: o bairro tradicional

Por fim, uma territorialidade muito forte em Campinas, principalmente nas imediações do núcleo original do bairro (Figura 93), são as residências. E um ponto talvez admirável dessa territorialidade é o fato dela ter conseguido se manter nos moldes interioranos em relação ao modo de vida. Nesse ponto do bairro se encontra bancos nas calçadas, vizinhos se reconhecendo, as crianças brincando nas ruas, entre outras atividades peculiares para o restante de Campinas. Perambulando, observa-se residências com alpendre, telhados de duas águas com telhas de barro, esquadrias de madeira, muitas sem recuos frontais, construídas com janelas voltadas para as ruas, nos moldes tradicionais.



LEGENDA




- | | |
|--|---|
|  Núcleo Pioneiro de Campinas |  Limites administrativos de Campinas |
|  Igreja Matriz de Campinas |  Colégio Santa Clara |
|  Centro Cultural Gustavo Ritter |  Praça Coronel Joaquim Lúcio |

Figura 93: Mapa do núcleo original do bairro de Campinas.
Fonte: Google Earth editado pela autora, 2018.



Figura 94: Residência na Rua das Laranjeiras em Campinas.
Fonte: Arquivo da autora, 2018.



Figura 95: Residência na Rua das Laranjeiras em Campinas.
Fonte: Arquivo da autora, 2018.



Figura 96: Residências da Rua Tupi em Campinas.
Fonte: Arquivo da autora, 2018.

Os tipos de comércios dessa parte do bairro também são diferenciados. No aspecto físico, são menores, mais simples, desgastados pelo tempo, de características coloniais assim como as residências. Os produtos vendidos também se mostram tanto em organização distinta dentro dos estabelecimentos, mais amontoados, apresentando todas as variedades de produtos contidos ali. Geralmente possuem muitos produtos rurais, como mel, melados, queijos, compotas de doces, requeijão em barra entre outros.



Figura 97: Mercearia na Rua Tupi em Campinas.
Fonte: Arquivo da autora, 2018.



Figura 98: Casa da Roça na Rua das Laranjeiras em Campinas.
Fonte: Arquivo da autora, 2018.

O atendimento do comerciante é especial. Costumam ser mais receptivos, talvez por serem em sua maioria, mais velhos, apreciam a visita do cliente. A visita é muito mais social do que propriamente comercial. Gostam de contar histórias, e explicar como chegaram em Campinas, ou como fabricam aqueles produtos. As lojas são cheias de cores, embora com uma iluminação escura. Além disso, a luz natural só entra na loja por meio da porta principal. Por fim, existem muitos produtos que ficam pendurados do lado de fora, para que atraíam os olhos atentos de quem busca todo tipo de utilidade para casa.

A delicadeza da região residencial, a sutileza interiorana contida ali, transportam os transeuntes para outro período de tempo. Os cheiros dessas ruas, lembram cheiro de árvores frutíferas e do mato das roças. O olhar e os cumprimentos a quem quer que ande pela rua, remonta ao modo de agir de cidades pequenas em que todos se conhecem ou reconhecem. Possuem o costume de perguntar o sobrenome das

peças para entenderem sua procedência social. O atendimento e os tipos dos comércios, parecem abraçar o morador e as cadernetas de contas mostram a confiança existente nas relações. É um bairro diferenciado da agitação comercial que existe logo ali, ruas acima.

Entre a Avenida Sergipe e a Leste-Oeste (Figura 93) fica a maior concentração dessas residências coloniais. Mas o que permite classificá-las como uma territorialidade e diferenciá-las das demais zonas do bairro?

Lembrando o significado para Claude Raffestin (1993), a territorialidade acontece na busca por caracterizar um espaço e distingui-lo entre seus ocupantes, tornando-o exclusivo. E algo desse porte pode ser transformado em exclusivo pela carga afetiva que ele transporta. Existem múltiplas formas de se interagir com o mesmo espaço, tornando-o um território individual dentro de um grupo ou da comunidade que o vivencia.

A comunidade que vivencia a territorialidade residencial em questão é composta por muitas pessoas antigas por ali. São indivíduos que conhecem cada reentrância do lugar. Chegam ao mercadinho do bairro e cumprimentam o dono com a mesma afinidade que teria com um membro de sua família. Sabem exatamente quais bancas da feira tem os produtos do seu agrado e por certo, são bem conhecidos de todos os feirantes.

Esses moradores possuem um diferencial em relação a outros quaisquer, porque eles são detentores de memórias. Pollak (1992) dizia que a memória era constituída de três elementos principais: os acontecimentos vividos pessoalmente ou “vividos por tabela”; as pessoas e personagens que vivenciavam esses acontecimentos e os lugares onde estes se desenvolviam.

Sendo assim, essa comunidade seria o personagem, seja como indivíduo ou como membro da coletividade. A zona tradicional de Campinas onde ele mora é o lugar que as situações se desenrolam e a vida desse grupo é o acontecimento vivenciado. Ele é a própria memória e o bairro o lugar que colabora com a lembrança.

Segundo Pollak (1992, p.204) a memória seria:

[...] um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Esse modo de viver é a coerência desses moradores para reconstruir o caminho que percorreram, as vivências que tiveram, a identidade que construíram ao longo dos

anos em Campinas, e isso implica diretamente na singularidade das edificações e das ações por eles realizadas.

Imediatamente interligada ao processo identitário estão as memórias exercendo um papel fundamental. O fenômeno da memória tem uma função difícil e delicada de garantir em toda sociedade, o domínio, a preservação, a transmissão e a continuidade do significado de todas as coisas. E um aspecto importante disso é a influência externa como uma fonte que contribui para o trabalho da memória, seja através da memória de outras pessoas, seja por meio dos lugares. “A memória se enriquece com as contribuições de fora que, depois de tomarem raízes e depois de terem encontrado seu lugar, não se distinguem mais de outras lembranças” (HALBWACHS, 2006, p. 98).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho avaliou o Atlético Clube Goianiense como uma parte fundamental da identidade campineira e um elemento essencial como aparato da memória do bairro. Mas para compreensão do time como esse condutor identitário foi necessário percorrer fontes vivas de memórias, fossem elas campineiras ou não, atleticanas ou não, além de documentos e bibliografias que estimularam os questionamentos sobre as referências afetivas existentes em Campinas e a relevância de cada uma delas para os indivíduos e para a comunidade. Os apontamentos teórico-conceituais contribuíram para a apreensão do sentido da cidade e do bairro, promovendo a discussão de algumas territorialidades, do sentido de pertencimento do sujeito campineiro, da ponderação sobre a importância de Goiânia para Campinas e da avaliação pontual do estudo de caso, e dos seus torcedores como tradicionais campineiros, herdeiros da campinidade, apaixonados atleticanos ou efêmeros.

Fundamentado em vários autores, mas principalmente nos relatos orais e no exercício etnográfico como meio exploratório da cidade, e como a maneira de se reconhecer os lugares, as paisagens e as apropriações realizadas em Campinas, esse trabalho mostrou as tensões que existiram entre a cidade-bairro e Goiânia, colocando o jogo do poder a que ambas sucumbiram no centro dessa relação, cujo final, no âmbito espacial, daria a vitória esmagadora para a capital, mas se avaliado por outros aspectos, apontaria a força que as territorialidades campineiras conseguem alcançar,

colocando Goiânia em seu lugar, como uma jovem cidade em busca da construção de sua identidade.

Mesmo existindo um sentimento de injustiça entre moradores antigos de Campinas e os novos anseios vindos com Goiânia, entremeadas no bairro tradicional, estão muitas histórias que dão vida e testemunho de momentos que valeram e valem a pena dos tempos passados e que demonstram a grandeza que são os 208 anos da Campininha das Flores. A rivalidade deu lugar ao incentivo por deixar o legado para gerações futuras e isso estimula manifestações afetivas por Campinas em várias situações. Seja ao perambular pela zona mais residencial do bairro e se deparar com o modo de viver próprio daquela região. Seja ao frequentar alguns comércios que vivenciam Campinas há vários anos e dispensam aos seus clientes atenção e carinho. Seja nas manifestações religiosas da Igreja Matriz que acontecem semanalmente. Seja nos jogos do Dragão Campineiro e na simplicidade daquela torcida reconhecida por suas charangas, bandeiras de mastro e a proximidade com o clube.

Longe de querer trazer respostas absolutas sobre esse sentimento bairrista de muitos campineiros, e não objetivando traçar um perfil único dos moradores do bairro e nem tampouco dos atleticanos, essa pesquisa oferece um caminho de discussão ainda não realizado sobre Campinas, na perspectiva do seu time de futebol. Através do modo de fazer o torcer, intimamente ligado ao modo de viver do bairro, baseado na amizade, no espírito de vizinhança, na ação em comunidade. Pelo bairro e pelo time, pessoas uniram-se por um propósito o qual conseguiram, sem violência, impor o sujeito campineiro e não só isso, reivindicar soluções para resolver questões identitárias que estavam em risco eminente de ser dissolvida, quando o clube quase perdeu o seu estádio.

Para conseguirem esse feito, os atleticanos formaram a ATAAC, uma associação que lutou com o intento de salvar o patrimônio material, o Estádio Antônio Accioly, mas mais do que isso, lutou para mostrar aos próprios diretores do clube e a sociedade goianiense que aquele lugar não era um espaço qualquer. O Accioly não representava apenas um gramado qualquer que poderia facilmente ser substituído. Ali existia uma história vivida desde 1937.

Embora não fosse o estádio mais bonito, houvesse desconforto quanto as arquibancadas descobertas e com pouco espaço para o torcedor, ou o bar com aspecto improvisado, a falta de estacionamento interno, banheiros com instalações velhas e desconfortáveis, e todo o modo simplório do lugar. Ainda assim, com a sua

estranheza ou simplicidade e imagem de improviso, sua contradição do não-conforto, o Antônio Accioly era um estádio evidentemente vivo: pulsante. Carregava com ele a história de um clube que viveu lá muito antes de se pensar em transformá-lo em um estádio propriamente dito. Hoje os torcedores esperam ansiosamente pelo retorno do seu estádio que se encontra em reforma.

Geograficamente, o Accioly não se encontra dentro dos limites administrativos de Campinas. E essa informação tem importância, justamente pelo fato da identificação do time estar aliada ao limite afetivo. A assimilação do Atlético se fez como lazer e vida social de Campinas, ou seja, uma territorialidade campineira. E esse processo de apropriação se deu pela própria história do time, de luta, de momentos de glória e outros de decadência, assim como acontece na vida das pessoas. Um time do povo, formado por jogadores da várzea que foram profissionalizados ali. Um clube aguerrido que não parou de lutar por sua ascensão, mesmo quando esteve totalmente desacreditado. E foi esse poder de se reerguer um dos motivos que possibilitou a identificação dos indivíduos.

Isso proporcionou a movimentação social que lutou pela reconstrução do estádio, ajudando na compra de materiais, promovendo eventos para integrar mais torcedores, demonstrando o significado que ele conquistou na memória afetiva do campineiro, no sentido de identidade do bairro e também pela rivalidade estabelecida entre os dois clubes de futebol, Atlético e Goiânia, como uma forma do campineiro impor o seu espaço simbólico, suas tradições, seu modo de viver para a cidade de Goiânia.

O futebol exerce fascínio entre as pessoas e tem um poder de integração incompreensível para quem não vivencia o esporte e é por isso que pessoas lutam todos os dias. Janet Lever no livro *A loucura do futebol* (1983) citou a importância que o Pelé conquistou ao longo de sua carreira como jogador, observando a impressionante suspensão da guerra civil entre Nigéria e Biafra por um dia, a fim de que ele pudesse jogar lá. Imaginem a grandeza desse acontecimento. É a capacidade fantástica de promover igualdade entre grupos desiguais, levando um tempo de paz.

Um filme americano dos diretores Peter Farrelly e Bobby Farrelly, cujo nome é *Fever Pitch* (2005), uma expressão britânica que significa “um estado de intensa excitação” produziu um diálogo interessante entre os personagens principais, Ben e Lindsey, em que ele, um torcedor fanático do time de beisebol, *Boston Red Sox*,

explica a sua namorada, o que foi perder um jogo importante contra o maior rival do seu time, os *Yankees*:

Lindsey: É só um jogo.

Ben: Obviamente não é só um jogo! Se fosse, eu não me importaria! São 23 anos. Você se importa com algo como há 23 anos? Que tal 10 anos? 5 anos? Diga uma coisa para que ligue há 23 anos.

Lindsey: É..não há nada que eu queira há 23 anos, porque há 23 anos eu tinha 7 anos [...] (FARRELLY, P.; FARRELLY, B. , 2005).

Ele se importava com aquilo há 23 anos, porque seu tio havia passado aquele legado e o justo seria que Ben fizesse a transmissão para o seu herdeiro. É um filme fantasioso, mas o diálogo é muito claro, poucas pessoas se importam com algo por tanto tempo consecutivo, mas o esporte para torcedores tradicionais, funciona assim. Você provavelmente iniciará a vida e terminará torcendo pelo mesmo time, principalmente os herdeiros da torcida que recebem uma espécie de elemento sagrado de seus antecessores e isso deve ser levado para suas futuras gerações.

O Atlético desempenha o papel de elemento sagrado para muitos torcedores. Para outros, atinge a função de artefato social que promove integração na comunidade. É claro que o orgulho local dos goianienses e em especial dos campineiros é estimulado por outras coisas. Seja pelo cenário do rock independente existente na cidade, a agropecuária ou o sertanejo como fundamentais na identidade goiana, ou a orquestra que tem reconhecimento nacional, o pequi como fruto do cerrado. Contudo, o orgulho é acentuado em uma situação competitiva, quando os estabelecidos se sentem unidos contra os *outsiders*. Até mesmo os não torcedores se sentem atraídos pelo ânimo da massa, no momento em que sua equipe disputa uma final e supera tudo. Os símbolos da equipe ajudam as pessoas a criarem um espírito coletivo e se identificar com a área metropolitana mais ampla.

Dessa forma, esse estudo deu vazão para outros trabalhos que possam vir a ser desenvolvidos em relação as várias territorialidades campineiras e aos torcedores do Atlético.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Maria Aparecida Blaz Vasques. História, memória, identidade e história oral. **Jus Humanum – Revista Eletrônica de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade Cruzeiro do Sul**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 6, jan.-jun. 2012.

ANDRADE, Antônio Gil da Silva. **Estádios de Futebol**: das Arenas aos Circos. 2007. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ANDRADE, Carlos Drummond de. O momento feliz. In: **Quando é dia de futebol**. 1.^a ed. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

ARAUJO, Frederico Guilherme Bandeira de; HAESBAERTH, Rogério (Orgs.). **Identidades e territórios**. Rio de Janeiro: Acess, 2007, p.136.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares** – introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Lisboa: Editora Letra Livre, 1994.

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. **Anuario histórico, geográfico e descritivo do estado de Goyaz para 1910**. Brasília: SPHAN/8^a DR, 1987.

BÂ, Amadou Hampaté. **A tradição viva**. São Paulo: editor Ática, 2010.

BALE, John. **Landscapes of Modern Sports**. Leicester: Leicester University Press (UK), 1994.

BAILEY, Kenneth D. **Typologies and taxonomies**: an introduction to classification techniques. Series: Quantitative applications in the social sciences. Thousand Oaks, California: Sage Publications Ltda, 1994.

BARBOSA, Juarez da Costa. Campininha das Flores: História Cronológica. In: SILVA, Antônio Moreira da; GALLI, Ubirajara (Orgs). **Campininha das Flores e sua história**. Instituto Cultural José Mendonça Teles. Goiânia: Scala Editora, 2010. p.45-57.

BAREL, Yves. **O social e seus territórios**. In: Auriac, F. e Brunet, R. (orgs.) Espaces, Jeux et Enjeux. Paris: Fayard e Fondation Diderot, 1986.

BAUDELAIRE, Charles. **Poesia e prosa**. Tradução: Joana Angélica D'Ávila Melo e Marcella Mortara. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

_____. **Sobre a Modernidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.c

_____. **As flores do mal**. Edição bilíngue. Tradução:, introdução e notas de Ivan Junqueira. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. Tradução: José Carlos Martins Barbosa, Hermeson Alves Baptista. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BORGES, Jorge Luis. **O livro dos seres imaginários**. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. Carta Lei de 25 de Março de 1824. **Constituição Política do Império do Brasil**, Brasília,DF, mar 1824.

CAMPOS, Adriana Pereira et all (Orgs.). **Territórios, poderes, identidades: a ocupação do espaço entre a política e a cultura**. Vitória: GM Editora; Paris: Université de Paris – Est; Braga: Universidade do Minho, 2012.

CAMPOS, Itaney Francisco. **Notícias históricas do Setor Campinas**. Goiânia: Prefeitura Municipal, Assessoria Especial de Cultural, 1985.

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida; GOMES, Hagar Espanha. Taxonomia e classificação: o princípio de categorização. **Data Grama Zero**: revista de ciência da informação, v. 9, n. 4, artigo 1, ago, 2008, p. 1-22.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis - RJ: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. Tradução: Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis - RJ: Vozes, 1996.

CIAM. **Carta de Atenas**. Atenas, 1931.

CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (CONANDA) E CONSELHO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL (CONAS). **Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes**. Brasília, p. 105. 2009.

COSTA, Fúlvio. Matriz de Campinas é elevada à dignidade de Basílica. **Arquidiocese de Goiânia** – Encontro Semanal, Goiânia, 15 mai. 2016. Capa, p.5.

DAHER, Tânia. **Goiânia**: uma utopia europeia no Brasil. Goiânia: Instituto Centro Brasileiro de Cultural, 2003.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco.1997.

DAMATTA, Roberto (Org). **Universo do futebol**: Esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke. 1982.

DAOLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, Paulo César R. (org.). **Futebol: Paixão e Política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 33 a 39.

DAOLIO, Jocimar (org.). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

DINIZ, Anamaria. **Goiânia de Attilio Corrêa Lima (1932-1935)** – Ideal estético e realidade política, 2007, p.250. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

DUARTE, Adriane. **O nascimento de Zeus e outros mitos gregos**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1988.

DURHAM, Eunice Ribeiro; THOMAZ, Omar Ribeiro (Orgs.). **A Dinâmica da Cultura: Ensaio de Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. 2. ed. Traduzido por Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulus. 2000.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1985.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe operária em Inglaterra**. Tradução: Analia C. Torres. Apartado-Porto: Edições Afrontamento, 1975.

FERNANDES, Florestan. Futebol onírico. In: **Folha de S. Paulo**, 13.jun.1994, p. 1-2.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Tradução: Luiz Baeta Neves. 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas** – uma arqueologia das ciências humanas. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GIULIANOTTI, Richard. Fanáticos, seguidores, fãs e flâneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. **Recorde**: Revista de História do Esporte Artigo v. 5, n. 1, jun., 2012.

GOIÂNIA. Decreto n. 002, de 29 de março de 2001. Inicia processo de tombamento do Complexo Construtivo e Arquitetônico, conhecido como Estádio Antônio Accioly. **Diário Oficial de Goiânia**, Goiânia, GO, n. 2.679, p.6, 29 mar. 2001. Resolução n.002.

GOMES, Horieste. **A saga do Atlético Clube Goianiense**. Goiânia: Ed. do Autor, 2015.

GOMES, Horieste. **Lembranças da Terrinha**. Goiânia: Ed. do Autor, 2002.

GODINHO, Daniele Severino de Souza. **Comércio e Memória Urbana**: um estudo do bairro de Campinas em Goiânia. Dissertação (Mestrado em Projeto e Cidade) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: o caso da Copa de 70. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, set 2004. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2017.

HAESBAERT, Rogério. Definindo território para entender a desterritorialização. In: **O mito da desterritorialização**. Do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: editora Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HELAL, Ronaldo. **Passes e Impasses** - Futebol e Cultura de Massas no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

JORGE, Rogério Ribeiro. **Território, Identidade e Desenvolvimento**: uma outra leitura dos Arranjos Produtivos Locais de serviço no rural. 2009, p. 304. Tese (doutorado) – Faculdade de filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-04022010-140724/pt-br.php>, acesso em: 08 de abril de 2018.

LAPLANTINE, François. **A descrição etnográfica**. Tradução: João Manuel Ribeiro Coelho e Sergio Coelho. São Paulo: Terceira Margem, 2004. 137p.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. Tradução: Marie Agnes Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. Da ciência biológica à social: a trajetória da antropologia no século XX. **Revista Habitus**, Goiânia, v. 3, n. 2, p. 321-345, jul/dez. 2005.

LEAL, Oscar. **Viagem às terras Goyanas**: Brazil Central. Lisboa: Typographia Minerva Central, 1982, 255 p.

LEVER, Janet. **A loucura do futebol**. Tradução: A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Editora Record, 1983.

LEVINE, Robert M. Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; WITTER, José Sebastião (Orgs). **Futebol e Cultura**: Coletânea de estudos. São Paulo: Imprensa Oficial: Arquivo do Estado, 1982, p.21-44.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Tradução: Antônio Marques Bessa. Portugal: edições 70, 1977.

LIMA, Attilio Corrêa. Goiânia: a nova capital de Goiás. **Revista Arquitetura e Urbanismo**, Rio de Janeiro, ano 2, p. 140-141, Mar/Abr. 1937.

MANSO, Celina Fernandes A. (org). **Goiânia art déco**: acervo arquitetônico e urbanístico - dossiê de tombamento. Goiânia: SEPLANH, 2010.

MANSO, Celina Fernandes Almeida. **Goiânia** – uma concepção urbana, moderna e contemporânea: um certo olhar. Goiânia, Edição do autor, 2001.

MATTOS, Raimundo José da Cunha. Corografia histórica da província de Goiás. RIHGB. **Tomo 37**. Primeiro Trimestre. Rio de Janeiro: R.L. Garnier. Livreiro:editor, 1874, p. 213.

MATTOS, Raimundo José da Cunha. Corografia histórica da província de Goiás. RIHGB. **Tomo 38**. Parte Primeira. Rio de Janeiro: R.L. Garnier. Livreiro:editor, 1875, p. 5-150.

MATTOS, Raimundo José da Cunha. Corografia histórica da província de Goiás. RIHGB. **V.325**, out/dez 1979, p.285.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; WITTER, José Sebastião (orgs.). **Futebol e Cultura**: coletânea de estudos. São Paulo: Imprensa Oficial: Arquivo do Estado, 1982.

MELO, Ivo Pinto de. **Do cofre da vida**: causos da Campininha das Flores de Nossa Senhora da Conceição. Goiânia: Kelps, 1998.

MELO, Victor Andrade de. Por uma história do conceito de esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Esporte**, Campinas, v. 32, n. 1, set. 2010, p. 41-57.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Tradução: Yara AunKhoury. *Revista Projeto História*, São Paulo: PUC-SP, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

MONTEIRO, O. S. N. **Como nasceu Goiânia**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1938.

NÖTH, Winfried. **Panorama da Semiótica**: de Platão a Peirce. São Paulo: Annablume, 2000.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. **História cultural de Goiânia**. Goiânia: editora UFG, 2003.

ORTÊNCIO, Bariani. Opinião do Leitor. **O Popular**, Goiânia, 14 de fev. 2003. Caderno Opinião do Leitor, p. 5

ORTÊNCIO, Bariani. **História documentada e atualizada de Campinas 1810-2010**. Goiânia: editora Kelps, 2011.

Paul Klee. Diários, página 108, Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1990.

PLATÃO. **Os pensadores**. Tradução: José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

PETROBRÁS. **Brasileirão Petrobrás**: Dragão da virada. Torcida Dragões Atleticanos. Disponível em: < <https://youtu.be/qsK0Zi69FiY> >. Acesso em: 16 mai. 2017.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: Ed UFRJ, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

Portal da Prefeitura de Goiânia, Gabinete Civil. **Decreto 3359/1933**. Disponível em: < (http://www.gabinetecivil.go.gov.br/historia/goiania/decreto_3359.pdf) >. Acesso em: 12 de junho de 2017

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RETONDAR, Jeferson. **O jogo como conteúdo de ensino na perspectiva dos estudos do imaginário social**. Revista Brasileira de ciências do esporte, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 413-426, 2011.

RIBEIRO, Wagner Costa. Do Lugar ao Mundo ou o Mundo no Lugar? **Terra Livre AGB**, n. 11, v. 12, p. 237-242, 1993.

RIBEIRO, Maria Eliana Jubé. **Infraestrutura verde**: uma estratégia de conexão entre pessoas e lugares. Por um planejamento urbano ecológico para Goiânia. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUUSP), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

RIVIÉRE, Claude. **Os ritos profanos**. Petrópolis, RJ. Vozes, 1997.

ROCHA, Gilmar. A etnografia como categoria de pensamento na antropologia moderna. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 14/15, 2006, p. 99-114.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.

ROCHA, Hélio. A gênese de Campinas. In: SILVA, Antônio Moreira da; GALLI, Ubirajara (Orgs). **Campininha das Flores e sua história**. Instituto Cultural José Mendonça Teles. Goiânia: Scala Editora, 2010. p.27-44.

SANTIN, Silvino. **Educação física**: da alegria do lúdico à opressão do rendimento. Porto Alegre: Edições EST/ESEF – UFRGS, 1994.

SACK, Robert. **The human territoriality** - its theory and history. Cambridge, Cambridge University Press, 400 p, 1986.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SILVA, Welinton. **A freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Campinas**. Goiânia: editora Kelps, 2017.

SIQUEIRA, José Assuero de. **Pequena Corografia de Goiás**. Imprensa Metodista, 1942.

TBC Cultura. **Atlético** – Uma História fantástica – Parte 1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iZF7yVz_8QM>. Acesso em 08 de jun. 2017.
TEIXEIRA, Pedro Ludovico. **Memórias**. Goiânia: Livraria Editora Cultura Goiana, 1973.

TELES, José Mendonça. **Atlético** – Sentimento & Glória. Goiânia: Gráfica e Editora Kelps Ltda, 2005.

TERRIN, Aldo Natale. **Antropologia e horizontes do sagrado**: culturas e religiões. São Paulo: editora Paulus, 2003.

THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

TYLOR, Edward Burnett. **Primitive Culture**. Reino Unido: Cambridge University, 1871, p.426.

TYLOR, Edward Burnett. **Primitive Culture**. Reino Unido: Cambridge University, 1920.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução:: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2015.

VILHENA, Maria Ângela. **Ritos expressões e propriedades**. São Paulo: Paulinas, 2005.

VIEIRA, Patrick Di Almeida. Atílio Corrêa Lima e o planejamento de Goiânia – Um marco moderno na conquista do sertão brasileiro. **Revista Urbana – Dossiê: os eruditos e a cidade**, Campinas-SP, v.4, n.4, p.52-66, Mar.2011.

VOGEL, Arno. In: DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol: Esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke. 1982.

ZUKIN, Sharon. Paisagens do século XXI: notas sobre a mudança social e o espaço urbano. In: ARANTES, Antônio Augusto. (org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papyrus, 2000. p.104-115.

Filmografia

FEVER Pitch. Direção: Peter Farrelly; Bobby Farrelly. Roteiro: Lowe Ganz; Babaloo Mandel. Elenco: Drew Berrymore; Jimmy Fallon; Jack Kehler e outros. Twentieth Century Fox: EUA. (104 MIN), Color., 2005.

FORA de Campo. Direção: Adirley Queirós. Roteiro: Adirley Queirós. Produção: Adirley Queirós; Adriana de Andrade; Dácia Ibiapina; Maciel Guimarães. Ceilândia: Ceicine. (52 MIN), Color., 2009.

Acervo de Imagens

Bariani Ortêncio. 2011.

Carolina Oliveira. 2018.

Celina Manso. 2011.

Cristina Maria Costa Prado. 2010, 2017 e 2018.

Charlandro Brito. 2018.

Daniele Severino de Souza Godinho. 2006 e 2018.
Eduardo Bilemjian. 1930.
Google Earth. 2018.
Hélio de Oliveira. 1940.
Horieste Gomes. 2015.
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A/D.
José Mendonça Teles. 2005.
Maria Eliana Jubé Ribeiro. 2004.
Marcos Alleotti. 2017.
O Popular. 2004.
Revista Placar. A/D
Richard Giulianotti. 2012.

Entrevistas

ARAÚJO, Marcos. Entrevista concedida a Cristina Maria Costa Prado. Goiânia, jun. 2018. Celular ASUS (08 min).

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Cristina Maria Costa Prado. Goiânia, out. 2017. Celular ASUS (31min).

COSTA, Maria Terezinha. Entrevista concedida a Cristina Maria Costa Prado. Goiânia, jun. 2017. Celular ASUS (15 min).

COSTA, Ronie Gabriel. Entrevista concedida a Cristina Maria Costa Prado. Goiânia, jun. 2017. Celular ASUS (15 min).

COSTA, Jalmes. Entrevista concedida a Cristina Maria Costa Prado. Goiânia, jul. 2017. Celular ASUS (21 min).

GOMES, Horieste. Entrevista concedida a Cristina Maria Costa Prado. Goiânia, set. 2017. Celular ASUS (99 min).

LEITE, Adão Batista. Entrevista concedida a Cristina Maria Costa Prado. Goiânia, mai. 2018. Celular ASUS (20 min).

LEITE, Dinorá. Entrevista concedida a Cristina Maria Costa Prado. Goiânia, mai. 2018. Celular ASUS (08 min).

MENDES, Pedro Pacheco. Entrevista concedida a Cristina Maria Costa Prado. Goiânia, mar. 2018. Celular ASUS (45 min).

PRADO, Carlos Magno da Silva. Entrevista concedida a Cristina Maria Costa Prado. Goiânia, mai. 2018. Celular ASUS (10 min).

SILVA, Albertino Marco da. Entrevista concedida a Cristina Maria Costa Prado. Goiânia, mar. 2018. Celular ASUS (15 min).

SOUZA, Júlio César. Entrevista concedida a Cristina Maria Costa Prado. Goiânia, mai. 2018. Celular ASUS (23 min).

ANEXO

Anexo 1 – Mapa das territorialidades atleticanas em Goiânia.